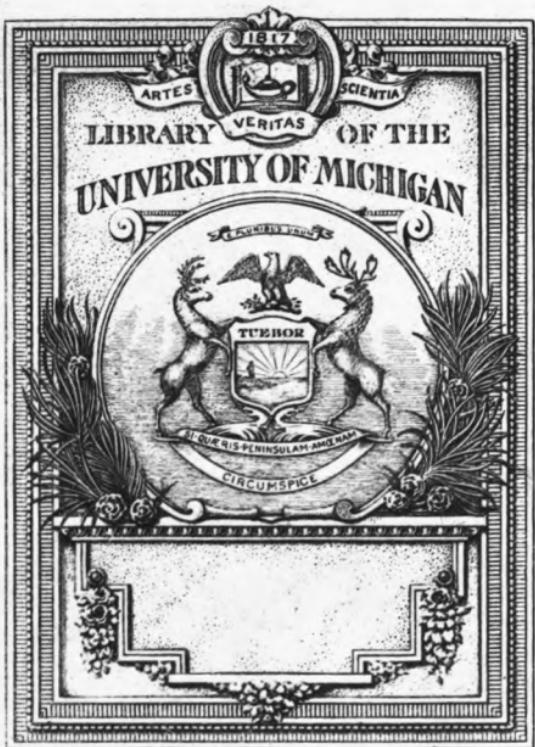


A 466970

SA



829.8
R196v
1934

llecção

"OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS"

L.1

869.8

R 196v

1934

GODOFREDO RANGEL

Vida ociosa



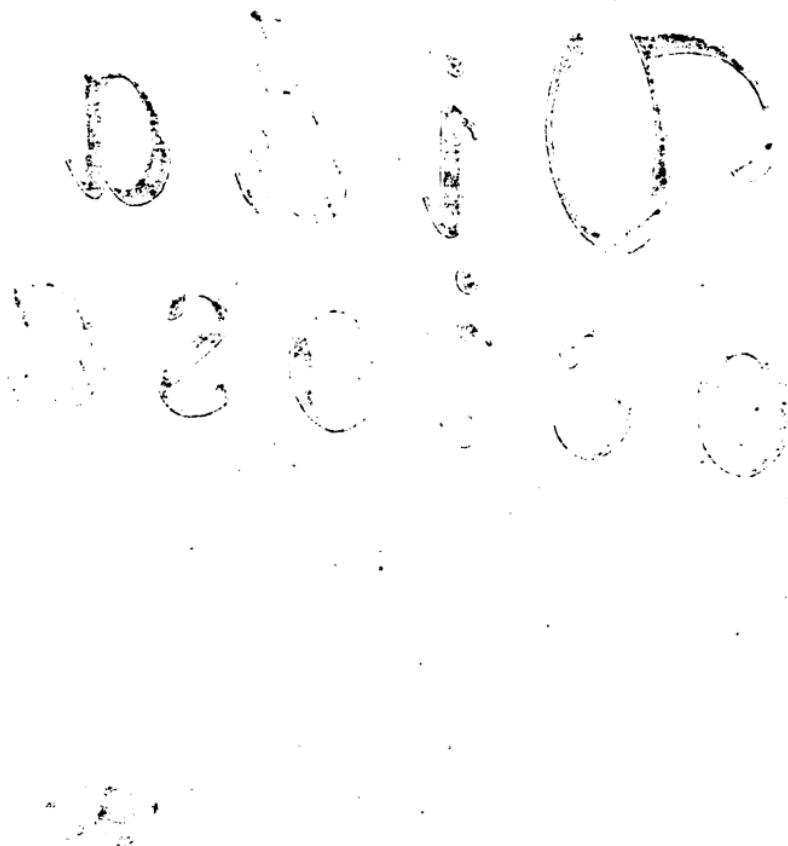
Printed in Brazil

1934

COMPAÑHIA EDITORA NACIONAL

ALAU
LAU

DEMAR OCT 190000



Deer

VIDA OCIOSA

OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS

Vol. I

GODOFREDO RANGEL

VIDA OCIOSA

SEGUNDA EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO — BAHIA — RECIFE — LISBOA

Do mesmo autor :

A PHALANGE GLORIOSA — Romance — 1917 —
Folhetim no “Estado de São Paulo”.

ANDORINHAS — Contos — 1922 — Monteiro Lobo-
to & Cia. — S. Paulo.

A FILHA — Narrativa romantica — 1929 — Imprensa
Official — Belo Horizonte.

869.5

1116.5

132.5



Romance language
Steckert
7-24-45
52929

ÍNDICE

	PAG.
Prologo dispensavel	5
A estrada	31
Ruinas	43
Acolhimento cordial	55
Um genio encyclopedico.	61
Ao café.	71
O hospede	85
Manequinho	93
O dr. Formiguinha	103
Bocejos e guloseimas.	111
Tedio	121
Uma historia de caçadas.	135
No barreiro.	145
Horas de ocio.	153
O aguaceiro	163
Pirata	175
Fumegações	187
A cavallo	193
O sentenciado Lourenço.	201
Crescite et multiplicamini	215
A cachoeira	229
Dupla surpresa	243

Prologo dispensavel

(A MONTEIRO LOBATO)

*Officio que me quadre ao molde
ainda não sei de nenhum. Agora o do
actor que, antes do acto, vem á bocca
da scena antecipar o trama e as impres-
sões da peça, é o que menos me seduz.*

*Arrostar sozinho os bocejos do pu-
blico é proeza, já de si, muito espinho-
sa. Quem se abalança a isso deveria ter
intuito menos impertinente e menos
vão do que figurar depressa e em ter-
mos vagos o que logo se poderá ver por
extenso e em propria forma.*

*Vem dahi que emprego peor não
ha: porque é inutil, mas não é facil. Não
ignoro ser proprio do homem o tentar
difficuldades, posto que inuteis, só pe-*

lo gosto de as vencer. — Foi por isso que Peary e Shackleton descobriram os dois polos: um polo para cada um... (E não haver mais polos na terra... Que maçada!) — Por isso, também, eu me dedico ao xadrez, que é sempre ignoto, inexplicável, e a mais difícil das ocupações inuteis.

Joguemos xadrez, Lobato amigo.

— Escrever? Escrever prefácios?
— Nada; não caio nessa. Si V. me quer enredado em feito difficultoso, seja: — dou-lhe uma torre de partido! Prefiro este risco, de que sairemos ambos, airosoamente, vencido, ou vencedor, á temeridade presumptuosa de prefaciár o livro de estréa de Godofredo Rangel — empresa em que não há quem ganhe, em que o livro perde, em que só eu me arrisco. Bruno, o escriptor portuguez consagrado, que era, e vitorioso, confessa-se perplexo no prefacio dos Contrastes e Confrontos de Euclides da Cunha. Ora, eu estou muito longe de um Bruno, mas Rangel não o estará tanto de um Euclides. Logo, sobram-me razões para não tentar o perigo.

Demais, eu já sei que Godofredo

Rangel não quer prefacio, que não precisa de prefacio.

Eis aqui um conhecimento certo, baseado em facto historico positivo, em ponto da psychologia do autor não menos indubitável.

O estudante de direito que fundou o Minarete, ha quinze annos, não pode admittir prefacios hoje, embora, como elle conta, esteja “bacharel e juiz num termo sertanejo”.

Pois, o que é um prefacio?

— E' isto. Chega o autor deante do publico, e offerece-lhe o livro, que acabou de escrever.

O gesto está dizendo o que não é preciso dizer: — “Ora, leiam-no, e vêjam lá que tal.” — Eis, porém, que, entre leitor e livro, interpõe-se um sujeito grave, com ares de maioral das letras, sabedor de cousas, influente no publico e providencia dos novos, com esta fala inaugural: — “Meus senhores. Vossos aplausos são preciosos e eu orgulho-me de os ter grangeado, graças ao engenho que me conheceis. Conheci-me tambem agora a generosidade.

Apresento-vos aqui o meu amigo, em quem diviso alguns talentos, que vós tambem divisareis, depois que eu vol-os mostrar. Sejam tambem para elle algumas das palmas costumeiras, com que premiaes as minhas vozes". — Bem se vê que tal discurso, mau grado os artifícios da linguagem, não passa de apresentação, dissimulada e, demais, tendenciosa, com todas as chapas e etiquetas do estylo convencional.

Só lhe falta um "estimo muito conhecel-o" e um "seu creado, ás ordens". Ora, formalidade e chapa eram crimes de anáthema, para tres vezes malditos, na instituição do Minarete. Lá havia, até, fiscaes incumbidos de colher e denunciar as que escapassem por um descuido. Não será, pois, deliberadamente que eu haja de incorrer nas iras do fundador. Não escrevo o prefacio.

Nem todos entenderão estas razões.

O publico ignora o que foi o Minarete; e é pena, porque da sua historia, que ainda não foi escripta, ha de raiar luz necessaria, não só sobre este arrazoado, particularmente, como sobre outras escuridades, muito mais di-

gnas de clareza, das nossas letras em geral.

Que se opera hoje um renascimento das letras brasileiras é facto notorio e noticiado. Autores novos e novos livros annunciam-se com frequencia des-acostumada. A nossa vida literaria, depois de entanguecida em longa hibernação, refloresce com estuar de seiva, como si entrassemos, afinal, em tempos melhores, de mais calor ambiente e mais trabalho interno.

Deve haver, para tanto, causas geraes, nas raizes profundas, a cuja cata, a estas horas, já andarão por subterraneos da historia os nossos la Harpes, Taines, e Sainte-Beuves, com a lanterna da hypothese e o garavanço da analyse. Mas essa é empresa de muito folego. Não me sinto apercebido, nem talhado, para me atrever tão largo, nem tão fundo. Não escruto a historia e não desentranho raizes.

E agora, sobre estas raizes, é que havia de calhar como chuva do céo o veneravel proverbio de La Fontaine:

*Les longs ouvrages me font peur;
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur;*

Porque esta ideia da flor, no figurado, é de afinadissimo effeito com a minha metaphora botanica. Comtudo o calumniado Pacheco, do Eça, tem tão bom, e mais breve: — “o talento verdadeiro só hade conhecer as cousas pela rama.” E vem a ser, com menos modestia, o que La Fontaine quiz dizer. Por onde se prova que nem só os genios se encontram, e que as citações tambem perigam por excesso de oportunidade.

Citar La Fontaine para convir com Pacheco, dispensa-se. Nem era necesario tamanho rodeio para concluir, como eu pretendia, que, a colher a flor, ou a adejar pela rama, só me basta dizer do actual momento literario o que torne comprehensivel a participação do Minarete.

O retrocesso de quinze annos lá nos depara o surto inicial desta revivescência, num microcosmo curiosissimo, ver-

dadeira ninhada de escriptores que se emplumavam em um desvão da Paulicéa. Meia duzia de estudantes reunidos pelo acasó, alli se ligaram por affinidades de espirito e de caracter, para juntos viverem uma existencia tão sacudida de emoções de arte, sentida e produzida, em vibrações tão intimas e tão intensas, que não haveria abafar-lhes as resonancias futuras.

Quem se entrega assim de corpo e alma aos encantamentos da creação artistica, obriga-se a correr a sorte das paixões incuraveis, que arrastam inexoravelmente uma vida inteira para uma das duas clausulas: Vencer ou falhar.

— Ora, o que se nota aqui, deveras caprichoso, é que a deusa cortejada, a Dulcinéa intratavel dos escriptores, a todos elles, um por um, tenha recompensado a vassallagem como a eleitos.

Monteiro Lobato é o autor dos URU-PÊS; e basta dizer isto. Ricardo Gonçalves, victima da propria chamma que o arrebatou numa tragedia, será “o mais genuino dos nossos poetas” no dia, felizmente proximo, em que vier a publico o livro dos seus versos. J. A. No-

gueira, com o seu estranho romance AMOR IMMORTAL é citado como um dos nossos escriptores de mais forte personalidade, profundo na intenção philosophica, ousado na concepção, feliz na realização, "capaz de grandes cousas", na frase de Alberto de Oliveira.

Eis que agora surge Godofredo Rangel com VIDA OCIOSA, seu primeiro livro a imprimir-se de uma série inédita; sejam os outros como este, e será uma série de legitimos triumphos.

Depois de Lobato, Ricardo, Nogueira e Rangel, não é difficult, porque é possivel e até certo, que outros da familia do Minarete ainda tragam a publico obras do melhor quilate.

Pois não é extraordinario isto?

Quando se pensa que, espalhados do alto do equador abaixo do tropico, existem chronicamente pela vastidão do Brasil tres gerações de escrevedores, escrevinhadores e escriptores, de pena em riste, num continuo assalto á gloria litteraria; e quando se nota que o fim geral de tamanha lucta, e rabiscar tão infatigavel, é um cemiterio ca-

da vez maior de nomes, esquecidos e sepultados sob montanhas de papel impresso, para se vender aos kilos: — é pura maravilha que de um Minarete de bohemios, como de uma caixa de magicas, saltassem fóra, feitos e consagrados, um poeta e tres prosadores, de verdade, em carne e osso. Parece que vae nisso embuste de pelotiqueiro. Pelo menos é a suspeita do espectador finorio que não crê satisfatoriamente em varinhas magicas nem nos seus condões.

E o espectador incredulo não desconfia em vão; porque houve segredo de arte no encantamento do Minarete. Qual?

Tenho por optimo divertimento o explicar sortes de passe-passe, sobretudo quando já se sabe a traça, e os mais da companhia arregalam olhos curiosos para a gente, a interrogar — como é? — Processo recommendavel, quasi a salvo de perigos, para exhibir talentos de emprestimo, e saborear vaidades que não offendam as alheias. Valerá a pena a explicação do Minarete? E' o que se verá depois do feito.

Coragem, portanto, amigos, e em breve me dareis a resposta, ou eu mesmo a adivinharei.

Examinada por fóra, não se descobre nada de assombroso, nem de fantástico, nesta caixa de segredos. O Minarete era um chalé, no Belemzinho, sim senhor, por onde não consta que corressem lendas de avantesmas, nem de almas penadas. Chalé ao fundo da rua, gradil na frente, ao lado uma paineira. No andar terreo, morada de burguezes; no alto, sob o telhado, em ponta, de duas aguas, duas salas unicas, primitiva habitação de Rangel, a quem mais tarde foram adherindo Ricardo, Lobato, Lino, Raul, Nogueira, Albino, Candido, cidadãos de uma "republica" comunista, cujos membros reunidos formavam o Cenaculo. A séde, por ser o chalézinho esguio, alteando o pescoço sobre aquelle ermo, foi chamada o Minarete, nome allusivo á vaga similitança architectonica e, tambem, aos ideaes dos cenaculistas — nada menos que, á moda de muezzins de uma religião de arte, atirarem por aquellas ja-

nellinhas desbotadas, como phalanges, a voz da Ideia, com I maiusculo, “penetrante como agulhas e limpida como espadas”.

Pequeno o Minarete? — Sim, mas a ideia que o animava era immensa, “e a ideia... a Ideia é tudo!”

Ter uma ideia já não é cousa para muita gente. Pôl-a em pratica, e, demais, ideia da grandeza desta, isso, sim, é que é para muito poucos. O Cenaculo realizou a sua. Não uma, mas todas as vozes dos muezzins vibraram, estremeceram o ar parado, do alto do Minarete.

Somente o Minarete, para o effeito acustico, não era mais o chalé do Belenzinho; e aqui se revela a subtileza do engenho, quando o estimula a Ideia.

A adaptação ao meio tem exigencias, que não podem ser desprezadas por quem quer que procure vencer na lucta pela vida — exigencias que não exceptuam as ideias, porque a Ideia vive, e morre, como as criaturas, por forma que se sujeita ás mesmas leis de evolução. Os prophetas antigos, inclusive Mahomet, davam vida ás proprias ideias pela pregação. Mas hoje os tem-

pos são outros. Prégar de viva voz do alto das janellas, no fundo do Belemzinho, seria ridiculo, alem de ser prégar no deserto... Porque a vida das Ideias hoje se infunde pela imprensa. Nem muezzins, nem arautos; mas jornal. Por isso mesmo o “Minarete”, portavoz do Minarete, era um jornal, nem mais nem menos, conforme requeriam peremptoriamente todas as leis inflexíveis, que Le Bon proclama, sobre a Evolução da Ideia. Isto seria incrivel si eu não tivesse á mão, para mostrar aos incredulos, a inteira collecção desse jornal, cuja vida de tres annos é um prodígio de longevidade, que desbanca Matthusalem. Porque o macrobio da Biblia tinha a graça divina, a seu favor; e um jornal nunca vive de graça. A providencia do patriarcha era Jehovah, dono do mundo; a do “Minarete” foi um simples jornalista da roça, a quem se afigurou esmola do céo o achado feliz de seis rapazes generosos, transbordantes de talento, que “por nada” inauguravam o jornal na integra, lançado, batizado e redigido, desde o artigo de fundo até o folhetim e a secção livre.

E, agora, á obra. Com a séde, o cenaculo e o jornal, o Minarete era uma Instalação completa para crear e animar ideias. Tinha o laboratorio, apparelhos geradores e o orgão de expressão. Podia funcionar com regularidade mechanica.

As ideias incubavam-se alli ás centenas como numa chocadeira, depois envergavam azas; e eil-as, a correr espaço nas folhas do "Minarete".

Verdade é que o "Minarete" circulava um dia por semana, um pouco em Pindamonhangaba e muito mais no proprio cenaculo. Não era, pois, um vôo largo, de aeroplano, que arrebatasse olhos pasmados de uma população inteira.

Mas era vôo, e vôo agitadissimo, bastante para a vertigem da altura; e mais não desejavam aquelles optimos rapazes. Não só não ambicionavam a attenção do publico boquiaberto, como tambem não ligavam a minima atenção ao publico. Desconheciam-lhe a existencia. Uma cousa unicamente os preoccupava: era a vida do Minarete.

Alli se resumia o mundo; e o que

prova a pequenez do mundo é que elle cabia de facto, e inteiro, no Minarete. Porque o resumo de toda a vida do universo está nas obras de arte, com alguma deformação, é certo, mas isso, a troco de maior belleza. A arte é infiel pela propria amplidão do quadro que reflecte. Assim uma bola de espelho, pendurada num terraço, mostra ao mesmo tempo o céo, o parque, o salão, ao lado, e a mesa, em baixo, com o vaso de flores e a cadeira de vime, em que a menina faz crochet: tudo muito bonito, e tudo muito inexacto.

Assim a arte: é imprecisa, porque vê tudo. A sciencia, porém, especializa-se para ser exacta. Mas não é agora occasião de se desenvolver a these. Façolhe este aceno só para explicar que o Minarete era um mundo, pelo menos em imagem, porque vivia em arte e pela arte. As obras de arte, alli, não eram só lidas ou escriptas; mas vividas, literalmente. Lia-se muito, no cenaculo, e de tudo. Ricardo lia Rostand e Lecomte; Rangel lia Zola; todos liam Daudet, Zola, Flaubert, e outros, afora Eça de Queiroz, Camillo e os nossos. Mas liam vivendo; quereis ver?

*Tempo houve em que a leitura
commum era o Tartarin. Sem que nin-
guem o premeditasse o Minarete, da
noite para o dia, virou Tarascon e os
muezzins, por uma transmigração de
almas espontanea, encarnaram-se um
por um, Ricardo no proprio Tartarin,
Negreiros em Bompard, Rangel em Bé-
zouquet, Lobato em Costecalde, e assim
os outros.*

*O andar inferior, morada de bur-
guezes profanos, ficou sendo Beaucaire,
o burgo vizinho e desprezado.*

*Vinha o carteiro com um envelop-
pe garatujado, para o locatario de bai-
xo: - "Não é aqui, senhor! E' em Beau-
caire..." Encontravam-se dois do ce-
naculo, saudavam-se: - "Té, Bézou-
quet!... — Té, Bompard!..." — Certa
vez o director do semanario encom-
mendou artigo de fundo, cousa muito
tesa, questão de derrubar a camara, so-
bre o problema da illuminação publi-
ca, ou antes, da escuridão. Candido Ne-
greiros, incumbido da tarefa, saiu-se
com uma "blague" de que nem Daudet
se lembraria. Depois de verberar caus-
ticamente a desidia da vereança, que*

abandonava a cidade a todos os perigos das noites escuras, sem um lampeão numa esquina, suggeriu varios processos de illuminação, gaz, bico Auer, electricidade, todos caríssimos, incompatíveis, portanto, com “as lastimaveis condições financeiras em que se debatia o municipio”. A' vista do que apontava o exemplo de Beaucaire, em 1893, ao tempo em que lhe presidia a Camara o illustre Mr. A. Pegoulade “que tanto se notabilizou na construcção de pontes sobre o Rhodano”. Lá tambem se defrontou identico problema. Iden-ticos alvitres irrealizaveis se aconselharam. Mr. Pegoulade, no meio de tanta celeuma, apresentou projecto mais modesto, mas imediatamente exequivel, que, por isso mesmo, triumphou da oposição dos despeitados. Porque, então, á Princeza do Norte não aproveitaria a lição dos mais adeantados? Cumpria-lhe adoptar, quanto antes, o “processo Pegoulade”, por forma que a não envergonhasse “dizer aos forasteiros de que era feita a sua illuminação”. — Saiu o artigo e o resultado foi instantaneo e honrosissimo: a camara

resolveu archival-o e nomear commissão de tres membros, encarregada de estudar e emittir parecer sobre o “processo Pegoulade”. Ora o “processo Pegoulade” consistia, imaginem em que... No fogo grego? Nos tubos de Crookes? Na lanterna magica? — Não, senhores: em lampeões belgas, simplesmente, nos velhíssimos, conhecidíssimos, lampeões belgas, de kerozene. Mas foi preciso citar Beaucaire e Mr. Pegoulade para que uma camara municipal os descobrisse e adoptasse, “sem vergonha de o confessar aos forasteiros”.

— *Com que então, lampeões belgas na illuminação?*

— *Belgas?... Dobre a lingua! Muito bom sistema Pegoulade; você não sabe? — Em Beaucaire...*

A troça não foi só troça, como estão vendendo. Foi tambem uma lição de psychologia. Mas este exemplo de influxo do Minarete em negocios publicos forma excepção á regra, convém saber.

A literatura do “Minarete” era, em geral, enigma indecifravel para o publico de um jornal provinciano, “do

interior". Havia uma prodigiosa dissipaçao de ideias, de conceitos, de fantasia, naquellas columnas; e nisso tudo, nada, absolutamente nada, que pudesse interessar um fazendeiro, um negociante, nem mesmo um boticario sertanejo. Não se faziam prognosticos sobre a safra e a cotação alta ou baixa do café; não se tratava do cambio, nem da festa do Divino, nem dos crimes da capital, nem do anniversario do coronel. Literatura unicamente, a serio ás vezes, outras vezes troça, cujo thema constante era a propria bohemia literaria do Minarete.

Lobato, alem do conto, dedica-se á critica. Assumpto: a poesia de Ricardo. Nas Memorias de um Velho, ensaiava-se na prophecia psychologica. Que seria o cenaculo em 1923, o cenaculo "em que havia um poeta, um philosopho, um critico, um dilettante, um orador, um mystico, uma alma e um talento? — O poeta chamava-se Ricardo, o philosopho Albino, o dilettante Candido, o orador Lino, o mystico Nogueira, a alma Raul e o talento Rangel". Em seguida prevê Nogueira padre, Raul obeso, Lino deputado.

Lino, assignando Sheridan, investe contra o cenaculo em artigo truculento. Ricardo era um Victor Hugozinho da roça, lyrico sediço. Lobato: philosopho e arlequim, superficial e barulhento. Raul: um pandego. Nogueira: um fossil. Trava-se polemica. Desanca-se Sheridan: "Seu" anonymo, "seu" "beef"... "e passe bem com batatas".

O publico, o burguez profano, via estas cabriolas desvairadas e coçava a cabeça: — "Ou eu sou burro, ou estes typos são malucos. Vão plantar batatas, seus cacetes!"

E as devoluções choviam cada vez mais bastas. Por forma que após tres annos dessa gymnastica violenta o "Minarete" acabou, aguado, como acabaria um punga de estafeta instigado a esporas de ginete para emprehender façanhas de parelheiro.

Isto não quer dizer que tudo se resumisse em loucas correrias de penna pelo só prazer do exercicio, na collaboração do Cenaculo. Havia tambem trabalho apurado, feito com amor de artista e intuito de perfeição. Basta dizer

que são daquelle tempo, em parte, as Ideias de Jeca e as Cidades Mortas.

O nosso Rangel, por sua vez, escrevia contos. Já estudava as paysagens de Minas. Dizimava os “ques” superabundantes dos seus manuscriptos, e lia Zola.

Sei destas minucias porque de tudo isto me informa a collecção do “Minarete”. Folguei quando á dizimação dos “ques” e ao antigo pendor de Rangel para os aspectos mineiros, que elle pinta como verá quem o ler. Mas o caso de Zola, pareceu-me grave, e confesso que era bastante para me sugerir duvidas sobre a arte de Rangel, si eu já não tivesse lido a Vida Ociosa. Felizmente encontro aqui um conceito que é seguro indicio do seu bom gosto: “monotono e repisado como uma pagina de Zola”... — diz elle de uma cachoeira, onde borbulham peixes. Ora, graças! Rangel lia Zola, mas repudiou Zola. Demais, a declaração não era indispensavel.

O estylo deste escriptor, as descrições, a linguagem, tudo se apresenta com tanta ordem, com tanta clareza e

honestidade de expressão, que não ha descobrir aquelle “realismo de inventario”, como o qualificou Machado de Assis.

Escriptor nefasto ás nossas letras, si houve algum, foi Zola. Estragou irreparavelmente Aluizio de Azevedo, o unico genio do romance que já se viu no Brasil, corrompendo-nos o gosto a duas gerações, pelo menos. Poderosa individualidade presume-se, pois, no que lhe resistiu á conversação prolixia, por mais de tres annos, sem mudança apreciavel da physionomia.

Não conheço ninguem, de facto, mais “individual” do que Rangel. O que me parece caracteristico seu inconfundivel é que elle está presente e se revela até no intimo, ainda quando descreve sitios e paysagens que o impressionaram. Vejam si isto não é verdade na quella descripção da viagem pela estrada, no capitulo inicial. Cada cousa vista desperta-lhe emoções immediatas que se ligam a outras anteriores por éllos inconscientes, numa cadeia de evocações, cujas formas imprecisas elle surprehende e grava instantaneamente,

em paginas que são obras primas de psychoanalyse. Não se descobre reminiscencia de modelos alheios no seu processo descriptivo. Descrevendo, seja qual fôr o objecto, elle retrata-se. Ora, a imitação é, até, impossivel para quem acha em si mesmo o proprio original.

Eis o poder da individualidade, que liberta o artista da tyrannia das escolas. Parece, felizmente, que já se pôde sem escandalo aventurar uma evidencia como esta, porque escola dominante não ha nenhuma nesta epoca. Ninguem é mais, por força, ou romantico ou realista. Livros, de quantos se escrevem, só ha de duas classes: bem escriptos e mal escriptos.

O realismo, o romantismo, o classicismo, até o cubismo, podem ser bons, contanto que sirvam para a cultura de um temperamento, jamais para a sujeição.

E é justamente por uma longa cultura que vamos attingindo, em arte, o tempo da maioridade. Suppomo-nos preparados para uso e goso da indepen-

dencia. Forma-se, hoje, o artista para a arte e não está para o artista, como no passado.

Bolchevismo esthetic?...

— Será. Mas engana-se quem prognostica, dahi, o arruinamento da arte pela anarchia e pela profanação.

Formar independentemente a individualidade do artista é obra, não arbitaria e tumultuosa como parece, mas muito mais difficult e inaccessible aos profanos do que o ensino dogmatico de canones immutaveis, uniformes.

A selecção dos verdadeiros talentos torna-se mais vigorosa, em consequencia da propria supremacia que se ha de attribuir ao senso individual do artista na eleição dos seus processos.

Obra d'arte sem personalidade, nasce morta. Só vivem, de facto, as que reflectem legitimamente a propria vida do artista. C'est moy que je peinds, dizia o sabio e bom Montaigne; porque fóra deste preceito não ha mais que arremedos, artificios, falsificações...

Não fundamento a thése, para não

divagar muito longe do Minarete e do Cenaculo. Restrinjo-me ao sufficiente para termos já meio desvendado o segredo principal do seu encantamento. Alli não se lia só: vivia-se a leitura. Não se imitava: creava-se. Desprezavam-se as formulas. Odiavam-se os chavões. Era a plena independencia.

Affinidades de caracter havia entre todos, sem o que não seria possivel a vida em communhão. Uniformidade, porém, nenhuma, quanto aos gostos, ás tendencias intellectuaes e ao temperamento artistico de cada um.

Somme-se a isto a voluntaria segregação do publico, e eis integrados no Minarete os requisitos todos, favoraveis ao espontaneo desenvolvimento de individualidades que se consagravam ás artes literarias.

Com trabalho e talento, nada mais se precisa para o surto de escriptores que se chamem Lobato, J. A. Nogueira e Godofredo Rangel.

Está desfeita a magica. E o leitor, si não dormiu, achará que a sorte é mui-

to facil e que era excusada a explicação.

Ora, por isso mesmo, já se declara no titulo que este prologo é dispensável. Porque o leu, então?

S. Paulo
8—XI—920.

HILARIO TACITO.

A e s t r a d a

Atravesso um longo trecho do povoado, que ainda dorme na penumbra. A orla do horizonte empallidece. Cantos roucos de gallos erguem-se de todos os quintaes. Arvoredos somnolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relentados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira nevoa adensa-se nas extremidades da rua. Sorvendo até o imo dos pulmões o ar humido e frio, sinto meu sangue reagir alvorocadamente, dando-me uma doce impressão de bem estar.

A estrada. Um resto da melancolia da noite ainda se exprime no cricrilar transnoitado dos ultimos grillos; em compensação, o hesitante rangido com que as primeiras cigarras ensaiam a musica do dia, o crescendo de pios e gorgeios na grande matta do outro lado do rio, annunciam o dia que alvorece.

Essa hora exerce sobre mim effei-
tos contradictorios. Às vezes acabru-
nha-me, intumesce-me o coração com
velhas recordações imprecisas; ha em
minha alma o renascer de sensações
antigas, e que de longinquas jaziam em
lethargo, como mortas. Para despertal-
as basta um quasi nada: um reflexo al-
vacento num alagadiço, um vôo ondu-
lante de passaro, o sussurro da viração
nas folhagens... De que me lembro? A
que scenas deslembadas de minha vi-
da se prendem essas fugidias sensa-
ções? Sabe-o apenas o subconsciente.
Nesses instantes a alma tumultua-me;
dentro de mim *alguem* debruça-se á ja-
nella do passado e alonga olhos nos-
talgicos para o que quer que seja que
não distingo. Sim! Diviso ás vezes, nuns
como toques imprecisos de paisagem
entre nevoas, minha mãe que com o
lenço me acena, certa madrugada de
despedida; um perfil de companheiro
de infancia, uma fita de fumaça immo-
ta no ar parado, desnovellando-se sem
pressa, que o comboio ao longe conti-
nua a estirar, até o cabo de certa inter-
minavel varzea, minha conhecida da

infancia. Saudades, enfim, de pessoas e cousas velhas, ou de pessoas apenas, que as cousas dos antigos tempos como que se personificam e vivem, fitando-nos, como almas chorosas, do fundo de nosso passado.

Outras vezes causa-me um recrescer de vitalidade. Sinto-me germinar. Minh'alma desabrocha em aspirações, e julgo-me forte para realizal-as. Parece que todos os triumphos dependem da minha simples vontade. Um “quero” equivale a um “fiat”. Se estou enfermo, esqueço a lazeira physica, todo impessoalizado na consciencia da força. Não! meu coração não desequilibra seu rythmo, nem os pulmões arfam penosamente; não sou carne, não tenho besta! sou uma idéa que quer, uma energia que actua.

O caminho segue a cavalleiro do rio, que deriva á minha direita, encoberto pela vegetação. A's vezes corre tão perto que, arremessando-se uma pedra em sua direitura, se ouve o gruilar das aguas deglutindo-a. Flue misterioso e silente, apenas espaço a espaço trahindo sua presença o marulho da

corrente arrufando-se em coivaras, ou um breve reflexo prateado numa enteaberta das ramarias. E a estrada, sanguejante, com vincos de carros de bois e moldes de cascós de animaes, prolonga-se á minha frente, orlada de laçarias bambas de cipós florescidos. Em certo ponto, numa surpresa de colorido, surge uma sempre-lustrosa revestida de flores roxas, alto a baixo, tantas flores que não se lhe vê outra côr; e, no chão, onde roja as dobras da rica tunica, esgarça-se num rastro de pétalas violaceas.

Nas vertentes o caminho abahula-se em facões. Não raro, ladeando a estrada, cruzes negras abrem os braços carcomidos; peciolos resequidos coroam o tope de uma ou outra, indicando que a creatura que alli tombouinda não está totalmente esquecida; e, achegadas aos seus pés, pia offerenda dos viandantes, morouços de pedras soltas.

Que alegre tintinabular me canta agora nos ouvidos? Que lyrico madrigal, cadente e argentino, vem carrilhonnando estrada em fóra? Ah, é uma tro-

pa. A' frente trota a madrinha, com um collar de campainhas por peitoral. Vem levida, contente, estimulada pela doce musica que suas passadas ferem, orgulhosa talvez dos laços de baeta vermelha que a adornam, como rustica divindade de um culto primitivo. Até ao alto do pau do arrocho, enristado sobre as cargas como uma haste de bandeira, ondula a *flammula* ridente de duas tiras escarlates. Embala-me assim a alma com as suaves toadas de minha infancia, canta-me essa velha cantiga serrana, simples e sem letra, ó doce aparição das estradas mineiras, poetica phantasia de tropeiros roidos de saudades, que, se á noite descantam nos arpejos da viola as suas melancolias de eternos desterrados, de dia sentem que o jornadear é mais suave embalado pelo teu carrilhão sonoro e jovial, doce encantamento para os ouvidos e refrigerio para a nostalgia.

E, repicando festiva, com o surdo acompanhamento do patear da tropa, a agreste harmonia perde-se a distancia.

Agora a vetusta porteira, de lar-

gos tabuões horizontaes. O coice é um tronco, mal falquejado, tendo ao topo uma abertura esculpida em cruz. Ao abrir, ella emitte um rangido prolongado e sonoro; e volta silenciosa, para fechar-se em baque poderoso sobre o moirão-batente, o qual retumba pelos grotões como um tiro de peça.

Não sei porquê, é grande a força emotiva destes dois sons combinados; quando os ultimos echos se calam,inda noss'alma está a vibrar, ferida profundamente em suas mais intimas cordas; e á bocca vem-nos aquelle mesmo resaibo de vaga saudade, uma melancolia de recordações longinquas; talvez porque suggerem, com a influição do meio, na paz bucolica da natureza, a lembrança de velhos fazendões sêmi-abandonados, onde as horas passam arrastadamente, apenas escandido o seu espesso silencio pelo baque das porteiras lá fóra e pelo fanho bater de horas do velho relogio, alto como um armario, empertigado a um canto do immenso salão de jantar.

Como toda a porteira de antigas estradas, esta é um monumento em que

collaboram a mão do homem e a da natureza. Caracteristica e pittoresca. Para cima e para baixo, vallos divisorios colmados de um “betume” de raizadas, gramineas, trapoerabas de florinhas azues. A restinga de matta que orla em geral toda a beira de vallo, alli arqueia as ramagens em tunnel sobre a estrada. Unhas-de-vacca de folhas fendidas, angicos rendilhados, bicos-de-pato de bastas e miudas folhas crescem ao lado dos moirões, entremisturando ao alto as verdes galhadas obliquas, em tacito concerto para resguardar naquelle trecho uma pouca de sombra fresca e preciosissima.

Quando as soalheiras escaldantes zimbram as abundantes invernadas que margeiam o caminho, estorrricando os capinzaes, subtilizando em ondas de pó a terra vermelha das estradas, procurando haurir, indessedentáveis, até á ultima gotta de seiva da vegetação causticada, para aquelle que andou longo percurso á inclemencia do sol a porteira é uma surpresa e uma delicia. A urdidura das copas é impenetravel; das barrancas revestidas da verde

cabellugem de avencas e musgos, poreja continuamente um pouco de humidade que não chega para empapar a terra mas sobeja para fazer da temperatura caricia e voluptuosidade para a epiderme. As proprias borboletas comprazem-se nessa nesga de sombra ilhadã ahi providencialmente; quem passa vê-as no chão humido, aos enxames, pintalgando a terra, como petalas soltas espalhadas pelo vento, petalas de tonalidades vivas, com predominancia do amarelo-canario e vermelho de fogo. A' chegada do viandante evolam-se e revoluteiam, como torturadas por um pé de vento; mas não fogem; e, esvoacando ás tontas, esperam que o importuno se afaste, para, esthetas rusticas, quem sabe! deleitarem-se em bordar de novo, na grata penumbra, ingenuas phantasias coloridas.

Agora, pela manhã frigida, este bosque põe-me um arrepio á flor da pelle. As borboletas — preguiçosas! ainda para aqui não vieram, “a espairecer as suas borboletices”. Das folhagens encharcadas, espaçadamente o orvalho gotteja, crivando o chão de pequeninos

furos; e, ao estrondear da porteira no batente, precipita-se numa chuva ephemera, rumoreja largamente e cessa de improvisto.

Seguem-se duzentas braças de campo. D'aqui em deante vae-se sempre subindo, suavemente, por um chão apisoado e ennegrecido. O morro é todo encaroçado de cupins, a que as gramineas põem cerco, num sem conto de frageis pendões aprumados. Aqui e ali vingam escalar os comoros mais baixos, que abafam sob sua invasão, deixando apenas adivinharem-se as convexidades submersas. Quantas vezes, do eirado da velha fazenda do Corrego Fundo, que neste momento demando, durante a estiagem das primeiras chuvas, contemplei, neste campo, o êxodo ascensional das alleluias! Então, de mil furos invisíveis, via borbotar como vaporações turvas, cones de fumo vivo que subia e se espalhava, dando, ao raso do campo, um tom côr de fuligem, fino e vibratil, que observado de perito era o debater de myriades de asas minusculas. E divertia-me ver o alvoroco das gallinhas de siá Marciana, o

pescoço esticado para o ar, cacarejando afflictas, a regalar-se do farto man-ná que lhes cahia do céo sob a fórma de insecto.

Já do oriente, tangenciando a lombada da serra, e premido sob uma nuvem rosa e ouro, filtra-se o primeiro raio de sol. Pelas barrancas sombrias da estrada, em moitas de barba-de-bo-de, rebrilha aqui e alem obliquo fio al-vissimo. Recrudescer a vozearia dos passaros, e asas multiplicam-se nos ares, aos trinços, aos chilros e casquinadas de crystal.

Mais abaixo mostra-se enfim uma curva do rio, harmoniosa e suave como uma linha humana. A' superficie líquida desfilam nevoaças, aos esquadões, sopradas pela aragem matinal. Do lado da estrada as aguas espriam-se claras sobre areaes; do outro lado, alto e ininterrupto paredão de verdura, exuberante, selvatico, como se a correnteza delimitasse as terras habitadas do sertão bruto. E d'aquelle tapume enredado com que a natureza parece entrincheirar-se contra a invasão dos pequeninos civilizados, d'aquelle exube-

rancia quasi aggressiva, do longe e confuso alarido dos seres da selva, do entrelaçado das copas, do perfume acre de matta virgem que em ondadas a vibração traz, vem-me uma attracção perturbadora, a incutir-me o pezar de não ser féra ou jequitibá, para, integrado na natureza, viver a rude e mysteriosa vida da floresta.

Mas meus olhos fogem á vertigem e attentam numa figura humana acoçorada, como um mocho, num cupim. E' o Americo, meu amigo, que me espera. Radiante acena-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente corrospo; e em pouco estreitamo-nos em reforçado abraço.

Mais uma centena de passos, e eis-nos chegados á fazenda do Corrego Fundo.

R u i n a s

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios obliquos e comidos de cupim. Vergastadas dos temporaes e corroidas pollegada a pollegada pela acção erosiva do tempo, as paredes raros vestigios mostram da ultima mão de cal levada vinte annos antes.

As ripas, enxadrezadas com os paus a pique, exhibem por toda a parte sua ossatura carunchosa. E' um cadaver de casa, uma carcassa decomposta, já mostrando as costellas descarnadas. Ao lado, onde foram as tulhas, vê-se hoje um montão de escombros; e, no eirado, para onde se abre a porta principal, cresce o capim desafogadamente. Contrastando com esse ar de morte e abandono e dando uma nota ridente de vida ao vetusto pardieiro, sobe dos fundos uma espiral de fumo azul, que se desfibra lentamente no espaço.

Ahi moram o velho Prospero e siá Marciana, paes do Americo. Jà ruman-do os oitenta ou noventa annos (nem sei quantos!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras confra a vida, nem o pezar de deixal-a. Em quanto pou-de, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando sua activi-dade começou a declinar e ao peso dos gastos não podia oppor equivalente re-ceita. Ingratidões e abusos de confian-ça levaram-lhe até o ultimo vintem; o que porém se lhe salvou do sossobro, e á sua companheira, o unico e precio-so thesouro inconsumentivel de que não os puderam esbulhar, foi a branda ale-gria d'alma que os acompanhou em to-das as vicissitudes do passado, e que dá á velhice de ambos uns toques de moc-i-dade vivaz, como festões de madresil-vas alastrando sobre ruinas. Pauperri-mos, a propria vivenda em que moram é alheia — pertence a um irmão mais moço de Prospero, fazendeiro “desem-penhado”, e tão sovina que, o ceder-lhes por favor essa moradia, tórná a todos

boquiabertos. Os velhos nunca se queixam; mas sei que o proprietario, o maior Claudino, não os deixa em completo socego. E' uns dez annos mais moço que Prospero. Foi este quem lhe deu a mão para começar a vida e continual-a; e tambem foi Claudino quem abocanhou os ultimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco comprehensiveis e de juros mysteriosamente intricados. Nessa epocha, como quizesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa descaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixandolhes o usufructo da casa e de algumas braças de terreno. — “Estão velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-sé. Mas os velhos resistem valentemente aos embates dos annos e Claudino com isso impaciente-se, diz impertinencias, reclama contra o descalabro crescente de tudo e quer levar a mal: “Tem paciencia, mano! Espera mais um pouco. Para o anno eu e a prima já estamos pescando mandys no rio da eternidade...” (A “prima” é siá Mar-

ciana. Dá-lhe tal tratamento, por terem esse parentesco.)

Em quanto esperam, pescam mandys no rio que passa aos fundos da fazenda. Tanto basta para esquecerem os annos e as enfermidades. Toda a tarde, Prospero, com o rosto encoberto sob as largas abas de um chapéo achamulado, entra em sua velhissima canoa de peroba, que é preciso tentear com cuidados infinitos para não fazer agua, e vae distribuindo aqui e alli, pelas duas margens, anzoes de espera e laços de capivara; e, sobre a madrugada seguinte, lá volta a correr os mesmos sitios, a dar balanço nos rendimentos da noite... E longe em longe acontece acabar de matar no anzol, a pontoadas de chuço, um enorme dourado, que alegremente traz ás costas, ladeira ácima, e que, resfolegando, num gesto triumphal, atira pesadamente sobre a mesa de jantar.

Durante o dia elle, mais a velha, radicam-se á sombra d'um ingazeiro, cujas ramarias espalhadas protegem do sol, e pescam no remanso que em baxo faz o rio e que transformaram em ceveiro. E vendendo-os alli juntinhos, as

varas paralelas curvando-se ao peso das chumbadas, cotovello contra cotovello, a gente adivinha que os dois irão juntinhos para a cova, quando algum d'elles assentar de zarpar para as trévas eternas, que talvez já estejam tão proximas como a primeira curva do rio.

O velho Prospero foi caçador apaixonado. Quando lhe peço que me conte trechos de sua vida vêm estes, as mais das vezes, misturados com episodios de caça; o primeiro parto de siá Marciana, ligava-se intimamente com a aventura de uma celebre Pirata, cadellinha onceira; quando lhes morreu o segundo filho, estava, havia tres dias, baten-do matto bravo, atraz d'uma bandeira de queixadas; e, ao voltar a casa, carregado de magnificos despojos, seus gritos de triumpho morreram-lhe na gar-ganta, ante o cadaverzinho exposto num-a mesa, entre quatro velas altas. Ago-ra que lhe falta resistencia para varar brenhas e desentocar onças, canaliza o seu furor venatorio contra os peixes, contentando-se, quanto a caças de pello, em armar ás capivaras que lhe des-troçam o arrozal.

Invejo-lhe a mania da pesca. Escolheu-a bem para passatempo da velhice, pois não depende de agudeza de vista, nem de músculos reforçados. Seus braços de canoero pratico, embora tremulos, ainda sabem o geito de “temperar” uma canoa, sem excessiva despesa muscular. Lastimável é o escriptor que, ao se dobrarem os annos da segunda metade da vida, nota em si incapacidade crescente para obter a tensão espiritual que engendra as obras primas; ao meticoloso sabio que esmiuça ao microscópio os elementos invisíveis das cellulas, deve ir-se-lhe, com o acume da visão, o gosto pela vida. Ai dos que, em sobrevindo o momento, não estiverem apparelhados para empunhar a philosophica vara de pescar do velho Prospero! E isso o torna feliz. Tiraram-lhe a fortuna — tomou do anzol; arrebatem-lhe o anzol,inda resta o rosario; de modo que, sua bondosa simplicidade, se lhe perdeu a abastança, grangeou-lhe a conformidade na desgraça. Rememora os antigos annos de fartura, compraz-se ás vezes em narral-os, como um viajante relata as maravilhas que viu no decurso da viagem.

Essas recordações teem para elle o doce resaibo das boas cousas gozadas, sem que lhes sinta amargor por serem cousas idas.

Contou-me um dia que, no tempo de seu pae vivo, havia tantos escravos na fazenda, que davam de comer á molecada num cocho de que ainda no eirado restam vestigios. Despejavam alli dentro tachadas de cangquinha e com uma buzina convocabam a miuçalha esparsa. De todas as senzalas, da casa, da horta, do pasto, negrinhos acudiam correndo, como uma horda de capetinhas nus. E as mãos avançavam sofregamente para a comida. "Ficava estivado de negrinho, tudo pellado", explicou Prospero em sua linguagem pittoresca, accentuando a frase com um gesto para indicar a fila ininterrupta de petizes, de uma e outra banda do cocho. Por morte dos paes herdara bons lotes de culturas; veio depois a legitima da "prima", o que ainda seu trabalho accresceu, nos annos felizes da mocidade. Por essa epocha povoavam-lhe a casa parentes e amigos. Até parecia hotel. Pessoas havia que lá passavam me-

zes, a ares ou para caçar. Um tal Leonardo, comido de syphilis, permaneceu na fazenda mais de anno, em tratamento. Ao restabelecer-se, Prospero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sitio. O pobre do Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! Com esse principio arranjou-a tão bem, que hoje é homem de largas posses. E' verdade que os esqueceu e que, quando os cruza, mal bole no chapéo; mas anda tão atarefado, sua camaradagem é tão grande, que na cabeça, cheia de preocupações, não sobra espaço para cortezias futeis. Negou-lhes uma vez auxilio — não por ingratidão, e sim porque o muito serviço põe a gente assim aza-ranzado e de mau humor, e a elle, coitado, serviço não faltava. O pobrezinho do Leonardo! Como a velha se lembrava ainda d'elle quasi cego, babando pus, com a bocca cheia de tumores que mal o deixavam alimentar-se, tanto que era preciso descerem-lhe leite á garganta por um canudinho de bambu'! E agarrava-se a siá Marciana, chamando-lhe mamãe, e chorando, num retrocesso á infancia, quasi imbecilizado pela molestia.

Entre outras passagens tambem contou-me que estanceara na fazenda umas semanas certo medico portuguez, o dr. Philippe, homem muito divertido, e a cuja figura evocada os velhos sorriam um pára o outro. Sem clinica, viavia a correr terras, de sapatões ferrados e roupa no fio... Nem recursos tinha para viajar a cavallo; ia de logar em logar com a malinha ás costas e bastão na mão, e por isso na cidade puzeiram-lhe a alcunha de dr. De-a-pé. Que maldade, coitado! Porem appellido num homem infeliz e sensivel, que, ao falar na “terra”, marejavam-se-lhe os olhos, de saudades da mãe e da irmã, que lá ficaram tão longe, sem amparo, da outra banda do mar.

Mas os velhos sorriam, lembrados de certo episodio malicioso. Querendo aprender a caçar, esse bom dr. Philippe mal sabia pegar numa espingarda. Deu alli seus primeiros tiros, e, a cada um, que assinalava um malogro, escapava-lhe um *má-raios* de desapontamento. Prospero, porém, não desanimava com o alumno, e repisava como estribilho: “Ainda espero ver um dia o

doutor matar uma capivara!" Afinal esse dia chegou. A matta virgem alastrava até tão perto da fazenda, que á tarde urús e inhambús vinham mariscar no terreiro, confraternizando com as galinhas e marrecos da creaçao domestica. As capivaras, então, eram uma praga. Uma tarde foi visto um casal d'ellas á beira do açude, ao fundo da horta. "Pegue na espingarda, dr. Philippe, e venha!" disse o velho. Foram até o açude. A' sua chegada os grandes roedores mergulharam promptamente na agua negra. Certo momento appareceu um focinho á tona, bem perto do dr. Philippe. Elle atira á queima-bucha: "Má-raios!" Outro tiro — por um milagre acerta. A cachorrada encarrega-se de tirar d'agua o animal ferido, e sumariamente o acaba ás dentadas. O dr. ficou radiante da façanha. Então o velho Prospero propoz-lhe uma questão-zinha magana: "Dr., o senhor, que é medico, entende muito de organismos vivos; por isso, diga-me se esta capivara é macha ou femea". "Oh! nada mais simples!" exclamou o dr., offendido pela insignificancia da consulta. E olha o bicho despreoccupado, depois

examina-o attento, e concentra-se na analyse e submette-o a uma inspecção conscienciosa e scientifica... Por fim desiste, no auge da perplexidade. Então Prospero solta uma casquinada: "E' macha, dr.! Olhe o focinho... Capi-vara macha tem um callo no nariz". E os velhos riam-se, á evocação da descobcha do dr. De-a-pé, por levar o formidavel quinau.

Chegada a uma recordação como esta, mistura de antigas grandezas com reminiscencias de velhas caçadas, a tentativa do velho transvia-se do fio direito da narração, e, esquecido do mais, deleita-se em memorar proezas de caçador. E é sobremaneira agradavel ouvir-as, principalmente em torno de um brazido, em noite frigida. Se o tempo é desabrido, e as chuvas fazem das estradas extensos lameiraes, reunem-se nesses serões mais pessoas na velha fazenda, viandantes colhidos pelo temporal e que, ao abrigo de suas telhas hospitalares esperam estiagem propicia para a continuaçao da jornada. E quando acerta serem caçadores esses viajantes encharcados, ainda aumenta o prazer da palestra, pois cada um des-

fia o mais interessante de suas recordações. Quanto a siá Marciana, essa limita-se a commentar as narrativas do "primo" com as suas impressões pessas de esposa extremosa: as angustias das longas esperas, o olhar pela janela verrumando o oceano das copadas que se derramavam em torno, ou sondando as ultimas curvas das estradas, a medir o tempo com as pulsações do coração... Como tardavam os caçadores! Prouvesse a Deus não houvesse acontecido uma desgraça! E quando Prospero voltava, que jubilo ao vel-o são e salvo, e ao apreciar, como entendedora, o porte da suçuarana que dizimara a matilha, ou o numero de queixadas abatidos no bando!

A c o l h i m e n t o c o r d i a l

— Então, dr. Felix! tardou mas sempre appareceu, repetia-me Americo exultando, ao abrir a cancella do eirado, deixando á esquerda a porta da vendinha da fazenda.

Ao chegarmos á entrada principal da casa, com o indicador cruzando a bocca recommendei-lhe silencio; e gri-tei para dentro, engrossando a voz:

— Ô de casa!

Respondeu-me de dentro uma voz de velha:

— Pode entrar, que d'esta vez não me assusta!

Ouvi no mesmo instante, vindo da cozinha, o arrastar conhecido das chinellas de siá Marciana e a voz do velho Prospero, já um tanto surdo, que lhe perguntava o que succedia de anormal áquella hora tão matutina.

— E' o tropeiro de fala grossa que me assustou o outro dia, explicou ella.

Penetrando a sala de entrada, depuz o chapéo sobre uma mesa, negra de uso, chata e larga, d'esse estylo esparramado dos antigos estrados e arcas de guardar cereaes. Relanceei as paredes fuliginosas, cobertas de desenhos de grandes peixes: dourados ao natural, piabas de tres palmos, mandys gigantes ainda com os ferrões alvoroçados e as barbatanas em leque, promptos para a defesa -- registro fiel das felicidades de pesca do velho Prospero, que Americo perpetuara sobre a cal, a carvão e urucu'. Cada peixe grande tirado do rio, antes de ir para a panella fazia escala ante o artista primitivo, que lhe debuxava a effigie na parede.

Abracei os velhos, que tropeadamente vieram ao meu encontro.

— Então, como vamos de doenças? perguntei-lhes, encetando o assumpto obrigatorio á chegada, questão preliminar, como dizemos em nossa gyria forense (penso não haver dito ainda que sou bacharel, e juiz em um termo sertanejo).

— Ah, dr. Felix! Andamos cheios de “não presta!” exclamou a mulher.

Vamos pendendo de velhice. Minhas carnes seccam, meu corpo é só osso. Tambem já estou uma irara velha — accrescentou mostrando os cabellos encanecidos.

Para despreoccupal-a, disse Prospero que aquillo não era nada. A “prima” sempre tivera dessas alternativas de engordar e emmagrecer d’um momento para outro.

— Tem natureza de cachorro — terminou, rindo-se.

Síá Marciana protestou, escandalizada com a comparação.

Depois foi o turno do Americo, que se queixou do mal moral que lhe causava aquelle ermo e a falta do convivio de homens superiores. Por fim tive de soffrer um interrogatorio minucioso, que me obrigou a desfiar-lhes, á mingua de molestias mais graves, todos os meus defluxos, dores de dentes e picadas de pernilongos, sobrevindos desde minha ultima visita; sussurando a todo o instante um “coitado”! os velhos ouviram-me concentradamente. Síá Marciana receitou-me um simples, bom para tudo aquillo; Prospero con-

traveio, aconselhando outra coisa. Disputaram um pouco sobre este ponto, mas afinal chegaram a um accordôrdo. Sobre que accordaram, não puz tento.

Conversando chegaramos á varanda. O descalabro das paredes era o mesmo. Sobre os pannos de cal empardecida escapos á acção roaz do tempo, viam-se novos desenhos de peixes enormes, alguns ainda de anzol espetado no beiço. A mobilia alli compunha-se de um vasto estrado que podia servir de cama, de uma immensa caixa e duas cadeiras desconjuntadas, uma ainda com uns restos de palhinha e conservada com cuidado, porque era “a cadeira do dr. Felix”. Para contental-os, sentei-me um pouco na alfaia privilegiada que me offereciam quatro mãos solícitas; em seguida fui aboletar-me á oriental sobre a caixa, vindo o velho ladear-me, devido á sua surdez. Ouvi as recriminações que me faziam por minhas espaçadas visitas; que viviam a esperar-me, a fazer conjecturas sobre minhas idas, se era hoje ou amanhã ou a que hora, indo a todo o instante sondar a estrada, a ver se eu apontava.

Quanto a Americo, dirigia-se toda a manhã para seu posto de observação, que era o cupim onde eu o vira accorado.

— Se soubesse a falta que nos faz, viria todo o dia — rematou Americo.

Perguntei então ao velho sobre as ultimas pescas.

— Ah! dr. Felix! exclamou apaixonadamente, fiquei hoje aborrecido. Os aruraus esta noite fizeram mutirão e rasgaram-me todas as redes da lagoa. Já esses damnados do papo amarello me comiam leitões, quando era o mangueiro no fundo da horta, e agora perseguem meus peixes!

E contou-me que entre a massaroca das rãdes rotas encontrara a metade de uma piaba de dois palmos.

Em quanto Prospero falava, era visivel o desgosto que sentia Americo, pelo rumo trivial que a conversação tomava. De espirito fundamentalmente scientifico, ansiava por abordar questões de maior tomo, mas repugnava-lhe profanar altos problemas, mesclando-os ás phrases dispersas de uma palestra vulgar. Por fim, não se conteve, e alvitrou um conhecido expediente:

— Dr. Felix, quero um particular com o senhor.

Nunca fui amante de conversas reservadas. Lembra-me que, a primeira, foi com o meu primeiro mestre, que me chamou a um quartinho, mimoseando-me ahi com meia duzia de varadas. Velhas varadas! Já lá vão mais de tres lustros. A segunda, tive-a com um ex-futuro-cunhado, que, em noite atra, os olhos fuzilantes, enorme cacete alçado, á guisa de mundéo, sobre minha inerme personalidade de estudante, me propoz um dilemma: “Ou casar, ou...” O logar ermo e a attitude diziam o resto. Até hoje não sei que milagroso santo me tirou d'entre as aspas do terrivel Minotauro. Que embirração, inventarem os philosophos essas especiosidades escolasticas! D'esse tempo em deante, os colloquios á parte me causam horror. Sendo, porém, conhecida a natureza inoffensiva do que me solicitava o bom Americo, accedi. Em consequencia, meu amigo travou-me o braço e conduziu-me a seu quartinho.

Um genio encyclopedico

Os velhos não protestaram contra o despotismo do Americo, que assim me escamoteava, em dois tempos, ao seu convivio. E' que adivinharam que íamos falar sobre os "estudos". Mas a este ponto precisa ser focalizada á vista do leitor, nalgum dos seus aspectos, a alma e a situação do meu amigo.

Americo, apezar de seus quarenta annos, era ainda uma especie de filho-familias. Na fazenda sua unica função consistia em gerir a vendola, que abria a porta exigua para a estrada, compartimento mais frequentado pelas mamangavas e maribondos, que pelos viandantes raros.

Usava a barba intonsa e arrepellada ao-deus-dará, e, ao alto da testa, accidentada de varias bossas correspondentes aos seus varios talentos, rareava-lhe o cabello em profundas entradadas, apresentando um capucho revoltado, na linha de symetria. As bossas da

fronte e os olhos encovados davam-lhe uma expressão aquilina que parecia ter a virtude de revolver escaninhos d'almas.

Americo possuia assombrosas disposições para fazer a canivete, com pontas de bambu', pedaços de carretel e palhetas de mica, umas canetas de fórmas caprichosas, pintadas a urucu' e pó de sapateiro, de um amarello terrido listrado de preto. Dava-lhes ainda outros matizes com succos de fructinhas sylvestres. As canetas amontoavam-se aos mólhos nas prateleiras da venda, e alli ficavam eternamente, visivel mostra do desequilibrio entre a offerta e a procura da mercadoria. Os pedaços de carretel serviam para tirar sortes: a gente rodava-os, e, ao parar, um certo pique apontava no eixo uma letra ou uma phrase que respondia á pergunta formulada a esse oraculo de nova especie.

Nos intervallos dessa fabricação, mergulhava-se em suas leituras predilectas, entre ellas um tratado de mesmerismo nunca assaz manuseado, outro de physica, e qualquer cousa de Allan Kardec, o que tudo, agindo separada

e conjuntamente, era para estremecer-lhe a fraca razão. Gostava das conversações scientificas, não admittindo que se perdesse tempo em prosas de nonáda; e, debatendo sua especialidade, sabia encantoar o interlocutor desprevenido em questões profundissimas, insondaveis, que explicavam a desusada proeminencia de suas bossas frontaes. Para isso tinha um geito especial, uma certa manha em concatenar perguntas capciosas, na apparencia inoffensivas, que insensivelmente iam guindando a gente ao pinaculo de altos problemas transcendentes. Estas questões constituiram o nobre emprego de sua vida. Na epocha em que todo o mundo se casa, elle esqueceu o matrimonio, todo embebido em resolver o problema do infinito do tempo e do espaço. Onde começa o mundo? Onde acaba? Seria o espaço o conteudo de uma immensa bola de vidro? E para alem desse vidro? Outras bolas? Quando começara o tempo? Se desde o principio até hoje decorrera o infinito, como poderiamos chegar até o hoje se de hoje ao fim ha o mesmo tempo infinito e nunca chegaremos ao fim? E com a attenção aguda applicada a estes altos

problemas, não vira a mocidade que fugia, nem as roceirinhas casadeiras que o rodeavam, attrahidas pelas culturas paternas. Só agora, depois que lhe demonstrei por uma série de finas induções e deducções que a conservação da especie é um dever moral, porque a sciencia não pode morrer, e porque se todo o mundo pensasse como elle a humanidade se extinguiria e a sciencia com ella; e, como a unica forma legitimadora da reprodução é o *conjugo vobis*, concluia-se que, etc. Americo convenceu-se; e depois ficou, alem de convencido, altamente estimulado, quando lhe contei, com ar mysterioso, existir uma viuva moça e rica, que só esperava, para aparecer-lhe, acabar de assimilar umas tinturas de magnetismo e electricidade, com uns toques de Kardec, para não ser uma esposa vulgar e incapaz de sustentar uma conversação instructiva com seu scientifico marido.

Americo fôra toda a vida o orgulho da familia, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior. Desde creança revelara inclinações destoantes

do seu meio. Em pequenito, enquanto os outros fedelhos andavam a correr pastos e pegar animaes, ou brincavam de “tempo será”, elle deixava-se ficar espichado, de queixo no chão, a passar figuras do “Manual de Creador de Gal-linhas”. — Era um amor pelos livros! dizia siá Marciana ao marido, indo bus-cal-o para vir de mansinho apreciar o serio applicado do pirralho. E os dois ficavam a cocal-o com o olhar repas-sado de commoção. E faziam planos: seria isto, seria aquillo. Mais tarde, nos tempos de estudante, firmou-se a voca-ção. Tinha uma memoria para guardar as cousas! Depois que o mestre o deu como preparado, e que pediu, afflichto, que não lhe mandassem mais o “Mer-quinho” (bons quinaus lhe pregara o pequeno!) este continuou a ser, só com-sigo, bom estudante. Conservara sem-pre, e sempre manuseada, a sua biblio-theca de alumno, recapitulando, no in-tervallo de mais altas cogitações, a ma-teria aprendida, com uma sêde de con-servar que era quasi avareza; e a con-servara com tal afêrro, que inda ago-ra, que dobrava os quarenta annos, ti-nha fresquinha na memoria a exotica

onomastica das ilhas da Oceania e dos vulcões do Mexico; sabia de cór todas as definições da Grammatica da Infancia, e traduzia correntemente os exercícios do Sevène. Se não encorpou esse cabedal, tambem não desaprendeu o sabido. A's vezes pedia-me que abrisse ao acaso um de seus livros escolares e lesse a primeira linha. Eu o fazia. E Americo tomava-me logo o fio da phrase, e desembestava por alli abaixo sem uma hesitação; a materia sahia-lhe fluente, corredia, sabidinha e em um nunca acabar.

Depois de sahir do collegio, nem tentaram os paes mettel-o na lavoura: elle revelara uma aversão profunda por tudo o que não fosse sciencia pura e por isso tambem não aprendera officio, nem occupara empregos; vivia na fazenda á espera de uma oportunidade para continuar os estudos fóra, numa grande capital; mas o amor materno, hesitações sobre a carreira a seguir, o apêgo á fazenda, e, principalmente, um não sei quê muito imperioso e que nunca souberam o que fosse, não os deixavam encontrar uma op-

portunidade bastante opportuna para a execução de seus mimosos planos. E assim foi ficando e amadurecendo em annos meu bom e estudioso amigo.

— O Americo não é como qualquer um, elle tem qualquer coisa aqui — dizia ainda o pae, dando pancadinhas na cabeça. — Elle é porque nunca saiu da roça, senão poderia ser hoje medico, advogado... ou... ou mesmo professor (era uma escala ascendente).

E, se bem que melancolizados com o esteril fugir dos annos, os velhos ainda esperavam que o filho, *mais tarde*, attingisse uma daquellas summidades.

Chegados a seu quarto, Americo fez-me sentar á beira da cama, para o mysterioso colloquio. Em frente, sobre uma mesa, estava um armario. Em suas prateleiras via-se um chaos de fructinhas secas, papeis amarellos, cascalhos de côr e forma exquisita, volumes desconjuntados, com folhas espessas e de bordos revirados, pelo applicado manuseio em tantos lustros. A margem daquella mesa um velho Delamarche aberto exhibia um mappa das constellações. Induzi que Americo andava virado para a astronomia.

— Sr. dr., começou, desculpe ter-lhe pedido este particular; mas, o sr. comprehende, ha assumptos de interesse, que não convem debater levianamente.

— De que se trata? inquiri.

Sem responder, Americo concentrou-se, firmando dois dedos da mão esquerda nas arcadas superciliares. Passados instantes, perguntou-me:

— Acredita na pluralidade dos mundos habitados?

— Acredito.

— E... será gente pacifica, a que habita os outros planetas?

— Conforme o grau de seu adeantamento.

De novo a fronte pendeu-lhe sobre o pollegar e o index e Americo submergiu-se no subjectivo. Esperando a continuação eu examinava-lhe as bossas, comparando-lhes as dimensões respectivas e conjecturando: esta, a mais chata, era a do magnetismo; outra, a mais pontuda, a das especulações philosophicas; aquella, sobre cujo cimo lustroso uma mosca deambulava em

idas e vindas, era a do espiritismo; a outra...

— Porque o meu receio, continuou Americo enxotando a mosca, é que o scientista do futuro, que primeiro realizar a communicação interplanetaria, seja recebido num meio hostil, que o faça prisioneiro das alturas; e, semelhante desterro, como premio da arrojada tentativa, seria incomparavel desdita.

Concordei que seria uma occurrencia lastimável; não acreditava, porém, que quem quer que fosse, em dias vindouros, chegasse a correr tal risco. As excursões intermundiaes nunca seriam praticaveis.

— Como não! E o progresso da sciencia, sr. dr.! protestou Americo.

— Mas não crê que noutros astros, mais velhos que o nosso, esteja a sciencia infinitamente mais adeantada?

— Sim...

— Pois bem, se fosse possivel semelhante viação, já nos teria visitado algum habitante dessas regiões privilegiadas.

— Ora essa! e eu que ainda não o havia pensado! pasmou Americo.

E, transparecendo-lhe da physionomia o allivio de uma preoccupação incommodativa, removida por aquelle argumento, tomou-me a mão, asseverando com calor:

— Uma palestra com o senhor vale contos de réis!

Protestei modestamente; Americo insistiu que valia; teimei que não, elle que sim, e não cessaria a disputa se não ouvissemos a voz alegre de siá Marciana, avisando:

— O café está na mesa! Não o deixem esfriar!

A o C a f é

Fomos ao café. Atravessando a casa, aspirei com prazer o resceder a vassoura verde, que impregnava o ambiente, deixado pela varredura da manhã. Outras conhecidas notas caseiras vinham augmentar minha sensação de tranquillidade e bem estar: cacarejos e pios no quintal, chios de filhotes de morcego entre a fuligem da telha van. Entrevi em sua placa o velho papagaio sorumbatico.

Na larga mesa da sala de entrada já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louça e tigelinhas desbeijadas, com lettreiros: "Saudade", "Amizade", tudo sobre uma grande salva de prata, ultima alfaia preciosa dos velhos tempos de abastança, reliquia de familia, que desde epocha immemorial vinha de paes a filhos. "Minha cadeira", forrada com um couro de cachorro do matto, fôra removida para alli. Ouviu-se na cozinha um

estralejar de gordura frita e d'alli a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes da panela.

Abanquei-me ao lado de Prospero, que estava solennemente sentado deante de um canecão cheio até á borda. Siá Marciana intencionalmente offereceu-me a tigelinha "Amizade" e passou-me os biscoitos fritos, sentencian-do:

— Diziam os antigos, dr. Felix, que café deve ser assentado, assoprado e mastigado.

Sem ceremonias, puz deante de mim uma pyramide de biscoitos e fiz o prato, sensivelmente diminuido, continuar o gyro. Em movimentos rythmados, o canecão, especie de patriarcha do vrazilhame, ia até os bigodes aparados do patriarcha da familia e voltava para a mesa. O velho Prospero bebia silencioso, com a uncção de quem segue um ritual. No espaçado e no calmo das idas e vindas, havia como que a affirmação segura de que Roma não se fez num dia e que mais tempo menos tempo se veria o fundo do canecão.

— Porque está quieto, sr. Prospero? perguntei-lhe, para puxar palestra.

Pousou a vasilha e, voltando-se para mim, disse:

— Ando mais surdo estes dias, dr., e receio que minha prosa o incommodo. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu tambem não gostava muito e só conversava por espirito de caridade. Por isso julgo os outros por mim...

Rematou sorrindo, como quem conta com um protesto certo e delicado. Protestei e perguntei-lhe se o incommodo não o fazia soffrer.

— A's vezes entristece-me um bocado. A gente, quando vae ensurdecendo, tambem vae ficando isolado. O som é um dos encantos da existencia, e, sentir-se elle esmorecer em torno de nós, é como sentirmos o afastar da vida. Com o som, os homens nos fogem, de sorte que vamos ficando trancados no silencio, como em nova especie de deserto. Mas enquanto eu tiver olhos pa-

ra ver minha velha, não desespéro... — E fitou maganamente siá Marciana, que lhe chamou enjoado, caçoando:

— Isso da surdez do meu velho, dr. Felix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui ás vezes umas caboclinhas bonitas e, com a desculpa de não escutar, elle as vae renteando com desembaraço.

Houve risadas e o velho sentenciou, brejeiramente:

— Tudo neste mundo tem sua compensação. Essa é a da surdez. Deus quando dá o mal, tambem dá o consolo...

Contou-nos, em seguida, como começara aquillo, insensivelmente affectando a um tempo os dois ouvidos, lá iam annos. Defeito imperceptivel a principio, foi-se aos poucos fazendo doença incommoda. Parecia-lhe que todo o mundo falava enrolado, ou em lingua estranha. Um dia teve um raio de esperança. Estava sentado na eira, a apreciar a tarde, quando sentiu uma especie de estouro na cabeça. A surdez cessou instantaneamente, por milagre. Ficou com o ouvido apuradissimo co-

mo nunca o tivera. Ouvia nitidamente a conversa de dois canoeiros, ao longe, na curva do rio e o chapinhar compassado do remo na corrente. Levantou-se exultante, tremulo, para contar á "prima" tal prodigo; nisto ouviu um segundo estouro, formidavel como um trovão. E desse momento em deante teve occlusão completa de um ouvido. O outro peorava lentamente.

— Dizem que os moribundos teem ás vezes, visita da saude. Isso foi, de certo, a despedida do som.

Após estas palavras, o canecão, em repouso algum tempo, recomeçou seus pausados movimentos. Para espancar a nuvem melancolica trazida pelo assunto, resolvi entreter os altos espiritos de Americo com um pouco de physica recreativa. Com garbo de prestidigitador arregacei as mangas, pedi um copo d'agua e um pedaço de papel, e perguntei:

— Conhece a experienzia do copo invertido, cuja agua não se entorna?

Apenas de leitura. Mas supuzera ser causa que só existisse em livros.

— Pois attenção! Um, dois, e . . .

Fiz a sorte. O pasmo de Americo assumiu as proporções de êxtase.

— Sim senhor! Ora vê-se! Sim senhor! — era só o que sabia dizer, arregalando olhos admirativos.

Taes surpresas, que eu me divertia a provocar no espirito simples de Americo, constituiam um regalo de minha predilecção. Todavia, em minha convivencia com essas boas criaturas, mais de uma vez pungitivo remorso feriu-me a consciencia. Parecia-me não haver lisura em meu procedimento e que, na corrente alternativa de provas amistosas que entreteem a verdadeira affeição, eu alli dava menos do que recebia. Sentia-me profundamente amado pelos meus amigos; era um filho dos velhos e um irmão de Americo; e, para mim, eram todos talvez mero divertimento; pois analysando, bem pela raiz, meu sentimento por elles, reconheceria serem os quitutes de siá Marciana, as historias de caça do velho e os espantos virginæs do Americo, que o entretinham e viçavam. Depois de me doer com essas considerações, eu rematava commigo, para aligeirar escrupulos:

— Afinal, tudo na vida corta-se pelo mesmo modelo; e é avisado, para a não desvestirmos do seu florente recaimo, que nos contentemos com aspirar a flor dos sentimentos, gozando a sua superficialidade amavel, sem cogitar das putridas fermentações dos subsolos. Se remorsos me pungem, não é que eu peque muito, mas porque vejo claro. Não ha como fluctuar á tona dos sentimentos bons, levados pela sua onda mansa, sem que lhes descomponhamos a estructura elemental...

O canecão, mais uma vez esquecido durante a sorte de physica, já retomara seus movimentos regulares. Então Prospero pediu-me noticias da conflagração.

— A humanidade continua possuída de sua demencia assassina, respondi. Longe de abrandar, a lucta se encruece. Cada dia, na terra e no mar, a voragem da morte traga milheiros de vidas.

— Coitados! murmurou siá Marciana, envolvendo a todas as victimas no manto de sua piedade.

Brincando distrahidamente com o copo da experienzia, em cuja agua um

raio de sol, chegando obliquamente, accendia rebrilhos alegres, disse-lhe que desejaria estar lá, no mais forte da reféga, para apreciar a hecatombe.

— Apreciar! extranhou a velha. Como pode dizer assim de uma coisa tão triste!

— Siá Marciana, continuei, o homem é um animal perverso. Somos parentes da panthera e do jaguar, e ainda remanescem em refolhos misteriosos de nossa alma, como uma ninhada de viboras numa greta de lapedo, velhos instintos vivazes, mal acobertados pela fragillima côdea civilizada com que campamos na sociedade; é um velho legado de sangue, atavismo de indole, de que não nos poderíamos libertar em poucos milhares de annos — um minuto na evolução. Em nós ha rugidos adormecidos, crisperções de garras dissimuladas no velludo macio das patas. Ammos o sangue e o espectaculo do soffrimento, das agonias horriveis...

Os velhos ouviam sorridentes, como se minha lenga-lenga os divertisse. Lançado no thema, e um tanto pela vaidade de exhibir, ante sua simpleza rus-

tica, minha natureza perversamente refinada de homem culto, prosegui, balançando ligeiramente o copo, a cuja beira uma mosca pousara:

— Embora o neguemos, é-nos uma volupia o espectaculo do soffrimento. O sentimento da commiseração é um enxerto das moraes doentias e por isso como que nos demora apenas á flor da pelle. Pois o preceito principal da nossa moral indestructivel e primitiva é que cada um de nós é o eixo, o nucleo da humanidade, a sua razão de ser. Só existe o nosso soffrimento. Cada um de nós tem todos os direitos imaginaveis sobre as pessoas e cousas que nos cercam. Sabemos que a lucta é necessaria — pois desses fundamentos resulta um permanente e salutar estado de lucta. Luctamos para a solução do unico problema que nos interessa: o da nossa felicidade pessoal. E, se tudo foi criado para nosso gaudio, tambem o foi o soffrimento alheio, que não é a menor de nossas delicias. Que deleite extranho e sobrehumano o sentirmos — tigres travestidos de homens — a presa cobiçada impotente entre nossas garras! E' um ser vivo que pensa ter os

mesmos direitos que nós e que, com toda a sua arrogante presumpção, está á nossa mercê. Saboreamos-lhe o susto, que se lhe accende no olhar esgazeado, voltado para nós a supplicar misericordia. — Não terás quartel! — respondemos, cravando-lhe agudamente o olhar impiedoso, para augmentar o terror. E, como requinte da voluptuosidade da carnagem, brincamos primeiro com a presa inerme, alentando-a a espaços com uma falsa esperança. Simulamos descuido: pensa que pode fugir, tenta-o, mas reapoderamo-nos della. O terror accresce. E isto se repete indefinidamente. Sente, enfim, que tudo está acabado; e, exgottado pelo seu proprio excesso, o terror começa a esmorecer em desanimo, em conformidade... E, na sua passividade descorajada, nesse language de desalento, ha como o abandono voluptuoso de uma femea que se entrega...

Os velhos continuaram a sorrir. A beira do copo, em cuja agua limpida uma flexa de ouro se abeberava, passeava a mosca confiadamente. Accendendo um cigarro, proseguí:

— Então exgottaram-se os aperitivos preliminares, acabou-se a phase preparatoria. E' a grande hora. Ageitamos a victima para o sacrificio. Vamos saborear a agonia physica depois do sofrimento moral. Sedentos de sangue, e com o phrenesi de um lascivo sedento de amor, cravamos-lhe os dentes agudos no pescoço. Ha um ganir de dor deliciosamente cruciante. Nervosamente afastamos com o focinho o lanho de carne arrancada, e applicamos a bocca sanguisedenta bem ao fundo da chaga, no esguicho da arteria rompida; empurramos o focinho soffrego até se justapor á ruptura dos tecidos, para que nós e a victima façamos um só todo, um caso delicioso de xyphopagia, de hermaphroditismo de nova especie, em que em vez da volupia se bebe a vida. Está formado o novo e estranho sér! Somos um! E nos nossos braços felpudos, que embalam e dominam, sentimos a victima barafustár impotente, com excitantes ralos de agonia, toda fremente, a estrebuchar, fazendo, a cada arranco, que o sangue borbote em golfadas mais vívidas; e, quando o corpo afrouxado dá de esmorecer, num colla-

pso, e o sangue flue moroso, reexcita-mol-o com o entranhar nervoso das garras nas partes mais sensiveis, provocamos um ultimo e poderoso entesamento que nos jorra na guéla a ultima golfada quente. E, emfim saciados, a cabeça torva, os sentidos preguiçosos, a volupia exticta, deixamos tombar dos braços, como uma trouxa inconsistente, o corpo da victima inanida e, a passo bambo, vamos enrodilhar-nos somnolentos á sombra acalentadora de uma grande arvore da espessura...

Num estouvado movimento caiu nagua a pequenina mosca. Como se debate afflict! Estendo-lhe uma felpa da palha do cigarro, como ponte salvadora. Toda de seu desespero, espolinha-se e não a vê. Não vá a pobrezinha afo-gar-se!

— Pois somos assim. O medo das represalias, elle apenas, recalca-nos o natural bravio de besta-féra. Por isso a guerra é bella e natural. Traz a abolição momentanea de todas as ferropéas, de todas as mentiras juridicas e moraes — hypocrisias de nossa falsa civilização. Podemos ser tigres, ser humanos! Deixados á solta, como matilha

desatrellada, nossos instintos recalados cevam-se em todas as grandes voluptuosidades: os estupros, os saques, as carnificinas, as flamas incendiarias... Somos selvagens, somos barbaros, mas humanos. E' a grande vida natural que resurge, é a natureza que reivindica os seus direitos imprescriptíveis, é o eterno, o indestructivel, que fulgura á labareda dos incendios, no resplendor de uma incomparavel apotheose!

Afinal sentiu a mosca a fibra. Apegou-se a ella e começou a subir lentamente. Depul-a com cautela sobre a mesa. Andou um pouco, arrastando as asas pesadas. Tentou voar — cahiu. Espanejou-se, deu mais forte impulso e, librando-se enfim no ar, alegremente voou pela restea dourada, janella em fóra, a seccar as asinhas humidas á luz gloriosa da manhã.

Os velhos continuavam a sorrir...

O h o s p e d e

Esvaziado o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se désse ás suas occupações habituaes; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo. Prospero foi ver se ainda salvava alguns palmos de malha das redes rompidas pelos jacarés; siá Marciana dirigiu-se á cozinha, provocando, no caminho, a palra do velho papagaio, acabado de velhice, que passava o dia a cochilar na placa da varanda; quanto a Americo, ficou commigo. Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, especie de dadiva tira-remorsos, com que concorria, sem sciencia dos velhos, para o custeio da casa, afim de reparar o rombo que davam minhas visitas á caixa commun; este dinheiro apparecia como renda do negocio mal sortido. Americo, meio distrahido, e lançando um olhar vago pa-

ra fóra, enfiou o rolete no bolso. Estava agitado, cogitabundo; por fim voltou-se para meu lado e disse:

— Não sei se o José virá hoje; se o dr. permitte, vou á casa delle saber.

— Pois não!

Americo calcou até ás orelhas um chapéo abudo, tomou um bengalão que figurava uma cobra enroscada num tronco — obra prima de seu canivete — e dirigiu-se para a cancella, que fechou sobre si.

José era um alumno, ou melhor, o alumno. Porque Americo ensinava. O quê, não sei. Por um certo pudor, se eu me avizinhava quando estava leccionario, elle parava, e por nada no mundo continuaria á minha vista, como quem se considera muito humilde para tão nobre empresa. A verdade é que no commodo de negocio, logar das aulas, eu via á hora da licção profusas bolas de tabatinga, de varios tamanhos, que representavam, talvez, os planetas conhecidos — o que me fazia temer pelo mío do seu catechúmeno.

Embora admittido gratis, era o José tratado com todas as considerações.

Americo trazia-o nas pálminhas, como um bem mui valioso que é necessario conservar. Se cahia doente, velava-lhe á cabeceira, em afflictões maternaes; queria-o comsigo ás refeições, como pensionista sêmi-interno; e cedo eram inquietações de cada momento: o negrinho viria? não viria? (José era da côr da noite). Commigo mesmo baptizei o discipulo amado: "o hospede do Grande Hotel". A historia da alcunha dava panno para longa novella comicosentimental. Em poucas linhas passo a tracejal-a:

O sr. Almeida vegetou trinta annos numas bibocas infrequentadas do sul de Minas. Assim vegetara seu pae, seu avô, seu bisavô, e assim vegetariam mais tarde os filhos, se os tivesse; mas era apenas pae de nove filhas casaderas, as mais velhas bem passadinhas e, as mais moças, umas passando e outras no viço e frescor dos melhores annos.

Naquelle desterro onde viv'alma não estanceava, que valia, porêm, a graça, o viço, o desabrolhar de tantas louçainhas? Ai das nove filhas solteiras! Ai dos ricos encantos que se fanavam na solidão! Feiticeiros sorrisos, volun-

tariedades feminis, fanfreluches cheios de encanto, momos caprichosos, tudo que faz da mulher um entezinho appetecivel, estavam alli como certas flores agrestes amoitadas no ermo e que esterilmente perfumam o ar com suas delicadas caçoilas aromaes, sem um olfacto que as aspire, nem olhos extasiados a quem maravilhem. As nove flores agrestes do sr. Almeida tinham-se apenas, umas ás outras, como espectadoras invariaveis de tanto encanto esperdiçado na solidão, e sabe Deus se se contentavam com tão pouco! A melancolia daquelle destino infecundo azejava-lhes o genio, ao ponto de passarem os dias a unharem-se umas ás outras.

E o sr. Almeida, por fim, coçava a barba, pensativo. Gostava de passar os dias pitando seu cigarrão de palha, um tóco babujado que lhe filtrava doce quietude á alma, de envolta com a fumarada, acocorado perto de uma bacia com brasas, a ralhar com os crioulinhos e a gritar com as nove; comprehendia agora, porém, que sua vida não podia cifrar-se naquillo. Esta idéa embutiu-se com tanto afêrro no seu cere-

bro, que um dia resolveu quebrar as tradições da familia, tomando uma grande resolução. O proprietario de um grande hotel, numa villa de aguas, desejava pôr laboura; o sr. Almeida deu o que tinha pelo hotel e freguezia, e despediu-se definitivamente do ermo agricola. Não vira solução mais acertada para seu caso melindroso. Pois um hotel, em tal ponto, é frequentado pelo escol da sociedade carioca e paulista, e alli, pondo á vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difficult achar bons partidos matrimoniaes.

E lá se foram. Infelizmente, porém, o Grande Hotel andava desconcertuado. O dono alienara-o para livrarse do alcaide. Tinha o predio corredores immensos, quartos sem conta, refeitorios amplos, era todo largueza e amplidão, mas não appareciam veranistas que lhe viesse desperfar o silencio claustral, animando aquelles corredores, longos e vazios como arterias cortadas, com um pouco de sanguine corrente de gente viva. Mais cogitativo que nunca, e a recoçar o queixo, o sr. Almeida resolveu installar a um

canto um fogareiro, para sentir acalentar-lhe a melancolica desillusão um pouco de borralho, a cuja beira passava as horas interminaveis a cuspir o sarro do tôco.

Um dia, não se sabe como, surgiu lá o primeiro hospede, homem dos seus quarenta. Foi um reboliço na casa. O sr. Almeida gaguejava e atarantava-se, e as nove musas, passadinhas ou não, ficaram num alvoroço de alleluias em tarde estiva, a trançar estonteadamente pela casa, numa boa vontade de servir e agradar, que era para pôr um homem rendido. O sr. Garcia (este o nome do hospede) não podia queixar-se de mau tratamento. Verdade que preferiria menos reboliço e vae-vem, pois, muito neurasthenico, fôra para calma dos nervos irritadiços que escolhera aquelle hotel desfrequentado. Só encontrava um pouco de bem estar no ambiente sedativo dos logares ermos, na convivencia comsigo mesmo em infin-daveis meditações, em que o ondeante mover do pensamento parece fazer-se fóra do tempo e do espaço, e o espirito fluctua, frouxamente, como uma pe-

numbra de crepusculo em nave abandonada. Com a sua chegada ao Grande Hotel, fez-se alli, na sua paz morta e atmosphera de estupor, a vida que elle evitava. O tóco do sr. Almeida lá ficou a tostar-se nas brasas esquecidas; com a obrigaçao de dar prosa, não descolava do homem, interessando-se pela sua saude e familia e contando-lhe reminiscencias da laboura. O sr. Garcia era delicado, e conversava. Se o hospede queria agua, o sr. Almeida berrava para os fundos: "Agua para o sr. Garcia!" A casa toda agitava-se, havia correrias, balburdia, rumor de luctas, trin-clidos de copos, gritos como echo: "Agua para o sr. Garcia!" E era um bater de portas, um alagar de torneiras, até que enfim, quando o sr. Almeida berrava pela decima vez a reclamar a agua, apparecia uma das nove musas, com um copo orvalhado numa salva, córada e pudica, e a fazer com os labios uns trejeitinhos graciosos, que eram para bulir tentadoramente com um coração menos amante do ermo, como o do nevropathico pensionista.

O sr. Garcia alli viveu, adorado,

bemquerido, adivinhado, animado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tornava-se insustentável; com receio de levantar celeuma, elle procurava conter até as mais urgentes necessidades corporaes. Chegava a passar fome e sede. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente aggravado, e com a obsessão das mais tétricas idéas, sahiu do hotel subrepficiamente, deixando a conta paga e sumiu para sempre.

M a n e q u i n h o

Dos fundos da casa vinha-me sem interrupção o incansavel arrastar de chinellos de siá Marciana. O rangido da porta dum velho armario, e um barulho secco de milho mexido, indicaram-me que ia tratar da creaçao de penna. Aquelle rangido conhecido alvoroçou o terreiro: ouviu-se um rumoroso fru-frutar de asas e uma orchestra de pios e grasnidos. Cacarejante e em andar cauteloso, atravessou a casa, da frente para os fundos, uma gallinha cercada de pintos; ao cruzar-me, deitou-me a matrona com desconfiança o seu olhar prescrutador, esse olhar lateral das aves, que parece exprimir simulação. Com seu monotono *croícro*, sahiu para o terreiro.

Fui apreciar a refeição das aves. Ao atravessar a varanda, o velho papagaio que continuava a cochilar na placa, despertando em sobresalto ao rumor de meus passos, cahiu do poleiro;

em seguida, com muito custo, á força de bico e unhas, conseguiu grimpar pela correntinha e alcançar o pouso, onde continuou sua interrompida modorra de velho.

— Kit! kit! kit! — gritava siá Marciana da porta do terreiro, dando tempo a que chegassem os ultimos retardatarios.

Debrucei-me á janella, a cujo poial se acostava um longo caixote, onde vicejavam mangericões e fuchsias trepadeiras. D'alli eu via o chão batido do terreiro, onde apenas medravam escassos carurús e carrapichos de carneiro; e, alem, o milharal já secco, prompto para a colheita; afogava-lhes os altos colmos vestidos de velhas folhas farfahantes, o feijão de vara a subir triumphalmente até aos pendões, enroscando-lhes suas espiraes vestidas de folhas verdes e pesadas de longos e oscilantes molhos de vagens. Entrelaçando seu caule voluvel com o do feijoal, e misturando com as deste as folhas verdes, alastravam trepadeiras florescidas, abafando ainda mais os colmos resequidos, que entreappareciam aqui e ali.

li, estonteados e como faltos de ar, emergindo de sob aquella viridente alcatifa, profusamente estrellada de alegres campânulas roseas e azues. Cobrindo totalmente as achas da cerca, que dava para a rua, com seus fofos de verdura, um xuxuzeiro proliferava em pendentes pesos brancos, de aspera casca.

Para ver-se livre da gallinhada, que se apinhara á orla de sua saia, siá Marciana atirou o primeiro punhado de milho bem longe, no terreiro. As aves em confusão precipitaram-se para o cevo, e num momento cessou todo o rumor de asas, ouvindo-se apenas as pancadinhas seccas dos bicos no chão apiado.

T'c, t'c, t'c — e nova mancheia atirada ao meio do bando, num rumor espalhado de grãos cahidos.

— Chit! — fez a velha enxotando do hombro uma franga imprudente que lhe tomara de assalto o cogote. — Esta Quita é confiada, que é um principio. Bem sabe ella que é a minha predilecta. A culpa foi da criação.

E, continuando a atirar o milho, siá Marciana contou-me sua historia:

— Era um pintinho doente, morre não morre, que um dia de chuva encontrei encarangado e nú, largado da mãe, debaixo do assoalho. Foi criado á beira do fogo, muito embrulhadinha e, á custa de mil cuidados, vingou. Com isso ficou mal acostumada. Cresceu mansinha e hoje é essa agarração que o sr. vê. Não sae da cozinha e dorme na taipa do fogão. Anda atraç de mim, que parece um cachorrinho; a cada momento preciso enxotal-a.

A lata cantou á saída do resto do grão atirado a esmo.

— Então chama-se Quita?

— Está extranhando? sorriu a velha. Minhas gallinhas teem todas nome de gente. Quem me deu a mãe desta, com a roda de pintos, foi a Quita do compadre Elias. Aquelle gallo chama-se João de Mello — só porque este passou por aqui e o achou bonito. Alli está a Maria Justina, a Pinduca, a Amelia... Olha aquella arrepiada: tem um nome de homem... E' a Dr. Felix....

E siá Marciana riu alto.

— Meu nome? perguntei.

— Sim, porque a estou reservando para o senhor. Quero que tambem comece uma creaçao na sua casa, e sabe que gallinha, para ir adeante, é preciso que a primeira seja dada.

Deu-me ainda outras instrucções: que nunca eu chocasse numero par de ovos, senão gorava. O numero impar tinha virtudes, até nas crianças; nunca se vira nascer alguma de 6 ou 8 mezes.

Num vôo pesado, depois de escolher posição, a Quita alcançou o braço de siá Marciana, onde ficou a bater asas, procurando equilibrio.

— Vem, tentação! disse a velha, auxiliando-a a attingir o hombro.

A esse momento siá Marciana lembrou-se de uma operação que tinha que fazer. Accomodou a Quita na cozinha, e tirou de sob um jacá um frangote assarapantado. Munindo-se de tesoura e de agulha, foi sentar-se á porta do terreiro. O frango parecia doente, e fazia com o pescoço movimentos sacudidos, como para tossir, immobilizando-se depois com o bico aberto, anhelante.

— Ainda tem o pau atravessado no papo, este coitado — disse ella acaricando-lhe a cabeça.

Contou-me que se chamava Manequinho e que era, havia cinco dias, martyr do gallinheiro, desde que num acesso inconsiderado de gula abocarra aquelle graveto. Nada do que comia lhe parava no papo: vinham engulhos e vomitava. E o coitado, que era esganado, havia de sentir tanta fome! O resto da gallinhada já o sabia, e, logo depois da ração matinal e da tarde, fazia-lhe numeroso acompanhamento, á espera do vomito succulento. E o cortejo punha-se em evoluções pelo terreiro, lento e expectante, o frango sorumbatico abrindo a marcha, com os engulhos, e as cabeças avidas a espreitar a hora, prestes para o assalto. Quando o vomito tardava, o augustó patriarca do quintal, o gallo João de Mello, bicava-lhe a cabeça afflictá, como a dizer-lhe que se apressasse, por favor, que aquillo de andar tanto, era, afinal, cansativo e aborrecido. De repente, num engasgo mais forte, Manequinho estacava: era o momento. Havia então um precipitar-se geral e desordenado;

as aves premiam-no num assalto terrible, pulavam-lhe ás costas; outras, mais soffregas, bicavam-lhe a lingua, e enfiavam o bico pela guela abaixo, de esganadas. Manequinho definhava. Aquillo não era vida!

Nesse dia siá Marciana resolveu lirval-o do suppicio ou matal-o. Foi breve a operação: uma tesouradinha no papo, tirar o pau, uns pontos, tudo no meio de um exagerado bater de asas. Em quanto isso, ella animava-o. Ia ver como a vida lhe mudava! Todo o dia, quando chamasse para o milho, não viria elle desconsolado, sem entusiasmo, fechando a comitiva, como se acompanhasse a um enterro; podia agora comer muito, quanto lhe appetecesse, até ficar com o papo tumefacto. Tivesse paciencia...

Um nó cego para rematar a costura e prompto. Acabou-se o estardalhaço de asas. E, como para demonstrar que a cesura não lhe diminuiria a voracidade do costume, Manequinho entupiu-se do milho, que a velha lhe serviu no côvo da mão. Em seguida soltou-o. Onde cahiu encorujou-se receoso. Mas as gallinhas começaram a avi-

zinhár-se. Rodearam-no. Premeram-no. Então, Manequinho poz-se a andar, re-começando sua Via de Amargura. E lá ia o acompanhamento. Pelo terreiro fizeram as evoluções do costume. Manequinho á frente, desconsolado, inquieto, e o gallinheiro todo atraç, com pau-sa e pertinacia. A's vezes, porém, nota-va-se no olhar daquelle uma fugidia expressão maliciosa, que parecia dizer: "Podem vir! Mas previno-lhes que perdem o tempo! Muitos dias regalei a vo-cês todos, com o maximo desinterêssse; em vez de me agradecerem a magnani-midade, pagavam-me com maus tratos. Pois bem, já que foram tão ingratos, hoje acabou-se. Pôdem acompanhar-me quanto quizerem! isto até me distrae... E favorece o chylo. Façamos de conta que estamos fazendo a Avenida".

E, trocando com pachorra as lon-gas pernas, guiava o povinho de pen-nas por todos os cantos e recantos do terreiro. Certo momento o gallo João de Mello foi-se-lhe pôr á beira, como para offerecer-lhe o braço. Mas não. Interprete do descontentamento geral

das massas, deu-lhe uma bicada de incitamento. Manequinho piou e abriu as pernas, correndo... A gallinhada atirou-se furiosamente ao seu encalço... Não vi o desenlace, porque o bando se afastou, sumindo-se na horta.

O dr. Formiguinha

Batendo rijamente no assoalho a peroba do Americo annunciou-lhe a chegada. Suas primeiras palavras deram-nos a agradavel segurança de que o José *viria*. Depondo o chapéo e o porrete, fez menção de sentar-se, para debater commigo um de seus themes favoritos; mas um tinir de nickel no balcão da vendinha, chamou-lhe a atenção.

Era a freguezia dos tostões de pinga, que reclamava Americo. Nada o molestava tanto como essas quédas no real, que lhe entrecortavam as altas locubrações scientificas.

— Se soubesse como esta vida me aborrece, dr. Felix...

E lá se foi, displicente.

Síá Marciana, por sua vez, desceu á horta, a mexer-se para o almoço, que costumava ser em hora bastante matinal. De caminho cruzou Prospero, que já voltava da lagõa, com um bolo de

redes sob o braço. Entrando a sala, o velho accommodou-as a um canto.

— Poucas se podem aproveitar, disse elle; mas depois do almoço vou ver se restauro algumas.

E, ainda offegante da empinada ladeira da horta, sentou-se no estrado, onde se poz a arrancar rabos-de-burro e amores-seccos adheridos á calça ensopada de orvalho.

Entrementes, eu revia, meio desattento, as figuras de peixe debuxadas na parede. Conhecia-lhes a historia, como foram apanhados, a quem os enviaram, pois o melhor das pescas era sempre destinado a presentes a amigos. Deleitava-me ouvir Prospero recontar-lhes a historia; punha-se o velho em pé, com o dedo apontava uma das effigies e começava a narrar; e duma passava a outra, até correl-as todas, memorando incidentes antigos, surpresas gratas de pescador: uma linha que amarfanhava violentamente as capituvas num farfalhar tempestuoso que indica uma grande presa a debater-se na agua; um formidavel mandy amarello colhido em pescaria de rodada, certa vez que

levara a canoa rio acima, bem longe, e viera depois suavemente, trazido na correnteza frouxa, com uma das mãos a temperar a canoa, a outra empunhando a longa vara de vinte e cinco palmos, e graduando-lhe a altura de modo a trazer o anzol de arrasto pelo thalweg, onde se alapam os grandes mandys triangulares, de pelle dourada pintada de preto.

Com o dedo em alvo e acompanhando a parede, figura por figura, e com seu ar ancestral e barba longa, o sr. Prospero suggeria-me Paulo da Gama a explicar ao malabar os fastos portuguezes, bordados nas bandeiras da armada lusitana:

“Este que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama...”

A mais recente representava um dourado de tres palmos, que fôra dado ao medico que tratara a ultima doença da velha. E Prospero contava o prodigo: pegara-o num anzol pequeno, destinado a peixe de menor porte. Ao correr, de madrugada, as varas de espera

espalhadas pelas duas margens, vira nagua um grande rebojo e uma larga forma refulgente que por momentos prancheava... Avizinhou a canoa, febricitante, em risco de cahir; e, sem mais nem mais, foi-se abraçando ao bicho, quando o pilhou de geito. Houve uma trovoada no fundo da canoa onde o atirara; o dourado, espinoteando com valentia, queria saltar a borda; tornou-se preciso, para conter-lhe os assomos, que o velho se sentasse sobre sua grande massa viscosa e o sangrasse, acto continuo, á faca.

Siá Marciana subiu a escadinha do terreiro com o concavo da saia repleto de vagens e xuxús.

— Não muda a calça, primo? Tão molhada! — exclamou, entrando na varanda.

O sr. Prospero meneou a cabeça, num trejeito de indifferença: “Para que? Estava acostumado com a agua. A humidade nunca lhe fizera mal”. Siá Marciana falou-me então das imprudencias do velho. Julgava-se moço, não usava resguardos. Lidando nagua, tinha estouvamentos perigosos: no anno ultimo cahira duas vezes no rio, e todo

o dia era uma porção de “quasis” de inspirar apprehensões...

— Um dia cae a casa — sentenciou.

E accrescentou em alvoroço, como quem torna a si:

— E eu que estou a parolar, esquecendo o almoço! Quando o sr. vem vermos, dr. Felix, nós todos ficamos com a cabeça á roda. Não avalia a falta que sentimos quando custa a apparecer! E só o nosso assumpto de conversa... O Americo, esse que o diga! Trepa num cupim e ahi fica horas, espiando a estrada...

Americo, que vinha de attender á inculta freguezia, confirmou que sim — mas com uma certa circumspecção que denotava condemnar fraquezas sentimentaes e expansões excessivas. Acrescentou que a amizade que tinha por mim era um sentimento nobre e elevado, como a affeição que votava aos livros.

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquellas criaturas simples. Mas, para escandalizados, puz-me a narrar:

— Acredito que sintam essa falta... Nossa capacidade affectiva é tão grande, que ás vezes se estende a coisas minimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desapparecimento muito me penalizou. Apparecia em certa hora da noite, á hora em que habitualmente escrevo. Surgia de um angulo da mesa, atravessava-a em diagonal, passando sobre o papel, e quebrava alem outra aresta, sumindo-se até o dia immediato. Foi assim muitas noites. Acostumei-me á formiguinha e, ao avizinhar-se a hora de seu apparecimento, tornava-me inquieto, expectante, fugiam-me as idéas, e nada mais podia fazer, até que surgisse, lépida, ligeira, alegrando o papel com seu passinho miudo, a minha querida amiguinha. A' sua passagem eu movia a penna em continencia, arredando-lhe a ponta da trajectoria conhecida. Era tão fragilzinha minha amiga! o mais leve de meus movimentos podia causar-lhe a morte. Nesses instantes eu interpellava-a: "Onde vaes tão apressada, minha diligente formiga? Parece que tens a cabecinha cheia de preoccupações. Detem-te um pouco, converse-

mos! Queres assucar? Reservar-te-ei toda a noite uma boa porção. Anda ao menos mais devagar! Repara que há vinte e quatro horas não te vejo, e sem te ver tenho que passar outras tantas. Vê bem: um oasis de meio minuto entre dois desertos immensos! Vou com a mão interceptar-te a passagem; para seguires, terás que transpor o obstáculo, ou esperar que eu te deixe continuar teu atarefado destino. E' muito cedo! Não receies que te extranhem a falta, no formigueiro onde moras; são tantas as formiguinhas trabalhadeiras, e tão parecidas! Faze de conta que hoje foi tua excursão mais longa... Não me attendes, formiguinha ingrata? Então... até amanhã!" Não me attendia. Era uma pressa, um phrenesi de seguir... Não via a trilha de assucar com que eu lhe pulverizava o caminho; se a mão lh'o cortava em barreira, não hesitava: subia por ella e descia do outro lado, deixando-me na pelle um tenué prurido, que era como uma caricia affectuosa. E não se detinha. Toda ella era uma pressa nervosa, um andar afflictivo, uma celeridade de pequeninos meneios, que pareciam dizer-me:

“E’ impossivel! não posso, meu tempo está contado, só tenho prazo para vir ver-te de passagem e muito depressa. Posso apenas conceder-te uma visitinha de instantes, para matar a tua e a minha saudade. Não me detenhas! Tenho muito que fazer...” E, acabando de atravessar obliquamente a mesa, quebrava a quina e desapparecia. Um dia... ella não veio mais. Fiquei imprestavel, tive que depor a penna. Enchiam-me tristes apprehensões. Que se ria feito de minha formiga doceira? Aborreceu-se de mim? Esqueceu-me? Afogou-se numa gota de orvalho? Um passo brutal esmagou-a inconsciente? Eu sentia infinitos receios. Esperei-a uma noite, muitas noites. Nada! Nunca mais voltou...

Todos escutaram sorrindo minha historia. Quando terminei, siá Marciana exclamou:

— Que graça, a da comparação! Vou agora mudar seu nome — d’hoje em deante é o dr. Formiguinha.

Riu-se alto e foi para a cozinha com a arregaçada de vagens e xuxús.

Bocejos e guloseimas

Ainda desta vez o dia arrasta-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. Vive-se mais, na fazenda do Corrego Fundo, que no resto do orbe. Invenço mil modos de encher tempo e ainda ha sobra para uma semana de *farniente*. Maravilhas da vida rural! Por isso é que o fazendeiro que passou annos a tostar-se ao calor dum brasido, tem a voz indolente, frouxa e de um fanhoso monotonio com um sabor a confidencias, que acalenta e entorpece. Por essa causa é que poupa os movimentos; para levantar-se não o põe alerta, de pé, a mola d'uma energia que actua de prompto; esse movimento é um capitulo do seu dia: primeiro hesita, pesa e resolve, depois comeca — estira os braços, num bocejo hiante e sem fim, descae sem forças, corcovado, sobre seus proprios quadris, recomeça o bocejo e o espreguiçar, com a mão tenteia um apoio, me-

xe o pé e com um “ah!” interminavel vae-se levantando, bambo, desconjunctado. Ganhou com isso alguns minutos.

Siá Marciana tem um bom sistema de encher-me o dia, vive a inventar comezainas. Lá surge da cozinha com um prato de pinhões. Tenho o que descascar e roer até o almoço. Em quanto o faço, Prospero encordoa anzoes, dando-me conselhos: devem-se encastoar com cabellos de cavallo marinholo, cuja transparencia os torna invisiveis na agua; se em vez de fio se usa arame, cuidado com as crocas! que, encrocando, a menor piaba o arrebenta; o fio deve ser do comprimento da vara, enrolando-se outro comprimento por esta abaixo...

De vez em quando uma discussão religiosa. Prospero aprecia a leitura da Historia Biblica, a que dá interpretações pittorescas. Proponho-lhe uma questão difficult: se os peccados são suggestão do Demonio, não seria melhor que Deus não houvesse criado a este? Elle refuta-me calmamente:

— Se o senhor montasse uma empresa, não necessitava de um adminis-

trador? Assim, creado o inferno para castigo dos maus, era preciso um tomador de conta, e este é o Diabo.

Dou-me por convencido, e elle prosegue a encordoar os anzoes e eu a roer os pinhões.

Nesta conversa desatada e mastigação interminavel, veio a hora do almoço. O alumno foi pontual. A' mesa lá estava á beira do Americo, que se desmanchava em attenções. Era um negrinho de quinze annos, empertigado, de meia e chinellos, que em questões de decencia o professor mostrava-se inflexivel. Usava a carapinha levantada em topete, e a tudo só respondia "sim" ou "não". Tinha ar serio de negro educado, que sabe ser negro só "nas côr". Aquillo era obra do Americo.

Siá Marciana arrumou-me um prato alto como uma pyramide, que lenta, mas seguramente, eu ia escavando e trasfegando para os mysterios do tubo digestivo. A cada momento eram instigações:

— Coitado do dr. Felix! está sem fome! O senhor precisa tratar-se melhor...

Ao fim da refeição deixei-me ficar na cadeira, refarto, soltos os botões abdominaes, sem coragem para deslocar-me. Sentia-me inteiriço, empanzinado, como feito de uma só peça indobravel. A barriga tumefacta dava-me sensações de gravidez.

— Coitado do dr. Felix! Anda tão sem appetite... coma ao menos uma pamonha com o café... Agora é uma raridade milho verde, mas ainda apparece.

— Pamonhas? Hesitei, apalpei-me. Venham! — resolvi, intrepidamente.

Como sabiam bem! Pena foi não poder passar de duas, que assim mesmo se puzeram a brigar com o almoço e os pinhões, para arranjar logar. Cenvenci-me nessa hora que a impene-trabilidade é a mais secante das propriedades geraes dos corpos. Conciliei a pendencia e compuz-me com a physica cedendo mais um botão da cintura.

Síá Marciana arranjou com sobejos o prato da gata favorita, que lhe puxava significativamente a barra da saia. Sopesando-a pelo ventre elastico, pôl-a sobre a toalha, junto ao petisco.

— E' um animalzinho tão manso e asseado! — disse ella, dando-lhe maternos olhares.

Sempre impliquei com bichanos. Detesto-lhes a musica encatarrhoada do peito e a balda de coçar pulgas nas boccas das calças da gente, principalmente se são novas. Observei:

— Fie-se nessa cordura hypocrita! Não conhece o aviso popular “gato matou só padre”?

A velha riu-se. Era uma antiquissima historia e provavelmente lenda-ria. Já seus bisavós lhe contavam em menina o caso do padre que, armado de chicote, se fechara numa sala para castigar um bichano. O animal enfurece-se, encrava-lhe as presas curvas na garganta e... era um padre que morria e um exemplo que ficava para todos os seculos porvindouros. Que a historia era muito espalhada. Ouvira-a do dr. De-a-pé, gallego, e tambem um francez lh'a confirmara, pelo que um e outro ouviram na sua terra, delles.

— Calumniaram vocês, minha gatinha... — E siá Marciana amaciava-lhe a espinha ondulante, esperando a

terminação do almoço, para acabar de tirar a mesa.

Fóra a toalha, espalha-se o pessoal. A velha encafua-se na cozinha. Prospero vae buscar as redes necessitadas de reparos, e Americo, mais o empertigado negrinho, somem-se para o commodo de negocio. Na sala só fico eu, empachado, o coccix no rebordo da cadeira, a nuca apoiada no respaldo. Dahi a instantes faz-me o velho companhia, concertando uma primeira rede que estende sobre a larga mesa de oleo.

Prospero absorveu-se no trabalho, pelo qual, meio distraido, eu me interessava. O novello de barbante não tinha descanso. Durante meia hora acompanhei-lhe os movimentos, calculando commigo: "Agora é um remendo aqui, um nó alli..." A's vezes errava em minhas conjecturas, o que me dava uma leve contrariedade. Incansavelmente meu espirito formulava previsões: "Para concertar aquella ponta, o velho terá fatalmente que passar para o outro lado da mesa..." Fatalmente enganava-me; ou virava elle o tecido, ou debruçava-se mais.

Isso fatigava-me extraordinariamente.

Com intervallos mais ou menos longos, Prospero ia ligando pedaços de phrases, narrando-me episódios de pescarias a malhas. Nunca comprehendi bem como se arma uma rede: sobre isso minhas idéas eram em absoluto falsas, o que me desgostava. Ao mesmo tempo receava que o velho m'o explicasse. Aprender é tedioso. Os machinismos, então, causam-me particular horror. Numa descascadeira, ao ver o café cahir, deleito-me com isso; mas se querem contar-me o processo da descasca, suppliciam-me inutilmente. O caso das redes enchia-me de appreensões, porque uma idéa falsa tambem causa tedio e eu tinha na bocca uma perguntinha recalcada: "Como se arma isso?" Previa já a intuitiva exposição: o velho que interrompia o trabalho e fazia gestos de fincar estacas, e outros gestos figurando a rede estirada... Provavelmente eu faria um esforço de abstracção, mas continuaria na mesma, sem comprehender.

Nesse em meio ia acompanhando o concerto, procurando, a espaços, di-

vertir a attenção para o exterior, onde devassava um trecho de céo. Era cahir de Scylla em Charybde. Via corvos minusculos ao alto, descrevendo serenamente grandes orbitas vadias. As extremas de sua parabolas, quasi as encobriam os portaes da janella. Era sempre *quasi*. Por esse lado tambem vinham-me apprehensões: "Desta vez encobre, porque a parabola é mais longa..." Preparava-me para mudar de posição afim de não perder as extremas da curva. Mas era excusado, porque, mal tangenciava o portal, o vôo tornava em direcção regressiva... Era intoleravel. Antes as redes! Após um tempo infinito finalizou-se a primeira. Suspirei de allivio.

— Quantas faltam agora, sr. Prospero?

— Nove.

Horripilado, levantei-me e fugi. Não foi bem fugir; a expressão é muito lesta para quem tinha meia arroba de mantimento no bucho; fui rebolando-me para o interior da casa com a lerdice dum cevado em ponto de faca. Ao chegar á varanda, novo susto do pa-

pagaio e a indefectivel quéda do poleiro.

— Por isso é que meu Louro anda acorrentado depois de velho — disse siá Marciana, que vinha trazer-lhe a ração. Cae átoa! Velhice é cousa triste, não, meu negro?

Contou-me que não havia pagaio tão tagarella como aquelle, no seu tempo. Sabia o nome a todos, atiçava cachorros, chamava os escravos. Toda a manhã descia da placa e ia postar-se na cerca que dá para a estrada, d'onde saudava os transeuntes conhecidos com um “boa tarde” nasal. Para elle era sempre tarde, a qualquer hora... Em novo, muito dado, mas a idade tornara-o rabugento. Só tolerava o velho; os agrados dos mais, recebia-os de bico em riste. E que implicancia tomara com o Leonardo, o hospede comido de syphilis que alli fôra curar-se da gafeira que o imbecilizava! Se, quando o via, estava solto, lá ia, pés impercussos, empoleirar-se em sitio propicio e, zás! no lobulo da orelha. Ainda agora, ao ouvir-lhe a voz na estrada, agitava-

se, cahia, batia as asas, febril, buscando libertar-se da corrente.

— Não é assim, meu Louro? perguntou ella.

Não teve resposta, porque, depois de uma bicada inappetente na comida, a ave, sem esperar pela conclusão da biographia, recahirá em sua modórra habitual.

T e d i o

Vagabundeei sem rumo pela casa, buscando algo em que me interessasse. Pesado e bamboleante fui ao negocio. Fóra o sol reverberava, dando offuscantes fulgurações de ouro á estrada poeirenta, onde rangia a intoleravel serrazina do guincho de um carro de bois. Fartamente assoalhados pelo chispante estendal de luz, os campos tambem modorrvam somnolentos.

Nada ha tão vulgar como as horas dum dia de sol. O veneravel astro-rei, tenha paciencia, bem podia variar os seus processos de illuminação. São assaz estupidas essas reincidentes ondas de ouro e mormaço, cegantes para e vista e atorporantes para o organismo. Não pensavam assim os altivolantes corvos, cujos remigios serenos se banhavam voluptuosamente no ar das alturas, refazendo, incansaveis, curvas enormes. Divisados de longe eram pequenos traços horizontaes, rudimen̄tos

de monoplanos, as asas ligeiramente arrebitadas na ponta. Arranquei-me á sua vista obsidente e relanceei o commodo. Nas prateleiras, meia duzia de mólhos de rapaduras, muitos feixinhos de canetas invendiveis, um litro de oleo de capivara, meia duzia de peixes fritos num prato esbeicado e o garrafão de pinga. Um enxame de abelhas zumbia e rezumbia em torno das rapaduras, cujo cheiro enjoativo impregnava o ar. Em attitude correcta, o José copiava, em bella vertical, uma historie ta do livro de leitura. Perto, Americo sorria enfiado, julgando-se sem perdão aos meus olhos pela sua grande ousadia de querer leccionar.

— Tambem ensina estas cousas?
— perguntei-lhe, mostrando o caderno.
— Supuz que apenas transmittisse sciencia pura.

— O sr. sabe — desculpou-se elle
— é preciso começar por essas ninharias. Não faz dois mezes que sahiu do abecedario...

— Aprendeu com você? — perguntei-lhe, admirado.

Fiz o negrinho ler, dictei algumas palavras, passei-lhe uma conta — era

surprehendente como acertava. Maravilhado encarei no Americo. Estava ali um bom corte de professor primario. Revolvi no pensamento certa resolução secreta.

— E gosta do ensino? inquiri.

— Oh, sr. doutor! Se não fosse muita presumpção eu arranjaria uma escola para leccionar de graça os moleques destes lados; mas, afinal, como diz o caipira, cada um deve pendurar o chapéo onde a mão alcança — ou — quem tem perna curta não dá passo largo. Isso só para homens como V. Ex.^a

Sorri como “V. Ex.”, e internei-me de novo para a varanda. Sentia urgente necessidade de espichar-me em meu lugar de repouso preferido. No meio d'aquella pasmaceira sossobrante, a caixa antolhava-se-me como logar de eleição. Estendi-me com gozo na larga tampa, e, dobrando o cotovello, fiz do punho travesseiro.

— Já deu o ataque de preguiça, dr. Felix? casquinou da antesala siá Marciana, que auxiliava o velho.

— Já... Quantas redes promptas?

— Uma só, por emquanto...

Meu Deus, como era demorado! Aquella paciente tarefa ennervava-me, como se estivesse eu proprio a trabalhar. Penosissimo fardo é a ociosidade, algumas vezes!

No meu pouso não pude ainda cahir em beatitude. O tedio é um estado fecundo ás más suggestões. No meu cerebro o sr. Prospero trançava barban tes sem cessar e regyrvam preguiçosas rondas de corvos. Cerrando os olhos eu via estrias e manchas verdes e es carlates, doloroso decalque impresso na retina pela offuscante visão das estradas e dos campos ensolados. Queria dispersar-me, devanear; puxei pontas de romances heroicos, cujo principal personagem era eu; mas o enredo apa gava-se como um rio sem foz que se evapora no deserto e a dispersão con centrava-se no importuno vinco d'a quellas impressões visuaes.

Uma cousa pulou na arca. Era a gata predilecta de siá Marciana, muito dada, esfregadeira, ronronante. Coçou as pulgas no meu pé, continuou a fricção perna acima, deixando na casemi-

ra um rastro de pêlos cahidiços. Achei adoravel aquella sencerimonia e, ajuntando paciencia, resolvi commigo:

— “Vamos ver até onde chega o atrevimento”. Fez-me massagem abdominal, coçou-se no meu cotovello, encostou a bigodeira pruiente no meu rosto, rouquejando surdas catarrheiras; fez menção de beijar-me, foçou-me no ouvido...

— “Vamos ver até onde vae!” trocadilhei, fulo de raiva. Foi a dez passos de distancia, pois sem chamar mais paciencia, appliquei-lhe um tabefe centrifugo: Siá Marciana não estava alli... Perto della é que eu tinha hypocrisias. Amimava o felino, tomava-o nas mãos, achava-o bonito e tudo o mais que agradasse á dona.

Escafedeu-se a gata aos pinchos e bufos pela janella do terreiro. Fez-me falta, porque então senti-me vazio. O vacuo pesava-me como chumbo.

— Quantas rôdes? perguntei.
— Quasi duas.

E eram dez, ao todo! Busquei alhear a attenção pensando em cousas

da cidade. Evoquei a minha vida de homem civilizado...

O diabinho zombeteiro do tédio fez-me lembrar uma inquirição marcada para aquele dia. Testemunhas de longe, crime sensacional, com advogados, accusador particular... Pulei da caixa. E eu que me havia esquecido! Maldicto azar!

Dias e dias que passo ás moscas em meu gabinete, sem uma petição, um auto a despachar, sem um depoimento, apenas a encabulação da visita do meirinho bexigoso, reverente e correcto, a perguntar-me inutilmente: "Sr. dr., tem alguma cousa para os cartorios?" — tão correcto que, ao chegarem as onze, já começo a enfezar: "Faltam cinco minutos... quatro, tres, dois..." e exaspero-me, apprehensivo, certo de que d'ahi a um minuto bate delicadamente á porta e na curvatura respeitosa do costume me estribilha o quotidiano: "Sr. dr., tem alguma cousa..." — e espero que falte aquelle dia ao menos, que quebre aquelle habito de pontualidade acerbante, novo supplicio de Dâmocles — e passa o minuto, e ahi vêm as pancadas e a pergunta e a minha

resposta impaciente: "Nada, nada, homem de Deus!" — tantos dias assim vazios e, logo naquelle, destinado a uma excursão de visita aos velhos, a tal encravação do summario a berrar-me de longe a suggestão de um intolerável remorso !

Numa crisperação raivosa procurei perto a gata, para um segundo revez de desabafo. Nada! Havia-se de certo eclipsado para o fundo da horta, suicidara-se no rio ou fugira para o fim do mundo, a evitar segunda aventura. Senti-lhe a falta. Serzinho inestimável, um bichano!

— Ora, que se arranjassem! Dar-me-iam como presente á inquirição, ou a deixariam para o dia immediato.

Estendi-me de novo na caixa. Mas já não tinha socego. O aborrecimento moral communicara-se ao physico: revivia-me, remexia-me, voltava-me "como a porta em sua couceira".

Só via autos, num rór de papelada com estampilhas e um desfile interminável de figuras de partes: este, rabula terrível, que achava em artigos tudo que eu fazia "radicalmente nullo", por

isso, por aquillo; uma rubrica mal gatafunhada, uns minutos de atrazo na audiencia, o porteiro que apregoou só uma vez o requerido, e já se enfileiravam os: Provará... E era tudo catado, depurado, num espiolhar implacavel; outro, figura manhosa e insinuante, a querer em palestras auferir conselhos ou previsões sobre o exito de tal feito; um terceiro, berrador e impulsivo, possesto com um indeferido, á clamar que o juiz é prevaricador e comprado -- uma procissão irritante de figuras irmanmente hostis, da surda hostilidade instinctiva de classe, que separa os postulantes e os julgadores, e os põe, a uns e outros, numa eterna e irritante defensiva. Via-os a todos gananciosos e rapaces, com as unhas que esfolam o constituinte promptas para agadanham o juiz. Enxotava-os da mente e elles tornavam processionalmente, com as suas astacias e exigencias, protestando e recorrendo...

Por fim foi-se esfumando a turba vociferante, deixando apenas enfocados uns gordos autos de embargos por julgar, que estavam havia sessenta dias sobre minha mesa de trabalho.

Incoerciveis, os remorsos continuavam a pungir-me, com pontas aceradas.

Oh, esses maldictos autos! Ter que meditar duzentas folhas ensebadas e arrear a livraria, procurar o caso nos praxistas, quando os praxistas prevêem todos os casos, menos o que nos interessa! Ante a enormidade da tarefa os embargos lá ficavam dormindo sobre a mesa o sonno dos prazos intermináveis...

Afogado sob tanta culpa, tive uma reacção de desespero. Não! eu não era um mau juiz. Em mim sentia a massa dos julgamentos ímparciaes. Mas, diabo! a justiça, como nós a comprehendemos, esse tonto catar de artigos e retalhos de accordãos, era excessivamente implexa. Em mim não faltava boa vontade para o trabalho nem amor acendrado ao monumento das leis; respeitava-as, admirando-lhes o alto espirito philantropico. Respeitava os bons juizes e as sábias sentenças. O diario official, por exemplo, transcrevia sempre os julgados de um dos mais sábdores de nossos Papinianos, onde cada

paragrapho tinha farta cauda de citações ponderosas. Eram sentenças de peso e tutano, via-se bem. E com respeito immenso eu as cortava e collecçãoava. Pode-se ser mais respeitoso? Não as lia, é verdade, mas, com mil raios! se não me faltava boa vontade para o trabalho, sobejava-me pouca para o começar e assim ficavam em perpetua esterilidade as minhas boas intenções. Que pena não estarmos na terra dos vizires autônomos e Salomões summarissimos, que numa phrase deslindam uma pendencia, sem inutil esbanjar de tinta e de praxistas!

A culpa não era minha, portanto. E, com esta convicção crescente, os gordos autos de embargos foram-se tambem reduzindo e esfumando a distancia.

— Tome um travesseiro, dr. Felix.

Agradeci a siá Marciana, que vinha de rematar com o velho a segunda rede e ageitei-o sob a cabeça. Boa e perspicaz velhinha! era de certo o que me faltava para calar a galhofa dos diabinhos do tedio. A cabeça azoinada achou-se bem naquelle aconchego de

paina macia e a alma dilatou-se satisfeita, predisposta a cahir na beatitude de um longo cochilo.

Tudo começou a tornar-se em calma e incomparavel mansuetude. Os escrupulos das obrigações atamancadas e esquecidas, a hostilidade das figuras que á desfilada me traziam pungitivo anseio, o vinco luminoso do meio-dia ensoado, as repisadas orbitas dos corvos lentos, foram-se vaporando e dissipando no doce diluimento com que se esmaecia e se apagava no azul a nuvemzinha branca que nesse momento meus olhos contemplavam; até o concerto infindavel das redes, em vez de nervosismo, trazia-me a tranquilla certeza dum dia doce e sem fim. Parava o tempo, o mundo immobilisava-se na ultima postura das mãos e no derradeiro soído de voz, como no castello da princeza adormecida, suspendia-se a vida numa ultima emoção, o rythmo do coração numa diástole final, tudo passava ao estado de irrealidade e de sonho...

Benigna sésta beatificadora! Não era bem dormir mas apenas entreviver, fazer na alma um grande vacuo,

dar-lhe uma varredura nas idéas e pre-
occupações, fazel-a uma cousa inerte e
vegetativa que se abre ao sol e á vida
com a passividade de uma fronde lar-
gamente espalmada na altura.

E, assim vazia, penetrava-a com
suavidade o ambiente daquella quadra,
o odor dos mangericões que viçavam á
janella, sob as fuchsias que a emmol-
duravam. Entrava-me uma sensação
de paz, de lar e bucolismo. Era como
um retrocesso á infancia: sentia-me re-
cuado vinte annos, tornava-me crea-
nça. E áquella hora nada me seria mais
doce que uma cantiga materna á cabe-
ceira:

“Dorme, dorme, meu filhinho,
Que o Tutú vem te pegar...”

Não ter a gente a vida toda quem
assim nos embale, dando-nos a caricia
de macia mão que nos alisasse os ca-
bellos, a dizer-nos historias de fadas e
príncipes encantados e a chamar-nos
filho, uma asa immorredoura sob a
qual nos pudessemos fazer pequeni-
nos, encolhidos, escondidinhos...

Mal organisada, esta complicação dolorosa da vida!

Mas naquelle momento parecia-me quasi perfeita.

“Viver é bom!” murmurava somnolenta minh’alma, dissolvendo-se.

Longe, na estrada, rangia ainda o carro, interminavelmente; e era como se o meio-dia se houvesse feito som e por essa voz atorporada e longa dissesse o desmaio voluptuoso dos grandes campos adormecidos ao sol...

Uma historia de cacadas

— Conte-me uma historia de caça,
sr. Prospero.

Ultimado o concerto das redes, vieram o velho sentar-se ao pé de mim. Sentei-me tambem; e, ainda estrouvinhando do longo cochilo, observava, um tanto abstrahido do logar e da hora, no alto de um portal negro, pequeninos tunneis de barro estendidos lado a lado, povoado rustico accresentado cada dia pela faina constructora dos marrabondos. Sahindo de seu profundo torpor, o velho papagaio dignou-se abrir um olho vidrento, com que nos inspecionou um instante; em seguida remergulhou na sua immobildade de ave empalhada.

O sr. Prospero pigarreou, sorriu, ageitou-se e começou a historia reclamada. Era um velho episodio, num tanto desairoso para seus fóros de caçador feliz. Combinaram uma vez, elle e o capitão Domiciano, passar a noite

num barreiro, á espera de caça. Não sabia eu que era um “barreiro”? Ia explicar-me. Nas nascentes de certos corregos, ha, nalgumas grotas, uma especie de lama salitrada, que os animaes gostam de lamber. A terra ahi lagrimeja continuamente escassa humidade. Durante o dia e a noite reveza-se nesse logar toda a sorte de caça. E’ o ponto de encontro das especies mais desirmanadas, e algumas alli vão mais á cata de pábulo vivo, que attrahidas pelo salgado marejamento do solo. De dia são os animaes menos espantadiços e as aves de grande porte, até jacutingas: á noite é a assembléa tranzida das pacas e capivaras ariscas, cotias, cãchorros do matto, que não raro são surpresos pelos temerosos povoadores da matta virgem: antas, onças, queixadas. Calcado por todo o feitio de patas, o terreno é limpo em certo raio; e, pela acção erosiva de milhares de bicos e linguas, vae-se solapando em roda. Não ha melhor posto para um caçador, que uma das arvores do circuito. E’ preciso, porém, que seja homem de coragem e use certas prevenções. Ora, para isso, era optimo companhei-

ro o capitão Domiciano, pois mais de uma vez haviam-se arriscado em sombrias tocas de feras e acampado semanas em serras bravas, á caça de macacos. Durante o dia foram ao ponto escolhido, para os preparativos necessários. Procuraram uma arvore apropriada para a construcção dum estaleiro, e que não fosse obliqua, nem muito grossa, que as onças grimpam de melhor grado nos troncos hartos lançados de viez. Feita a escolha, dois escravos, Adão e Pae Thomaz, arranjaram o ponto de pouso.

— Sabe que é um estaleiro ou girau? E' uma especie de prateleira de paus encruzados, armada numa arvore. Estiva-se bem estivado, fazendo-se como um assoalho e dos lados levantam-se parapeitos. Fazem-se para uma e duas pessoas. Ahi até pode-se dormir. Finalizando os escravos o serviço, fomos para a fazenda, a tratar dos ultimos aprestos. Preparamos matalatagem, verificamos o bom estado e limpeza das armas, entrouxamos cobertas que nos defendessem do frio e nesses arranjos esperavamos a tardinha para

partir. Precisa-se ir com dia e estar-se disposto a passar a noite no girau, porque é perigoso arriscar-se a gente com o escuro em lugar rondado por tão perigosas feras. Depois do jantar chegou á fazenda, muito açodado, o Vigilato, nosso parente longe. "Soube que vão ao barreiro?" perguntou. Respondemos que sim. "Pois vim para caçar com vocês". "Impossível! o girau dá apenas para dois. Se avisasse mais cedo..." "Não seja essa a dúvida! arranjar-me-ei de qualquer modo". Pensei que fosse gracejo, porque era de genio brincalhão e pouco dado a aventuras. Mas teimou que ia, que ia... Já vinha armado e prompto para o pernoite. "Pois então, Vigilato, faça o que quizer. Depois não se arrependa!" E, á tardinha, partimos os tres, rumo ao barreiro...

Aqui o sr. Prospero tocou-me o braço:

— Veja, dr. Felix, a attenção do louro... Está-se recordando dos tempos antigos...

De feito, o papagaio, com os olhinhos agora vivos e brilhantes, deserto do seu sonno de velhice, escutava com immensa attenção.

— São do seu tempo, meu louro, o Vigilato, o capitão Domiciano, o Pae Adão...

E o velho proseguiu na narrativa. Foram, pois, rumo da grota. Chegados ahi, Prospero e o capitão subiram, a experimentar o estaleiro. Pareceu-lhes pouco solido e nelle cabiam estrictamente duas pessoas.

— Pois, Vigilato, arranje-se como puder, que não sobeja espaço para você.

O rapaz tomou em riso a difficultade. Se ainda estava dia...

— Vou fazer uma estiva melhor que a sua, disse.

Numa arvore perto atravessou uns paus pelas forquilhas dos galhos, amarrou e encruzilhou em tudo solido cipó e poz-se á turca sobre a armação, gracejando:

— Daqui farei mais proezas que vocês, porque não ha parapeito a estorvar-me.

E pilheriava, contava casos, atirava remoques aos companheiros.

Quando o negrume da noite deu de adensar aos poucos, o caso mudou

de figura. Vigilato foi-se pondo mudo e de olhos arregalados.

— C'os diabos! rosnou entre dentes. Não avisei a Maricota, que pode estar inquieta...

Devassou num relance o caminho a desandar; mas seguir um carreiro mal amassado, por brenhas inhospitas, e áquella hora, e só...

— Vamos adiar a espera para outra noite? perguntou em voz incerta.

Os companheiros, quietos.

— Que diabo! Não respondem?

— Pouco barulho, ciciou Prospero; é tarde para lembrar-se da Maricota. Se tem medo, trocamos de logar.

— Medo, eu?!

E tentou, para mostrar isenção, co-chichar novas facécias, que lhe sahiram miseravelmente sem sal. Os ouvintes, tambem, não lhe encorajavam a loquela, pois para o bom caçador é grave peccado quebrar o silencio solenne da espera. E os bichos não iam tardar.

Fechou-se de todo a noite. Do barreiro subiam sons misteriosos, brus-

cas correrias, estranho amarfanhado de folhagens, guinchos abafados, longos silencios expectantes...

Em forçada inacção passam algumas horas. Felizmente a lua eleva-se e na clareira esmoitada espalha-se um diffuso albor. Já se pode caçar. E, olhos á espreita, ouvidos fitos na calada da selva, ao menor rumorejo suspeito comprimem com o pollegar o gatilho das armas, promptos para aperral-as.

Raras fórmas assustadiças sombreavam o chão numa carreira, fazendo, pequeninas que eram, largo rumor. Um focinho minusculo trabalhava o barranco, na faina de lamber. Nada que valesse uma carga de chumbo e o alarme de uma detonação.

Vigilato poz-se a trautear entre dentes uma modinha, affectando desassombro. O focinhito riscou o chão de negro, numa fuga rapida.

— Pst! recommendaram os companheiros ao cantador importuno.

Fez-se outra vez o silencio... e, no silencio, muito longe, rouquejou um urro sinistro.

— Nunca ouviu urrar uma onça, dr. Felix? E' uma cousa bonita. E' um miado forte, mas um tanto engasgado, como o dos gatos em sanha. Quando ella urra, parece que tudo se confrange de medo e até a matta fica mais quieta.

No instante do uivo entreviu-se no barreiro um confuso debandar de fórmas antes invisiveis. Um trepidar secco vinha do estaladeiro do Vigilato. Elle tremia e os paus nos seus pés tremiam com elle.

— A bicha ahi vem — murmurou o capitão.

Passou-se um espaço de calada absoluta. No céo sem brisa immobilizaram-se as ramas das arvores, negras e como petrificadas. Apenas longe em longe um lufo manso corria um frêmito pelas franças sombrias. E aquillo prolongava-se, sem termo... “Má noite!” pensavam os caçadores.

Mas um segundo indicio, bem proximo, preveniu-os de algo sensacional. Ouviram um tac-tac caracteristico.

— E' pintada, avisou Prospero. Essa qualidade de onça tem o “sotaque”

de estralar com as orelhas. Armas engatilhadas e silencio. Vamos atirar todos juntos. Segurem o ponto e esperem o signal.

Do negrume da brenha surge uma grande massa animada que avança lenta e ondulante. E' um felino. Ao sahir da orla de sombra, bate-lhe em cheio o luar. Tem o pelo mosqueado de negro e ouro. Na pausa solenne dos quadris a deslocarem-se na marcha, ha a segurança da força. Ondulante e lenta atravessa o barreiro, em direitura da arvore onde se acham os dois... Detem-se em baixo, como buscando sonegar-se-lhe á sombra, á espera, tambem.

Preparam o ponto, cautelosamente.

Os dentes de Vigilato estralejam, entrebatendo-se.

— Pst! faz Prospero, a pedir-lhe silencio.

Com o “pst” a onça olha para cima. Domiciano assusta-se e um seu movimento instinctivo falseia um pau do estaleiro, e o estaleiro, mais os dois caçadores, desabam fragorosamente sobre a onça... A fera, surprehendida, atira-se, de salto, para a arvore onde

está Vigilato. Vigilato despenha-se, num berro...

— Ah, senhor doutor, nem posso contar-lhe todas as peripecias dessa noite! Cahimos de muito alto — ficamos machucados, uma espingarda quebrou-se e as outras ficaram sob os escombros... E, tropeçando no escuro, aos tombos, afflictos, a olhar para traz, fugimos correndo quanto podíamos, quasi sem rumo, extraviados na escridão da matta. Felizmente não fomos perseguidos. Então, recobrando alento, pudemos gemer as nossas contusões, e, accendendo pedaços de taquara e palha de pinheiro, conseguimos achar o caminho da fazenda.

E Prospero ria, da velha recordação. Siá Marciana, da cozinha, fez côro com elle. Eu ajudei-os. E, esperto na sua placa, revivendo tambem antiquissimas memorias, na illusão de um retrocesso aos bons tempos, o papagaio quebrou sua obstinada mudez, clamando em falsete estridente:

— Capitão Domiciano! Vigilato!
Pae Thomaz!

N o b a r r e i r o

Num barreiro — continuou Prospero, a quem escutavamos attentos eu e o papagaio — onde se reunem especies tão varias, dão-se ás vezes interessantes episodios. Era testemunha, não de vista, mas de ouvida, de uma pendencia entre uma onça e um bando de queixadas.

Os queixadas, accrescentou, não são os unicos animaes que podem enfrentar o nosso jaguar; a anta defende-se delle perfeitamente, graças á sua rija couraça nativa. E sua arma de ataque é o arremesso da fuga. Nunca assistira eu á corrida de uma anta? Era espectaculo empolgante. Quando foge acossada pelo inimigo, tem o impeito de um obuz; rompe desencabrestadamente em linha direita, varando, esmagando, sem encontrar obstaculo. E' uma avalanche que despenha. E não ha enredica de touça ou tranqueira engrazada que ella, irresistivel, não for-

ce. Mau grado a couraça encorreada, é atacada ás vezes. A onça, num pulo, toma-lhe de assalto o cogóte, onde se encarapita; e ahi, adherida como emplastro vivo, forceja por estroncar-lhe o cachaço. Contaram-lhe de uma que, levando uma féra assim ás cavalleiras, embarafustou matto a dentro em rompente arremesso, que o peso supplementar não moderava, aprofundando um tunnel no intricado da selva. Guizada pelo instincto, atira-se de raspão sob o primeiro madeiro deitado de travez... Com o craneo estalado, a onça desmonta bruscamente, á quem do obstaculo, onde fica escabujando, no ralo ultimo. Podia não ser verdade, mas era verosímil. Attestava, porém, a veracidade do que passava a narrar. "Palavra de caçador, dr. Felix!"

Desta vez era seu companheiro um vizinho, bom sujeito, o Prudencio.

Estavam empoleirados num girau. Noite negra e silencio grande. Um rastilho prateado, no horizonte, annuncia a lua. Já as ramas mais altas se me neiam alvacentas sobre o bojo atro da clareira. Podem dormir, ainda é cedo

para caçar, pois o luar tardará a banhar o barreiro emparedado pela grande matta, num profundo entreseio de serras. E, no estaleiro commodo, dispõem-se a fazer cama... Subito a atenção aviva-se-lhes. Ouvem um rumor longinquo, um vago crepitar que se torna cada vez mais nitido. Por fim é um vasto estrepito que se avizinha, tomando monte e valle, em convergencia para um só ponto — o barreiro. A' chegada, o rumor sinistro torna-se o formidavel estralejar das presas de um cento de queixadas. De mistura soam roncos, grunhidos, acachoados farfalhar de folhagens destroçadas. E o terreno apisoado pela horda invasora é foçado e furiosamente revolvido, arado pelo cento de focinhos, que ávidos se cevam na salobra infiltração do solo.

No entanto, os caçadores nada vêem. A treva homogenea, compacta, espessa como pixe, enche o ambito da clareira. A vida alli é apenas o confuso rumor da bandeira invasora — um grulhar multiplo e um amortecido estrincar de presas. Aquella vida misteriosa no negror da noite, coa-lhes pelos nervos arrepios de pavor. Arriscar pas-

sos, áquella hora, sob as soturnas abobadas da matta, seria buscar o perigo. Em cada ponto das pesadas trevas pôde haver uma emboscada. A elasticidade do salto está prompta para o bote, as orelhas applicam-se adivinhando a presa, as úngulas crispam-se nervosas no antegosto da posse... Mesmo protegidos pela altura, os caçadores estão emocionados e trementes. Oh, a forte sensação, eternamente renovada, da montaria ás feras!

Em baixo, a bulha amortece. E' agora um resfolegar exasperado de fôcinhos lavrando a terra molle, num grande raio. Improviso, celeuma terrível. Entrebatem-se as presas entre roncos ferozes, bufos assanhados e confuso revolvimento da horda. Era uma onda infernal a investir contra um ponto e a recuar, como rôlos encapellados abalroando um rochedo e refugindo com fragor. E a misteriosa investida arrancava para um mesmo ponto, sempre o mesmo... Para os caçadores só havia em baixo a homogeneidade do negrume; nem chispas, phosphoren-

cencias, ou pallido delinear de contornos: a treva unida, igual.

— Sabe que significa este rebate? perguntou Prospero a Prudencio.

— Não.

— E' um inimigo. Os queixadas defendem-se.

— De que?

— Escute, escute!

Não tardou partiu de baixo um rugido fortissimo, prolongado, que dominou a alarida dos porcos, enchendo a matta e a noite com um rebôo de trovão; e embuzinado pelo valle, desconforme trompa, o rebramar da féra foi despertar até longe os echos adormecidos dos rincões selvaticos.

Aos caçadores, azoinaram-lhes os ouvidos.

— E' onça! exclamou abafadamente Prudencio. Atire!

— Atirar como! objectou Prospero. Nada vejo! Mas soegue, que, ocupada a caçar os queixadas, não dará pela nossa presença.

Com o urro espalhou-se o panico no bando dos suinos, seguindo-se precipitada bulha de numerosa abalada. E, entre bufos, guinchos, matraquear de dentes e um farfalhar encachoeirado, a esparramada turba desgalgou pelo valle, tornando-se prestes uma crepitação longinqua. E então, já remoto, um segundo urro echoou no silencio e na treva. O inimigo tambem distanciava-se, na esteira da prêa recalcitrante.

Esse incidente foi um azar. Subiu serena a lua, dealbando as entranhas do valle, um luar tão claro, que se desenhava no barreiro a sombra carregada do menor caule de herva. Era uma riqueza de minucias no chão calcado e aberto, que mais claramente mostrava a falta de caça. Nem uma paca, nem um rato montez!

Pela madrugada desceram, com as cargas inexplodidas nos canos das armas. Viram em cada palmo do solo os vestigios da passagem do bando; e, num grosso tronco, para onde se concentrara a investida da bandeira, a cas-

ca, nalguns logares escondeada de fresco e agatanhada de garras, mostrava a cautela da onça, em frente dos queixadas, não se aventurando ao duvidoso desenlace de uma lucta rosto a rosto com a desaçaimada horda estrepitosa.

H o r a s d e o c i o

Faltava carne para o jantar; por isso, depois do café da uma hora, meus amigos piraquaras aprestaram-se para a ida á beira-rio. Estava prompto o samburá com os roletes de angú, debulhos de frango e milho para rapar na céva, como chamariz. Convidaram-me para participar da pescaria.

— Outro dia... respondi. Venho com tenções de pescar, e no entanto não me encorajo a arrostar sol e ladeira para satisfazer meu desejo. E a vida assim é que me parece razoavel: um perpetuo aspirar, sem realizações.

— Tem graça, dr. Felix! aparteou siá Marciana. Acha mesmo que o melhor da festa é a espera?

— Sou assim, na verdade, e entendendo que é o mais logico meio de evitar desillusões. E' a causa de ainda estar solteiro. Não quero dizer que condemne o amor...

Perpassou-me aos olhos da memoria a estampa do tal ex-futuro-cuhado, de marreta engatilhada: "Ou casar, ou..." O desastrado espaventara-me uma vez por todas do casamento, com grande consternação das amaveis pretendentes a sogras, pullulante especie que vive a tecer redes de agrados para que se lhes carreiem as filhas do lar.

— Por exemplo: essa matta da outra margem, que não é como esta margem praguejada de caatingas e pastos, exerce sobre mim verdadeira fascinação. De contemplal-a a distancia embriago-me, perturbo-me, imprecando os fados que me fizeram nascer civilizado e homem. A verdadeira vida é a da floresta, com os seus mysterios, emboscadas, emanações de humus milenario e florações ridentissimas. Seu silencio ha de segredar-nos cousas nunca ouvidas, que valem os livros de todos os poetas e philosophos. Porque a sabedoria nativa e a poesia humana estão nessas vozes ciciantes das brenhas, no exhalar mysterios do seu chão balofo e de seus troncos pennugentos...

Eu desejaria ser indio, ou fera, ou o que quer que seja que respira e sente, vivendo entre os jequitibás centenarios, a conversar o ermo, deus familiar sempre presente onde haja uma arvore frondejante ataviada de bromelias e entrelaçada de lianas. Viver a floresta, entrever-lhe a alma bruta! Mas... Já não vou. E' simples porque. A desejal-a me inebrio; possuindo-a, ver-meia azoinado de pernilongos, ferretoado de outros insectos, de sorte que o tempo da visita iria em esborrachar essas pequeninas pestes. Alem disso, as orchideas não me pareceriam bem florescidas, nem os cipós bem tramados, nem os jequitibás bem anchos, nem o perigo bem real. Não sei se estarei a plagiar um romancista querido... Mas a verdade é que suas onças e queixadas já se estão fazendo lendarias, sr. Prospero, mais as suas encorreadas antas. Já repararam que tudo que nos contam de bom e digno de ser visto, ou fica para muito longe ou se passou ha muito tempo? Esses escriptores que nos impingem suas maravilhas... Se fossem descrever uma pesca, mostrari-

nos-iam dourados espadanejantes a abrir nagua remoinhos espumosos, reagindo á tracção da corda. Obrigasse-n'os, porém, a tomar do anzol para provar com feitos a parolagem, garanto que somente ajuntariam numa farpa de capim meia duzia de pratinhas anemicos, do porte de um dedo minguiño.

De pé quedo, e sorrindo, ouviram os velhos o estirado discurso.

— De certo que o peixe não vem quando se quer, disse Prospero; mas ha dias felizes, e então o extraordinario visita-nos. — Diga-me: já viu peixes subir cachoeira, aos milhares, aos milhões?

— Falaram-me nisso, respondi, sceptico.

— Pois, quando as aguas crescerem mais um pouco, vou obrigar-l-o a dar um passeio a umas tres leguas d'aqui, para presenciar um pouco de maravilhoso.

— Tres leguas! exclamei horrorizado. E' como disse: ou fica muito longe ou foi ha muito tempo...

— Ha de ir longe uma vez na vi-

da. Estamos combinados? Encarregome da condução.

Resolvi mollemente que sim, que iria. Mal sabia, incauto que fui! o terível compromisso que acabava de assellar.

E, varas ao hombro, e armados de “coador”, “desabusa” de desenroscar anzoes, samburá de iscas e demais utensis indispensaveis, lá se foram os dois velhos, rumo ao rio.

Ficando só, revolveram-se-me na memoria as ultimas narrativas de caçadas. E, esperta pelo longo repouso, com suggestivo pábulo, teceu minha imaginação uma serie de romances heroicos em que eu era o personagem principal. Em poucos minutos abati um casal de suçuaranas e uma bandeira de quinhetos queixadas, a tiro e á faca. Sahi com um ligeiro arranhão na perna e uma das mangas do paletó ligeiramente rasgada — cousa que com dois pontos e um pouco de arnica tinha concerto. Os despojos, carregados por uma caravana de burros, puzeram queixicahidos meus jurisdiccionados. Tinto de sangue como um magarefe, ia eu á frente

do comboio triumphal. Das janellas espiavam todas as caras de minha implicancia: o advogado dos "provará" esmiuçadores, o impulsivo, o meirinho cacete, um negociante que me não fia-va, outro que me cobrava atrevidamente, todos corridissimos de sua inferioridade.

Exgotadas essas sensações de triumpho, metti-me em empresas de pesca. Apanhei num dia quinze duzias de lambarys, seguidas de treze dourados, um jahú e, por fim, um peixe pheno-meno que ia sahindo, sem fim, da agua. Eu a recuar morro acima e o monstro a deitar rabo: trinta metros, cincuenta, cem... A este ponto escandalizou-me o exagero do romance e deixei, ainda com farta rabada nagua, o mirifico peixe, capaz de embuchar uma geração de Jonas.

No entanto, sem temer aquelle homem terrivel sentado na arca, a esfregadeira gata de siá Marciana, já esquecida e confiada, fazia evoluções pela sala, a negacear um pinto piador extra-viado da mãe. Eu olhava-a com uma certa amizade, com a affeição tolerante e um tanto paternal dos poderosos e

temidos, pela victima inerme que já lhes soffreu o peso da colera. Começava até a sympathizar com aquella figurinha de felino a fingir de onça. Na graca elastica do andar, no harmonioso de todos os seus movimentos, havia o garbo classico das grandes especies, o que lhe dava, por parentesco remoto, uma certa nobreza. Como se as pernas das cadeiras figurassesem reboleiras soturnas, encolhia-se entre ellas a preparar o salto; e, pé suspenso, acompanhava depois occultamente os vaevens do extraviado, simulando, mais adeante, outro bote traiçoeiro. Por fim a piadeira desolada do pinto perdido ennervou-me; ouvindo palavras de despedida no commodo de negocio, para lá encaminhei-me, a assistir á partida do Discípulo, que era despachado mais cedo, em virtude do acontecimento extraordinaire de minha visita. De caminho um mio lancinante: pisara o rabo da oncinha.

— Fez fiasco, sra. gata! Suas altas parentas teem mais cuidado com o nobre appendice... A especie degenerou, não ha que ver.

Segurando a alça dos livros cuida-

dosamente empilhados, o pretinho partia, com uma caneta, de premio, no bolso.

— Amanhan bem cedo, não se esqueça, José! recommendou-lhe Americo. Temos muito que recapitular.

— Sim, sô Merco.

Da porta o professor olhava-o afastar-se; e, revendo-lhe a linha de discípulo impeccavel, saboreava-se em sua obra.

A certa distancia José agachou-se e encheu os bolsos de pedras.

— Que é lá isso?! bradou Americo, alarmado, sahindo a apurar o caso.

Não se julgando observado, o negrinho sobresaltou-se; e, fazendo torcidas da aba do paletó, explicou, com vexame:

— E' que, o sr. sabe, os meninos por ahi me puzeram appellido de Zé Correcto, e eu queria quebrar a cara de meia duzia.

— Não, meu filho! Não faça isso... A' voz da inveja devemos contrapor o orgulho de nossa superioridade. Despreze esses remoques.

E esvaziou á sua Obra os bolsos cheios de projecteis.

De regresso, fez da mão sobre-céo,
observando o sol.

— O dia está-se velando, dr. Felix
— disse. Vamos ter, provavelmente,
mudança de tempo.

Puz-me em defensiva, suspeitando
os manejos conhecidos para a entrada
em conversações scientificas:

— E'... E afinal, um pouco de
fresca não seria mau. Se chovesse, ser-
me-ia bom pretexto para dormir aqui.
Prefiro não ver hoje meu pessoal da
cidade, porque enforquei uma inquiri-
ção importante.

Mas, a sondar o céo, com a mão
em pala, não acceitou Americo a des-
conversa; e, com pausa e tranquillida-
de, como quem formúla a pergunta
mais natural do mundo, começou:

— Senhor doutor, com a capacida-
de calorifica que tem hoje o centro de
nosso sistema planetario, e dado o seu
arrefecimento progressivo, qual será o
lapso de tempo necessario para a ex-
tincção completa da energia solar?

O a g u a c e i r o

Numa transição inesperada, o dia começou de embruscar. A atmosphera tornava-se dormente e abafada. A gente parecia mover-se num fundo oppresso de agua mórla.

— E os velhos! preocupou--se Americo. Entretidos na pesca, talvez nada vejam...

Ia grital-os; mas, da janella das fuchsias, que meneavam os flexiveis caules florescidos, divisamol-os açodados, a vingar cansadamente a ladeira da horta.

Já os cabritos, salvando a cerca, recolhiam. As bafagens do vento, que levantava, encrespavam num sussurro as folhas do feijoal, embalançando as campânulas que sobrenadavam nas ondulações da verdura.

— Quantos dourados? gracejei, á fala com os velhos anhelantes, já entrados no terreiro.

Síá Marciana, de rosto quasi enco-berto pelo chapeirão de palha desaba-do, tirou do cesto piriforme um peixe de palmo:

— Não caçôe, que aqui trago um dourado legitimo. Mas filhote muito novo.

A pesca fôra má, explicou Prospe-ro. Talvez por que o ceveiro estivesse rondado por algum pirata dos poços profundos. Por seguro, lá ficara um anzol, iscado com lambary vivo.

— E que seria esse pirata? inda-guei.

— Talvez um dourado dos grandes, que breve terá o Americo que desenhar na parede. Não se trata, Deus louyado, do minhocão ou do boi d'agua — sorriu o veiho.

Disse-me do primeiro, que é cren-ça ser enorme serpente que solapa as ribanceiras, mudando o curso aos rios; e muitos supersticiosos juravam já ter visto o boi d'agua, monstro que ama espapaçar-se ao sól, fazendo seu pou-so em lagedos ilhados no meio das cor-rentes profundas; em avistando al-guem, atufa-se no abysmo; a agua ca-

tadupeja e espirra, fechando-se em sorvedouro sobre seu gigantesco costado.

— Feche a janella! — interrompeu-se, a um subito pegão de vento que revolveu a casa, despregando da parede velhos chromos de folhinhas.

Fóra, a lufada assobiava num cerquinha de bambús novos, arrancando-lhe uma assuada de mil silvos agudos e graves. Vastos turbilhões de folhas e poeira revoluteavam no ar. De volta aos beiraes andorinhas retardatárias luctavam com o vento; ás guinadas d'aqui p'r'alli, debatiam-se, buscando o rumo; por momentos, perdido o equilibrio, descahiam, para, rasteiras, com o chão, recomeçarem o vôo e a lucta, numa afflictão d'asas que traduzia o anseio pelo ninho; e, ás vezes, como vencidas, levava-as o vento, cousas inertes, espaço em fóra.

Pela porta do negocio, aonde eu fôra acudir a batidas urgentes, de enverga com a ventania embarafustaram aos gritinhos duas mulatas, meio cegas do pó, acolhendo-se do temporal. Uma dellas, papuda, trazia uma pequenita acavallada na cinta. A' minha vista acañharam-se.

— Siá Marciana ?

— Entrem, disse-lhes, apontando a portinha de communicação.

Uma atraz da outra entraram. Observei-lhes o andar desengonçado, bamboleante, tão peculiar aos roceiros, e que é a adaptação do passo humano ás desigualdades do chão habitualmente trilhado.

A tromba passou quasi instantanea, como viera. Mas o dia sombreou ainda mais. Da porta do negocio, onde me deixara ficar, inspeccionei o arredor. A poeira erguida fluctuava immota, toldando a perspectiva com a sua côr suja; e revoadas de folhas, largadas na altura, desciam aos corropios, ou em lentos vaevens, juncando a estrada. Suava-se. A pelle, titilante, pedia o refrigerio d'uma affusão gelada e o calmo espasmo das prolongadas immersões. Tudo gritava pela agua, ansiava por aguaceiro diluvial que abeberasse o solo calcinado e em farta abluição abstergesse a natureza. No abafô abochornado da hora, havia uma como concentração de expectativa. A terra voltava-se para o céo negro, num bo-

quear generalizado de poros sequiosos, supplicando a gotta d'agua de Lazaro; e, nessa dilatação de seccura e anseio, o boleado dos campos parecia intumescer-se, para que mais facil a fresquidão os filtrasse e embebesse, restituindo aos colmos estanques de lympha o alegre rugitar alvoroçado da seiva.

As primeiras gotticulas, ainda invisiveis, disseminaram-se escassas; depois esboçaram-se, menos espalhadas, em tracinhos finos cahindo. O céo mostrava-se taciturno, como fechado num rancor reconcentrado, rosnando. A subitas um estampido secco explodiu nas entranhas das nuvens; e, em longo echoar, uma cauda rumorosa de sons fez o circuito do horizonte, passeando pelas quebradas das montanhas seu rugido mordaçado.

Foi o signal. Grossos pingões precipitaram-se em atropello, empelotando a poeira, cerrando-se, premendo-se, a espipocar balofamente no chão; em pouco a bátega despejava-se em ondas cheias. Columnas brancas corriam no horizonte, como batalhões de reforços, succedendo-se num assalto. Despe-

nhavam-se dos beiraes as gotteiras tensas, paralelas, estralando nas pedras da calçada; e, formando um reticulado de innumeraveis veios, a agua confluia para o meio da estrada em enxurro barrento, que abria carreira morro abaixo.

Eu estava salvo. Não me lynchariam, aquelle dia. Fui logo avisar siá Marciana.

— A sra. tem hoje um hospede para pousar.

Os velhos ficaram encantados. Americo irradiou, antegozando longas horas da noite fecundas em sciencia pura: naturalmente eu seria seu companheiro de quarto.

Na varanda reinava penumbra, a que logo meus olhos se affizeram. Vi as duas mulatas sentadas na beira do estrado.

— O sr. deve sentir fome — disse siá Marciana. Vou buscar-lhe uma couça de que gosta muito...

Suas chinellas arrastaram-se, encaminhando-se para a cozinha. Trouxe-me um pedaço de mogango coberto com uma poça de melado. Cada um te-

ve o seu naco e sua colher. Fez-se na sala um silencio de mastigação. Fóra, as gotteiras trapejavam, em abafado escachôo. O feijoal, sob a corda d'agua, abria um acachoeirado rumor, que nos chegava amortecido, atravez das janelas fechadas.

— Phenomeno curioso, um chuveiro assim repentino, murmurou Americano, cogitativo.

— O dr. não adivinha sobre que falavamos, disse siá Marciana noutro rumo, lançando um olhar malicioso á companheira papuda.

— Não seja linguaruda! pediu a mulata, bufando de riso e escondendo a cara.

— Não é segredo, riu a velha; diz a Clemencia que implica quando encontra qualquer pessoa, porque a primeira cousa que olham é a barriga dela, e que o sr. foi mais delicado.

— Gente! a sra. diz tudo! torceu-se Clemencia, engasgada de riso. A falar verdade, pois decerto! é coisa que implica, porque não foi roubado. Ha criaturas que parece que nunca viram pança de mulher! Sabe, o sô Gaspar?

Traz-ant'hontem teve o desaforo de perguntar-me se comi muita abob'ra.

Olhei-lhe o abdomen, que de facto era um monumento notavel. Trazia sua possuidora as mãos enclavinhadas sobre o embigo, talvez com a pretenção de dissimular-lhe o volume.

— Tem mesmo muita gente desaforado, grunhiu a papuda. Desde que fiquei com o pescoço grosso, é um gosto de reparar... Esta grossura...

Contou-lhe a historia desde remotos antecedentes, fugindo, com euphemismos, á propriedade da expressão. Ouvindo a conversa, a menina, ainda enganchada na ilharga, poz-se a brincar destrahida com o par de cabaças.

— Fica quéta, demoninho! — rugiu a creatura, estortegando-lhe a nadega.

A pequenita confrangeu-se, largando os pendurelhos.

Siá Marciana entrou a perguntar sobre as conhecidas das bandas dellas. Miseria, doenças... Havia uma grande novidade: voltara de cumprir trinta annos na cadeia o Lourenço da Frederica. Lembravam-se? Da Frederica, que

andava com o Martinho, de longos annos. Lourenço namorava-a. Num acceso de "cannelagem" pica de faca um caboclo, que deitara vistas cúpidas á mulata. Não houve appello nem perdão — gramou todo o tempo entre grades. Chegara avelhuscado, quietarrão, com inchação de membros, e arrastando de uma perna. Não sabiam que vieria cheirar para alli. Estivera na casa da Frederica uma hora, e depois seguira p'r'as terras delle que, parecia, eram além de Uberaba — cousa de leguas e leguas.

Interessei-me pelo caso e fiz perguntas. Nada sabiam... A Frederica era quem poderia contar.

— Ella mora no caminho da choeira, dr. Felix — explicou Prospero. O sr. ver-lhe-á o rancho quando fizer a viagem planejada. Falar nisso — não pode ser na quinta-feira proxima?

Assenti, de corpo molle; como quizesse...

Continuou a falar nesse passeio. Disse algo sobre cavallo arreado, e não sei que mais, o que ouvi desattento.

Pois esse projecto pouco tentava-me a lesmice. Eram castellos no ar, pensava.

A chuva ainda cantava na coberta, coando fino pulverisco pelos interstícios das telhas. Com a garoa rarefeita, a temperatura refrescava, no interior fechado. Já as projecções das cordas d'agua eram menos rumorosas. Cedia, o temporal. De gotteiras aqui e alli, aparradas em latas, pingo-pingava a agua com mais espaço.

Com satisfacção attentaram as mulatas em seu declinio.

— Vae passar, sá Clemencia — resmungou a dos papos.

— Deixe chover, disse a velha. As senhoras estão em abrigo. Esperem a janta.

— Impossivel, sá Marciana! E' ida de muita urgencia... Precisamos estar logo na cidade.

Cousas de doença. O marido da Clemencia estava com febre e empachado.

— Será do logar... Porque estamos mudados de pouco tempo. E aquela morada não me está quadrando nada. E' na beira da estrada e, na estra-

da, a sra. sabe, passa bom e passa rúim. Desde que fui p'r'aquella casa não tive um dia de alegria. Nem a gente pode crear. Tenho uma paixão quando gavião come um pintinho meu, e lá já comeram oito, só esta sumana. E não combino com o novo patrão. Assim, a sra. vê — meu homem na cama, entregue, e elle passa p'r'a lá e p'r'a cá e não vae lá nem uma vez perguntar se morreu, se viveu.

E ainda insolencias, “ridiquices”...

— Mamãe, quero agua... — choramigou a pequenita.

— Fica quéta, coisa rúim! — ralhou a papuda, com um repellão. Tu não qué agua nenhum.

— Vou buscar, nenen... espere!

E siá Marciana, tomando um copo, apressou-se para o pote. Destapou e tirou agua com a caneca de borda repicada e cintada de furinhos sob as pontas — precaução para o asseio da bebeda.

Mas o tempo estiara. Só se ouvia o pingar lento das abas do telhado e o rumor distante da enxurrada decrescida, afastando-se.

Perras de movimento as mulatas
puzeram-se em pé, gemendo a pregui-
ça.

— Bem, vacês até outro dia.

Despediram-se de um em um.

Pela porta que lhes deu saída en-
trou uma aragem fresca e a pallidez do
dia ennevoado. Abertas todas as porta-
das, a casa alegrou-se com a suave cla-
ridade exterior. Frouxeis de nuvens
brancas tapetavam docemente o céo.
Ouvia-se ainda um murmurar de
aguas remotas, perdidas ao longe. Es-
casqueada a paisagem de seu tisne
poento, todas as côres se fixaram, lava-
das, nitidas. O proprio som tinha um
timbre mais claro e musical. Da terra,
emfim saciada, brotava como um sor-
riso esparso, que cascalhava, argenti-
no, nas surriadas dos caracarás pousa-
dos num sassafraz fronteiro, sorriso
feito em frescor na aragem, em bran-
do frêmito nos pendões pennugentos
dos campos e em alvura cariciosa nas
lentas vaporações que já despegavam
do solo, acamando-se maciamente nos
refolhos dos valles.

P i r a t a

Fechou-se a noite. Das margens empantanadas do rio sobe confusa vozaria de batrachios. Ha o tan-tan dos tanoeiros, encambulhado com silvos, grulhos, coaxos, ladridos de matilha solta respondendo-se de ponta a ponta dos atascadeiros, regougos graves, espaçados — vozes de experientia e ponderação — guinchos, grunhidos, timbres innominaveis, bufidos estranhos, onomatopéas barbaras de todas as vozes animadas. E se se busca divisar, nos almargeaes alagados, as manadas sem numero de bestas apocalypticas, que em tal soada povoam os echos da noite, apenas se entrevê, fuscamente allumiado ao pallor do luar nevoento, o nível palustre deserto e immoto, adormecido na calma da noite. Longe em longe vem da matta virgem um ulular soturno, voz de mysterio que coa nos nervos um arrepio de pavor. E' a vida nocturna que começa. Insulada a fazenda

em terras despovoadas onde abateu a sombra, só, no desabrigado e no abandono, traz doce sensação de segurança e conforto o ver-se a gente nesse conchego amigo a tales horas avançadas. O velado da entoação das lentes phrases trocadas, o bruxoleio da lamparina empennachada de bulcões de fumo negro, o ambiente de “lar”, mergulharam-me num sopor agradável, propício às dispersões frouxas do espirito.

Mais uma vez o ulular remoto encheu a calma da noite com seu lugubre echoar.

— Que significa esse uivo, sr. Prospero? perguntei.

Fazendo um gesto vago, o velho respondeu:

— Não sei. A matta é mysteriosa. Pode ser um pio de ave nocturna ou o urrar de uma féra. Ha certos sons indecifraveis, mesmo para os que estão familiarizados com a vida nas brenhas. D’ahi as superstições, a crença no sobrenatural, tão commum entre os rusticos...

Rodeavamos, na varanda, uma baia com brasas, uns no estrado, outros

nas cadeiras. Olhavamos todos fixamente o lume, como hypnotizados.

— Mais uma historia de caça, sr. Prospero — disse eu, por fim, quebrando o silencio que se havia estabelecido.

O velho sorriu, já esperando o pedido; e reconcentrou-se, cabisbaixo, como quem puxa recordações e escolhe. A sua testa avincou-se, nessa introversão cogitativa. Via-se que seu espirito adejava longe. Levantou por fim a cabeça, e disse:

— Vou contar-lhe a historia da Pirata, a cadellinha onceira que tão tragicamente acabou. Uma figurinha de nada, pertencente ao Felicio, nosso primo segundo. Tinha elle posses a um quarto de legua d'aqui, onde ainda se vêem, afundidos em ortigas, os restos dos alicerces da fazenda do Fundão.

Nesse tempo era a cidade meia duzia de ranchos esparsos. A matta inviolada alastrava por outeiros e gargantas, afogando as terras onde agora ondeia, na sazão das flores, o roxo furta-côr das invernadas. Onde se vê o rio escambo, aguas fluentes abertas ao céo que se remira nellas, era um trançado de retorsos troncos e galhadas em aboba-

da, tapando o azul. Na meia luz diffusa do bojo da matta, a corrente sombria colleava em meandros as aguas rebalsadas, que apenas esboçavam em seu espelho torvo os zig-zagueantes elances das cordoalhas de cipós monstruosos, que se atiram em fugas loucas de rama em rama, espirrando de si esguichos de folhas tenras, e embalaçando-se em sánefas emmaranhadas sobre o veio dormente. Havia alli echos claustraes, extranhas sonoridades de nave deserta, que se fizeram hoje no flébil marulho das aguas murmurillantes ao sol. A caça abundava. Onças vinham urrar á noite ás portas dos curraes. Certa vez apareceu morta no Fundão uma novilha, victima de uma pintada. Felicio, exhaustinado de raiva, reuniu caçadores e camaradas para encalçar a fera. Os cachorreiros ajoujaram uma duzia de cães escolhidos d'entre o melhor em varias fazendas. Promptos para a batida, Felicio guiou a matilha ao sitio onde se achava o corpo da novilha; e ahi disse á Pirata, apontando a "carniça":

— Mataram minha novilha, Pirata! Descubra quem fez isso, Pirata!

A cadellinha fareja os restos, toma os ventos á roda, ensaia, affirma, e despede no cheiro da onça. Livre da trélla, a canzoada emenda após ella, em festiva alarida. Mal os seguem os caçadores. A féra está farta, pesada do cévo, venceu de certo pouca distancia. Mesmo assim, adentram-se muito na floresta, é um andar sem tregoadas o dia todo. A' tardinha a cachorrada assanha-se ao longe. Os caçadores precipitam-se, "estumando-a" aos brados. Ganindo alto alguns cães retornam, fundamentalmente alanhados das presas felinas. A' sua chegada, a onça, que ainda não trepou, embrenha-se para mais alem, salvando pirambeiras e barrocaes impérvios. Como cae a noite, é tarde para rodearem caminho até ella. Chamam a Pirata e reunem o resto da matilha. Houve dois cães de menos, que acham nas vizinhanças, ventres abertos alto a baixo, entornando os intestinos molles pela fenda. Mau começo... Os camaradas armam rancho, onde todos pernoitam. Não vinham preparados para tanta demora; mas o espirito de aventura tinha-se-lhes atiçado de tal sorte, que,

na ebriez da perseguição, pouco se lhes dava dos cuidados afflictos dos que esperavam. Fervia-lhes o sangue tumultuoso, e á noite foi o somno cortado de alertas somnambulicos. No outro dia a Pirata reacha o faro, e partem na abalada da caça. Vencem mais leguas penosas na matta sem termo. Já traz por fim cansativa obsessão o varar de cabeça baixa espinheiros obstructos, o meter-se de hombros em cerradas redouças que travam a passagem e o desfilar repisado dos grossos troncos acabellados de musgo e orchídeas ridentes, que em cachos pensos se premem a cada dispartimento de ramos. Topam a onça, não acuada, ao fim do dia. Escapa-lhes ainda. Quatro cachorros de menos. Rancho, pernoite. No terceiro dia foi liquidado o resto da matilha, menos a cadellinha. Os melhores cães eram feitos em tassalhos sanguejantes, alguns ainda trementes, num persistir de vitalidade soffredora, que movia dó. Acabavam-n'os os proprios donos, que mal reconheciham naquellas fórmas espostejadas os seus onceiros favoritos. E o odio entumecia-lhes o coração, encrucido ao ponto que, obstinados na

batida, esqueciam familia e tudo. Tinham por pouco os soffrimentos que aturavam, de cansaço, contusões e fome. Porque um bocado para a bocca já montava a problema. E com a roupa em frangalhos, os pés tumentes rompendo o calçado, aprofundavam mais a selva, num entranhар-se desvariado e sem fim. Da matilha, apenas, lépida e sagaz, sobrevivia a cadellinha. Sob as presas da onça era uma esquiva gotta de azougue, a sumir-se num prompto, e a tornar, buliçosa, incansavel, ubiqua, torturando o colosso como o moscardo da fabula. Não havia bote que a colhesse.

— Sim... colheu-a afinal a féra. Os caçadores ainda a encontraram arfando, e a revirar para o dono uns olhos lastimosos, que pareciam dizer-lhe: “Vê? Fiz tudo o que pude. Não me culpe!” Já empedernidos pelo exaspero da perseguição baldada, os caçadores olharam-na indiferentes. Felicio teve-lhe raiva de ser tão fragil, tão nervos, tão rudimento de cousa, que uma unhada canhestra bastava para levar-lhe o sôpro da vida. A noite amarrou-os alli. Nem conversavam, trancados em taciturnidade rancorosa, sentindo o quei-

môr interno da impotencia em revolta. Um suggeriu: "Ha mais de tres dias a onça não come... Virá procurar a caddella..." Era uma idéa. Engatilharam duas espingardas sobre o cévo que se confrangia na ultima contractura de musculos, presos a elle os pinguélos por atilhos de embira, e desandaram a arranchar longe. A insomnia teve-os muitas horas febricitantes, o ouvido á escuta, naquelle lance supremo. Alta noite, detonaçāo. Como foi tardio o alvorecer da manhã! Então, correm á armadilha. Lá estavam as espingardas, gatilhos cahidos, sobre a isca intacta. Mas ha um rastro de sangue — a bicha tomara chumbo! Seguem os vestigios. Andam, pesquisam... e subito sae-lhes de cara, dum engrazado de taquary, uma desconforme pintada. Ha um grito de surpresa. O desenlace! Alçada sobre os pés trazeiros, as presas scintillando, a féra emitte um rugido e investe contra Prospero. Prospero mette-lhe pela guela o cano da espingarda. "Atirem!" grita. No mesmo instante uma descarga trôa, chamuscando o zagaieiro improvisado, e a bicha, ainda alcançando-se mais, num esgar de morte bam-

beia e tomba pesadamente de costas. Afinal, encerrava-se aquelle capitulo palpitante. Os homens, tornados em feras durante a perseguição, restituem-se a sérres de pensar e sentimento. No coração desafogado canta-lhes o jubilo da victoria. Riem, rouquejam hurras, bebedos de alegria. E commovem-se então com a sorte da cadellinha, causa indirecta do successo. Querem mostrar ao cadaver a pelle da onça, pesada tunica felpuda. Voltam ao logar da armadilha e defronte o corpo sacodem o trophéo sangrento. E Felicio, chorando, toma a cadellinha nos braços, exclamando: "Pirata! minha Pirata! mesmo morta soubeste ser boa!"

— Nesse momento todos soluçamos, concluiu Prospero; abalados como estavamos de cansaço e emoções, não era difficult passar rapidamente do riso ás lagrimas. E estas justificavam-se. Só uma alma de caçador e numa conjunctura como aquella, pode entender uma affeição assim absurda por um irracional. E alli mesmo, á roda do cadaver, juramos não caçar mais onças em dias de nossa vida. Verdade é que nem todos cumpriram o juramen-

to... Creio mesmo que nenhum de nós, á excepção do dono da Pirata. Dalli, andando sem parar, e tomando atalhos, levamos dia e meio para tornar a casa. Só á volta nos inquietamos com cuidados da familia. E eu com a "prima"... gorda, á espera qualquer hora... Por isso foi-me uma agonia o regresso. E, chegando á fazenda, encontro nascido o Americo.

O velho calou-se. Era, creio, a decima vez que me repetia essa historia. E, pela decima vez, todos mostravam os olhos marejados, commovidos da sorte da cadellinha, que vivia em suas recordações como creatura amada. Siá Marciana, como de costume, juntou então á narrativa a sua nota pessoal. Que interminavel angustia a dos cinco dias de espera! A demora alarmava a todos. As mulheres descabellavam-se, em desespero. Turmas de camaradas batiam as mattas derredor, tocando buzina e dando salvas. Afinal a chegada, os caçadores esfarrapados, estrompados e sêmi-mortos de fome...

A recordação ainda fumegou, em volta do brasido, numa ou noutra phra-

se solta, ao passo que as mãos instinctivamente se rentavam sobre as brasas veladas.

Fóra, uma harmoniosa serenidade baixara sobre a noite. Calara-se na matta o ulular mysterioso, voz lugubre de um sér estranho, que turbava, com uma ameaça de drama, a quietude universal. A matinada das rans se ensurdecia, como se as ganhasse o torpor da noite. Em torno, o descampado, o deserto. Só, ilhados no ermo, como era doce o conforto daquelle abrigo, daquelle rodinha de almas, banhados pelos dubios clarões da lamparina! Dava uma calidez de ninho ao corpo e á alma. Tambem a matta silenciosa, com a somnolencia de suas grandes frondes immoveis, parecia um carinhoso conchego de ramas sombrias. Alli embaixo, era só a paz, a calentura das tocas acolhedoras, a placidez dos ninhos, a segurança da vida. A natureza dormia e sonhava florações feéricas, fructescencias opímas; e o sonho dos brutos, adormecidos na paz, fluctuava brandamente sob as copas, como uma exhalacão de bruma...

Subito, sobresaltei. Longe, de uma quebrada ignota, subiu um guincho agudo, torturado, espiralando para o infinito uma immensa angustia de victima que implora o céo, um ganir que se vocalizava em agudo crescente de agonia inenarravel, e que instantaneamente calou, apenas revivendo na machinal repetição dos echos perdidos...

F u m e g a ç õ e s

A palestra arrefecera em torno das brasas extintas. Cada qual se isolava em suas reflexões. Siá Marciana ciciava padre-nossos numerosos; a obrigação era grande, por isso começava cedo. Em certo momento, explicou-me:

— Antigamente, dr. Felix, eu rezava um padre-nosso por cada defunto estimado; mas hoje são tantos, que dedico um a cada cinco mortos e dura horas o cumprimento da tarefa. Rezo até por gente que não conheci. Ha tempos leu o velho num jornal que morreu afogado, não sei onde, um pescador; e de vinte annos para cá não me esqueci dele uma só noite, embora ignorando-lhe o nome. Chamo-lhe “o pescador do jornal”.

— Mas, siá Marciana — objectei — são tantos os pescadores afogados, cujo perecimento os jornaes registam, que, ao cahir sua prece na eternidade, pode haver disputa grossa entre as victimas;

talvez botem demanda uns aos outros, para destrinçar a propriedade do suffragio.

— Se houver duvida, sorriu a velha, repartirão a intenção por igual. Assim todos se salvem! Sympathizei sempre com pescadores, dr. Félix. Quem lida em cima d'agua em regra é gente boa e pacifica. Por isso escolheu Jesus entre elles seus apostolos mais amados.

— E' que, ocupados em fazer mal aos peixes, não se lembram de o fazer ao proximo — sentenciou o velho.

Calamo-nos. Cada um passou a revolver seu proprio circulo de reflexões. Era esse cogitar mechanico das horas cansadas, quando as idéas se soltam como presos desalgemados, e se juntam e dissociam sem espirito de sistema, aggregando-se vadiamente em simuláculos de raciocinios, flúidos, inconsistentes... São as travessuras das pobres encarceradas, em momentos de folga. E' tambem o desagregar do somno que começa. Nos olhos sêmi-cerrados a retina semelhantemente se emancipa, desfilando sem methodo as impressões do dia: agua a cahir, uma arvore, um

xuxú, andorinhas tontas a luctar com o vento...

— Traz a sanfona e toca, Americo
— diz Prospero.

O instrumento, que o sanfonista pousa sobre os joelhos, absorve o ar num prolongado accorde. A'quella hora, soltas as idéas, a musica penetra-nos como um balsamo. Seu rythmo, assim doce e rustico, é a unica linguagem compativel com o nosso estado de espirito. Soam velhas melopéas de mutirões, gemidos de escravos melancholizados em cantigas, toadas de extintos serões que a sanfona já sabe de cór, antiga como o são ellas e que saem automaticamente dos dedos habituados do Americo. Seu timbre anachronico resurge cousas remotas, esfumadas no passado. Cerrados os olhos, os velhos se impregnam desse odor ancestral, como se aspira o rescender a alfazema de alfaias antiquissimas. De quantos annos a sanfona do Americo espairece os serões da fazenda, com a sua voz fanhosa! Cada musica prende a uma epocha, ou recorda um morto amado; antigas seroadas alegres, tempos de an-

gustia, tudo revive, gravado nos accordes dolentes, refazendo a historia de dias idos.

Eu achava encanto em vel-os, os tres, tão absorvidos, inhalando aquella revivescencia do passado. Tambem a musica influia sobre mim, mas o meu sonho era o sonho delles; buscava sentir o reflexo de suas cogitações, enxertar-me em seus pensamentos, como quinhoeiro delles. Não é que após mim não ficassem vinte e tantos annos de acervo proprio de recordações; mas só o passado dos outros parece-me interessante. E' o meu uma série de fragmentos desconnexos, um perpassar de silhuetas vagas, e tem o vinco preponderante das sensações desagradaveis; um mau romance truncado, sem interesse, de que de bom grado me alijaria, se pudesse delil-o dos refolhos d'alma, onde, por mal de peccados, se tatuou inapagavelmente. Esmaga-me a predominancia dos maus momentos soffridos; meu passado figura-se-me um rol de miserias cujo cruciar, quando o evoco, lateja sempre actual. Não sei que malevolio iman me constitue o nucleo da

alma, que só attrae, limalha imprestável, impressões sabendo a fel e pranto.

E, ao lado dessa, outras penurias. Sei de pessoas que, de uma excursão pequena, fazem uma narrativa longa, vendo em infímos nadas peripecias attrahentes. Creio que, o que nos torna a vida interessante, é sorvel-a com o appetite avido de todas as curiosidades, o qual, em torno de incidentes minimos, multiplica sugadores de polvo, bem como na mesa collabora o appetite no sabor das iguarias. Tenho viajado muito; mas em tanto correr terras não colhi uma anecdota, uma observação rara, como se desprende num canteiro o pedicel de uma flor. Tudo encinzeira-me tedio na alma e escancela-me a bocca em bocejos. Sou, talvez, um abortado da alma, inviavel para a vida normal. E' por isso que sinceramente invejo os que sabem ou podem viver. Oh, as simples creaturas, cujas almas se entreabrem como corollas para acolher o orvalho dos effluvios do passado! Que livro interessante não folheiam, ao rythmo da sanfona roufe-

nha que ha tantos annos lhes acalenta os serões!

E a noite prolonga-se nessa beatitude sem fim — meus amigos todo recordações; eu, vampiro de nova especie, avoejando pela sua scisma.

Encorujado na placa, o papagaio dorme, com o bico aninhado nas penas das costas.

A c a v a l l o

Serviço até o pescoço. E' uma enchente de autos. Esta atmosphera de petições e arrazoados produz-me, como a pasmaceira habitual, effeito desalentador. As impertinencias dos advogados, longe de me espicaçar o brio, tiram-me até a coragem de levantar a penna empoeirada da mesinha de trabalho. E já entreouço á volta um zum-zum de descontentamento que me turba o farniente. Preciso fugir, cobrar um pouco de vitalidade para enfrentar com valentia os desgostosos. Na minha cabeça sôa como refrão incansavel uma phrase do velho Prospero: "Quinta-feira, sem falta! Quinta-feira..." E como é hoje uma quinta, allicio resolução para zarp par para o Corrego Fundo.

Fecho meu ninho de solteirão e saio. Nuvens algodoam-se esparsamente no céo. Como tem chovido, palmilho com esforço o chão barrento. Meus sapatos roceiros produzem borborygmos

na lama peganhenta. Detenho-me rente a uma cerca, observando uma moita de taiobas folhudadas, constelladas de perolas d'agua. A intervallos uma goticula corre sobre os folhões e perde-se como estrella cadente — um risco de prata e sumiu-se. Muitas vão engrossar outras perolas, que hesitam bamboantes, limpidas, na superficie glauca.

Desprendo-me dessa vista e contínuo, meio arrependido, o meu caminho. Dia pessimo para uma excursão! o serviço largado, o lameiral extenso, chuva á tarde, provavelmente... Meus pensamentos levam-me para traz mas as pernas instinctivamente avançam.

Hoje não ha cigarras. Provavelmente tiritam, sob o abrigo de uma folha, não se sentindo de veia para a musica azoinante. Parafusam, por ventura, sobre o caso da formiga. Má cousa, a imprevisão! Agora que o sol não as embriaga, philosopham, fazem exame de consciencia e juram tomar rumo mais sensato. Entreluza, porém, o primeiro raio de ouro, e as tontinhas, esquecidas dos protestos, serão todas para a luz e para o céo, numa generaliza-

da orquestração sonora, affronta de arte á labuta utilitaria das formigas.

Sucedem-se os conhecidos marcos de minha róta: a sempre-lustrosa, opada de roxo, alcatifando o chão de petas cahidas; a porteira, frígida, sob a arquedura das ramarias encontradas; a curva do rio, o campo entresemeado de cupins... Emfim, a fazenda. Tosando a relva da eira, um animal, já de arreios postos, espera alguem.

— Ô de casa!

Vêm os velhos, vem o Americo.

— Aqui está o homem! exclama Prospero. Já tomou café? Então não o convido para entrar. A cavallo!

— Que é isso?! — espantei-me.

— Pois hoje é quinta, não se lembra? Os peixes já estão pulando na cachoira. O doutor sabe o rumo, é tocar. Nada de preguiças. Estou hoje disposto até a montal-o á força no animal.

Pedi, objectei, reagi — tudo baldado. Vi-me, sem appello, escanchado no quadrupede. Supliquei ainda, quasi lacrimoso, mas uma palmada na anca da montaria cortou cerce as ultimas es-

peranças, despedindo-a em trote acelerado. Eis-me a jornadear. Miseravel de mim! Meu espirito, desdobrando-se, apiedava-se da miserrima victima que a cavalgadura sacolejava num trote duro. De longe gritou-me Prospero que fizesse isto ou aquillo para amaciа a andadura. Não entendi bem, nem me esforcei por entendel-o, devido á minha preguiça de assimilar acquisições novas — do que depois me arrependi. Convenci-me nesse dia de que é sempre bom saber. Primeiro, cahi num estado de resignação accommodatio. Meu *eu* que soffria, vendo o outro *eu* doer-se evangelicamente de sua sorte, assumiu attitude de martyr, para que o outro la-crimejasse mais condolencias. Dizia o primeiro:

— Vês como me componho? O trote vascoleja-me tão duramente, que nas minhas entranas é um confuso misturar e abalroar de visceras. O estomago embica com o figado, o coração se atraca com as pacuéras e nos convolvulos das tripas é um emmaranhado labyrinthico. Sou um infeliz! E não me queixo. Sei conformar-me.

Ao que o *outro* respondia:

— Pobre amigo! Sua paciencia raia pelo grandioso. Está ahi um caso desses heroismos obscuros, mas nem por isso menos meritorios, que a fama não celebra. Continue a soffrer paciente, bom amigo!

Algum tempo depois as consolações do *outro* pareceram-me semsabronas, e meu estoicismo improfico. Então refundi os dois personagens e busquei lembrar os conselhos do velho, gritados á partida. Mas nada me acudia. Eu tivera preguiça de escutar. E esses conhecimentos agora me seriam uteis, para conseguir a reversibilidade do trote em cadencia mais acceitavel. Pelos modos, os bichos dessa especie sabem varias maneiras de andar, escolhiveis à *la carte*. Faltava-me somente um meio de correspondencia. Era o diabo! Procurei, então, recurso, na caixa das idéas. Era homem de luzes, tinha obrigação de saber. Revolvi o mofo dos velhos preparatorios, evoquei o capitulo dos pachydermes, pedi auxilio á historia dos cavallos celebres: nada que me valesse naquellea conjunctura! Nem o

velho cabedal de humanidades cavalares, nem Incitatus, Rocinante ou o cavalo branco de Bonaparte me deram um rastilho de clarividencia. Por fim a Logica refulgiu, com soberana luz, lembrando-me que ha inducções, deduções, experiencias e contra-experiencias para arrancar as verdades do seu poço escuro. Era isso! O metodo experimental! Atinaria assim com a receita do velho.

Submetti a azêmola a uma porção de manejos. Dei redea, puxei redea, soffreei de arranco e com amabilidade, toquei-lhe as orelhas, escoicinhei-lhe os ilhaes com os tacões das botinas. Nada! Minhas visceras, aos gritos, pediam urgencia. Redobrei os recursos, combinando-os, alternando-os, e mais alem iria, se o animal subito não assentasse de reagir, procurando cuspir-me da sella e ameaçando andar de dois. Convenci-me esse dia de que as experiencias *in anima vili* teem seus senões. Apressei-me a amacial-o:

— Que é lá isso? Acalme-se, que o caso não é para tanto. Entremos num acordo, creatura! Sou homem pacato e razoavel — acceitarei condições.

Fez-se o acordo tacito. A montada voltou a andar de quatro, com a clausula de me pôr eu o mais quieto possivel. Em compensação, buscou variar o mais possivel o cardapio. Às vezes abria um galope macio, dando-me ao corpo agradavel galeio; outras, servia-me o trote de má morte, lardeado de um horrivel picadinho sacudido; por fim cahiu num passo preguiçoso, melancolico, que parecia sentenciar:

— A vida é triste. Para que pressas, se ao cabo de tudo é sempre a morte? Uns treparam, outros são trepados, qual corre, qual anda mas no fim a dentuça da megéra abocanha a todos.

Aquella andadura dizia-me coisas. Eu edificava-me, traduzindo seu compasso significativo. Quando me senti saturado de philosophia cavallina, lancei vistas aos arredores. Campo, campo, campo... Monotonia exacerbante. A' margem da estrada, o mesmo hervercer tolhiço de joá-póca rajado, de gerbão de pendão negro e florinhas roxas, barbascos felpudos, manojos de carqueja. Cupins bojavam a flux, como a furunculose da terra. Nos espiões, a eterna crista de arbustos, debruando

vallos occultos. Era secante e vulgar. Como os grandes artistas, nem sempre a paisagem tem genio.

E assim corria a viagem. Quanto custa ás vezes viver a compridez do dia, cuja lentidão ainda frisa mais, pautada por uma andadura lerda de rocim!

O sentenciado Lourenço

A vastidão dos campos sem veios d'agua, dera-me sêde. Avistei um rancho á beira da estrada. Defrontando a porta, defendida por um cancello, grirei pelos moradores. No mesmo instante vi agitar-se no commodo da entrada, que tambem servia de cozinha, uma mulata obesa e velhusca.

— Um pouco d'agua, faça favor?

Trouxe-m'a numa cuia, pedindo desculpas: casa de pobre...

Regalei-me com a frescura nevada da bebida.

Nesse momento uma voz de homem chamou da horta:

— Frederica!

Frederica! Este nome lembrou-me o sentenciado Lourenço, que matara um homem por ciumes. Aquelle escombro de gente, aquellas roscas de toucinho velho com figura humana, aquela creatura fôra a fatal inspiradora do gesto homicida, no frescor de seus de-

zoito annos tentadores, que tinham a virtude de açular os homens uns contra os outros, em furia de morte, na disputa de sua posse. Que descalábro! O que os annos levam de graça e provocantes attractivos!

E, com o vivo interesse que me causara a narrativa das duas roceiras no dia do temporal, borbulhavam-me á bocca muitas perguntas sobre o encontro com o Lourenço após trinta annos de carcere; recalquei-as, porém. De certo fôra banal e desinteressante. Duas respostas que me dêsse, e lá se me desenflorava a mente do romance que eu tecera sobre a volta do sentenciado. Era melhor não saber.

Entreguei a cuia, agradecendo; e proseguí.

Fôra melhor não perguntar. Porque, afinal, bastava-me a minha visão interior, que sobrepujaria, certo, a realidade. E evoquei a figura do Lourenço, demandando a casinhola, meio inchado, deslumbrado do sol a que se deshabitara, arrastando de uma perna. Passara trinta annos a antegozar aquele momento. Nelle via a razão de ser de sua vida, o ponto de convergencia de

seus mais caros pensamentos. Pela illusão da ausencia, acarinhara todo o tempo a imagem da mulata, como a viria pela ultima vez. Nos primeiros annos esperava com ansia a sahida; entretinham-no as appellações, o perdão em festas nacionaes... De cada vez era um alvoroço. Via-se chegando de surpresa; e, na alegria do amor reatado, causa della, desfechava o romance de sua vida.

Mas os annos se escoavam, os ultimos recursos foram baldos e o perdão não viera. Sem esperança, aquietaram-se os assomos de sua mocidade insoffrida, recalcitrante entre as grades e começou a ganhar uma calma philosophia de conformidade. Sua vida não era mais um romance com desfecho e sim uma interminavel biographia incolor, que, decepada em qualquer ponto, ahi ficaria bem rematada, sem que se lhe notasse descontinuidade. A Frederica, se pousava de ordinario na sua imaginação, nella chumbada indelevelmente, não lhe accelerava o rythmo do sangue. Evocava-a melancolico, como um bem inattingivel, raio de luz que

tangenciou o deserto polar de sua vida com uma promessa e presto se eclipsou esquivo. Se a sorte houvera sido outra! Se não lhe truncassem o encadeamento da vida! Porque a liberdade era uma porta longinqua, a tremeluzir baçamente no cerraceiro da velhice, como uma luzita hesitante na sombra vasta.

Volveram-se os tempos e elle sahiu. Eil-o trôpego, aturdido pelo ar livre e espaço desempeçado, buscando, em terras longes, o paradeiro da mula-ta. Porque o fizera? Ultimo anseio pela felicidade? Attracção? Monomania de pobre diabo um pouco virado do juizo? E o ar livre o opprimia, o mundo aberto e immenso dava-lhe vertigens. Talvez lhe passassem pela imaginação scenas de outr'ora e, permixto, os sorrisos feiticeiros duns dezoito annos turgidos de seiva, boleados em tentações de carne, inspiradores da acre tonteira que o arrastara ao desvario e ao sangue. Velhas exhalações...

E trôpego, arrastando a perna, chega, afinal. O sol abrasa. Esbaforido pousa o bordão e a trouxa, limpa o suôr. Que canseiras de estradas longas!

Antes de bater olha o céo e o arredor. Não tem pressa. Fere fogo, remexe a cinza do cachimbo e chega a isca. Devassa outra vez o arredor e o céo, puxando a primeira fumaça. Ainda arqueja. Que estradas sem fim! Que mundo immenso! O pensamento lerdeia-lhe com as baforadas indolentes. Bambo, acocora-se, cravando os olhos hypnotizados numa volta da estrada coruscante de luz. Revê a prisão, o carce-reiro de sorriso amavel, os outros sentenciados. Boa gente! Sentira deixal-os. O coração ainda apertava-lhe a essa nova ruptura do encadeamento de seus dias. Ia encetar uma terceira existencia, elle que se contentaria com a embriaguez da primeira ou com o tédio somnolento da segunda. Má cousa, o re-começar!

Emfim, repousa na derradeira etapa; e, daquella soleira terminal, como dum píncaro sobranceiro, aprazia-lhe olhar ao longe o caminho andado e balancear as fadigas retrospectivas. E, assim, quêda largo tempo. E' com esforço que resolve reentrar no presente. Ergue-se a custo e dá “ô de casa”.

Chegando do fundo, Frederica assoma á porta.

— Boas tardes.

— Boas tardes.

Ella entreabre a cancella e espera, de pé, no limiar. Elle observa-a em silencio. O silencio demora-se. Por fim rompe-o:

— Vacê é a Frederica?

— Sou.

— Eu sou o Lourenço.

Recae o silencio. Observam-se longamente.

— Entra.

Frederica escancara a cancella, dando-lhe passagem.

— Senta.

Apresenta-lhe uma tripeça, indo accommodar-se no tório do pilão. Continuam a observar-se mudamente. Ella, primeiro, quebra a mudez:

— Antão vacê é o Lourenço?

— Sou.

O sentenciado atiça o fogo do cachimbo e recomeça a baforar. Seu pensamento tambem bafora, em visões esparsas. Era a mesma necessidade de relançar, ao cabo da jornada, o caminho feito. Sentia uma grande calma, o seda-

tivo bem estar de quem chegou e pode, afinal, espairecer. Mas a vida sabia-lhe amarga. Precisava conformar-se. O que a gente se illude, sequestrada entre grandes! Cá fóra tambem a roda do tempo não pára de gyrar. O mundo, para seguir seu curso, não espera trinta annos a libertação de um qualquer Lourenço. Seu pensamento fluctuava, de reminiscencia em reminiscencia. Coussas antigas!

Grita de crianças, no terreiro, chamou-o á actualidade.

— Vacê mora com homem? perguntou.

— Com o Martinho. Tenho onze “familias” delle.

A vida sabia-lhe amarga. Havia mudanças. Não lhe haviam de embalsamar o passado, immutavel, aguardando os trinta annos. A roda do tempo gyrava igual em toda a parte, e em toda a parte a vida revezava seus cambiantes aspectos, em aggregamentos e desintegrações. Invadiu-o então um grande cansaço.

Bamboleando a custo o corpanzil anafado, Frederica tirou o coador do arco, espetado na parede. O condenna-

do seguia-lhe os movimentos; viu-a exaguar o panno, assoprar as brasas arrefecidas, ageitar a chocolateira no borralho, depois sentar-se na taipa, á espera, sem desprender os olhos das brasas, que a fascinavam.

O pensamento de Lourenço esvoaçou frouxo, para a prisão. Revia o carcereiro, de sorriso amavel, bom homem. Envelhecera na faina e o mistér lhe não empedernira o coração. Longas prosas tiraram ambos, separados pelo engradado da porta. O tempo fizera-os amigos. O sr. Pedrosa, que assim se chamava, poupava-o na faxina e facilitava-lhe a venda de seus artigos de trançador, officio aprendido na cadeia — o que procurava o encarcerado compensar-lhe com a prestação de pequeninos adjutorios. E a cada momento reciprocavam-se desses miudos obsequios que, mesmo impalpaveis e infimos, firmam a amizade, sem a onerar com o compromisso de obrigações que captivam. Era o Pedrosa, por ter melhor cabeça, quem fazia o calculo do tempo a cumprir: “onze annos, dez mezes e cinco dias, Lourenço...” Uma folhinha animada, impaciente por não

soltar mais prestes os folhellos, exulain-do-os ao vento em revoada, ao rythmo do seu desejo, para soltar o amigo. Depois a despedida: não houve prantos, mas intima agonia rebuçada de phrases vulgares. "Você sabe, aqui um criado para o servir". "Disponha, sem cerimonia". "Até um dia!"

E ahi começara a odysséa do preso, a angustiosa freima com que tentava recolher os restos do passado, para com elles recompor sua existencia mutilada.

Primeiro a Frederica. Vagara de déo em déo recolhendo noticias. Tudo vago. "Leguas alem..." E, sublinhando esse vago, as mãos acenavam mollemente, significando distancias sem fim. Felizmente havia economias. Com parcimonia nos gastos poderia correr muitas terras. E, ademais, tinha pernas. Meio inchado, e perro, o andar muito talvez lhe destravasse as juntas e adelgaçasse a compleição. Provavelmente não seria logo — um mal andado em annos, levaria outros tantos a desandar. Era tambem um modo de desfarrar-se da clausura. E mettera-se longanime pelas estradas. Mesmo pequena,

contentava-se com a aquisição do dia, desde que significasse mais umas braças trilhadas. Assim vae-se longe, embora arrastando um membro imprestável. Pois trinta annos, infinitamente lentos, não passaram?

Jornadeara mezes, em rumos incertos. A obsessão das estradas rubras, colleando infindaveis, tornara-se-lhe dolorosa; era o suppicio perenne do eterno recomeçar; a reverberação da luz dava-lhe offuscações ophtalmicas; os incommodos não melhoravam, antes aggravavam-se. Tudo, porém, tem seu termo. Descobrira a mulata. "Adeus, canseiras de estradas longas!" E, chegado, ao enxugar da testa as bagas de suôr, era como se se despedisse do longo azar que o tolhera na vida e, depondo a trouxa e o bordão, depunha o passado. Mas as cousas haviam mudado. Isso é que era mau.

Soerguendo a cabeça, assoprou para o alto uma lenta baforada.

— O Martinho é bom sujeito?

— Bebe, ás vezes. Do mais não tenho queixa.

Emfim, a vida é a vida. Cada um tem lá a sua sorte, como diz o outro, e da sorte de cada um só Deus sabe. E' quem ajunta e separa, trama e destrama. A Frederica parecia remedida a seu gosto della.

Então encarou-a melhor, analy-sando-lhe as feições. Estava bem diferente. E a esse ponto evocou os velhos tempos de namoro. Viu-a provocante e roliça, na graça dos seus annos florídos. Estimava um collar de grandes contas douradas, que lhe dera elle num caxambú. Adornava-se sempre com o singelo adereço, cuja côr fulgente casava bem com o seu collo de ambar; e, quando ella sorria, brilhavam harmoniosamente o seu sorriso e as contas. Furtara-lhe beijos á bocca rosa-dada, que lhe sabia a polpa de fructos. Certa vez, num abraço, sentira contra o peito aspero de cavador o suave premer de seus seios turgentes. O sangue fervera-lhe aos borbotões, incendido de desejo. Era rapariga de virar a cabeça e fôra má sorte do *outro* vir cobrir-lhe a creatura. O que tem de ser! Mas tudo, velhos casos. O passado, passado.

Desligou-se da recordação. Toda-via, uma lembrança puxa outra. Acudi-lhe a mãe, já por aquellos tempos velhinha, a bater roupa, e os manos pequenos. Não vira mais a familia e nem tivera noticias. Na sua memoria, porém, vivia ella embalsamada, sempre a mesma, no mesmo rancho, com as mesmas idades e a vida enquadrada na mesma paisagem da roça. E vieram-lhe saudades da mãe e dos irmãos. Trinta annos longe! E fôra ingrato, poucos pensamentos lhes dera nesse trajecto de tempo. Tinha economias — iria levar á velhinha um pouco de descanso. Tanto bater roupa na fonte ha de dolorir o braço, inda mais a ella, que soffria de rheumatismo. Parecia que ainda a ouvia queixar-se das juntas, em phrases gemidas, quando o frio ennevoava o ar, acamando geada brancacenta nos campos. Boa mãe! dar-lhe-ia elle o que economizara, tudo, tudo! não queria um vintem para si. Fariam uma casinha de telhas no logar do rancho velho e haveriam de morar juntinhos.

Já ansiava pela chegada. Mas uma duvida doeu-lhe no coração: trinta annos!

— Vacê, tome café.

Frederica apresentou-lhe uma tigela fumante. Para si aparou noutra va-silha, sob o bico do coador suspenso da parede. Beberam. Ouvia-se no silencio o gluglutar espaçado dos goles. De lon-ge vinha vozearia de creanças, garru-lando.

Lourenço depoz a tigela e reati-çou o cachimbo.

Trinta annos! Os irmãos pequeni-nos, que via como um bando trefego a derriçar pitangueiras, estavam já ho-mens maduros. Talvez nem todos fos-sem vivos. E a pobre mãe, que deixara de cabellos algodoando-se de velhice... Mas onde quer que houvesse farrapos do passado, cumpria ir recolhel-os, em romaria piedosa, para ver se do acervo esparso reconstituiria um simulácro de vida. Era alheio aquelle lar onde pen-sara repousar, apenas soffrendo em re-trospecto mental as canseiras sentidas; nelle não podia acolher-se. Era vomi-tado dalli como o fôra da prisão, em cujo vegetar achava mais suavidade, que naquelle jornadear sem paradeiro. Era mistér seguir ávante. Procurou en-

trever os dias vindouros. Tremeluziu-lhe outra vez na imaginação, numa fulgencia doce, a casinha materna. A velha, os irmãosinhos... Mas a fulgencia desbotou. Tantos annos de permeio! Invadiu-o de novo um tedio infinito. A vida pesava-lhe.

Cumpria, porém, partir. Esgueu-se penosamente.

— Antão, adeus.

— Adeus, Lourenço.

A custo deslocou a perna enferma, buscando a porta. A inchação, aggravando-se, punha-o oppresso. Era um mal estar, um sibili no peito... A' soleira, defendendo a vista, sondou a estrada, assumptando concentradamente, como se sondasse o futuro. Lonjuras infinitas, sol escaldante, o impreciso além...

— Adeus, repetiu.

— Adeus, Lourenço.

Guardou o cachimbo, retomou a trouxa e o bordão, e afastou-se, trôpego, paciente, rebocando a custo a perna enferma, como um casco desarvorado, sem rumo, toando ao léo...

Crescite et multiplicamini

A's nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que vivia entrevado, com a sciatica. "Bom ponto de almoço", pensei. "E de repouso tambem, pois a cachoeira ainda dista uns tres quartos".

A fazenda era um casarão achaparrado, com capacidade para aposentar um corpo de exercito. Circuitavam-na culturas em abandono, que se asselvajavam em capoeirinha. Ouvia-se o trapejar de agua a cahir e o rumor de um moinho, trabalhando.

Ao ranger a porteira do curral, sahiu afobado da fazenda, ao meu encontro, um homem dum olho furado. Soube depois que se chamava Sontonho.

— Veio buscar o fubá do Totó? — gritou-me elle, a plenos pulmões, chegado a meio passo de distancia.

— Não senhor; eu...

— Você então é o camarada do Zaéca? — secundou semelhantemente, espichando o pescoço para reconhecer-me.

— Tambem não! Eu...

A esse ponto enxergou-me gravata e collarinho, e disse, descobrindo-se:

— O sr. desculpe, eu vejo pouco. Veio buscar fubá?

— Não! Desejava apenas, se não incommodo, descansar um pouco e almoçar, sendo possivel.

— Decerto que ha de ser possivel! Uma quarta só?

— Como lhe dizia, não vim precisamente para isso...

Ahi Sontonho fez da mão porta-voz e berrou-me na concha do ouvido:

— Meio alqueire?

Larguei a redea e fugi para a mascara da fazenda.

— Trouxe sacco? gritou ainda elle, no ouvido do cavallo.

Não sei como findou o dialogo, que foi longo, a avaliar pelos brados que soavam para os lados da porteira.

Bati e introduziram-me no quarto do velho. Sô Quim Capitão recostou-se na almofada para conversar. Estava es-canifrado, de olhos fundos, muito nos cambitos, desenhando-se-lhe a ossatura accidentada sob a colcha de retalhos. Um bentinho unctuoso aninhava-se-lhe entre as falripas do peito descarnado e a cabelleira branca arrepellada dava-lhe ares de Jehovah em furia, a deitar maldicção.

Depois que me identificou e reconheceu, pediu noticias do povo do Corrego Fundo e da cidade. Quiz saber da guerra, da crise e abysmava-se de tudo, como se a fazenda fosse uma ilha deserta, e elle, Robinson. Detinha-se, ás vezes, num esgar de dor e contorcia-se no catre, onde seus ossos seccos estralejavam, como varas dum feixe mal atado. Depois, acalmado de subito, pedia desculpas da pausa, e recomeçava a “especulação”. Fazia-me repetir as cou-sas duas, tres vezes e dar de tudo expli-cações miudas. Era um anseio de saber, de inquirir e um regalo das noticias sa-bidas, que por momentos esquecia os estortegões dos nervos gritadores,

Arrancaram-me do seu quarto para o almoço.

— Fique aqui hoje! disse elle. Viroca, manda as meninas desarrear o animal.

As “meninas” eram tres filhas bobas, cobertas de mulambos, e com farrapos de saias até os joelhos. Mau grado meus protestos, passaram as tres para o curral.

O almoço já fumegava em terri-nões claros, altos como monumentos, na mesa da varanda. Espantava-me de tanta iguaria numa casa apparentemente despovoada, quando começaram a concorrer, de todos os commodos, os numerosos membros da familia. Eram uns homens barbaçudos, de olhar palerma, ainda remelados de somno, e de andar desconjunctado; e eram bojudas figuras de mulheres, mais ou menos matronas, de ar atarefado de gallinhas chocadeiras a cuidar dos pintos. Não havia braço sem cria. Os ventres boleavam-lhes, em competencia de fetos; a primeira empinava o embigo, já nos nove mezes; na segunda espinoteava o filho já viavel; e, em todas, as proemi-

nencias, mais ou menos accentuadas, as-signalavam as phases varias da gesta-ção. A essa vista afigurava-se á gente estar na matriz inicial do orbe terres-tre, ponto de diffusão das raças.

Cumprimentei a todos e a todas, aturdido de tanta cara nova. Só mais tarde consegui rotular cada uma com um nome e destrinçar o mesclado pa-rentesco. Havia alli um Tavico, uma Zóca, Bié, Biella, Carrinho, Viroca, Bas-tião, Tintina, Cocota... Appareceu tambem Sontonho-do-olho-furado, que se mostrou muito meu amigo e me con-vidou a sentar a seu lado.

— O fubá está prompto, avisou-me.

As tres bobas, de volta do curral, passaram para os fundos, carregando os arreios. Essas serviam, almoçando depois na cozinha.

O pasto foi succulento e o panta-guelismo generalizado dos convivas dava-me por suggestão um appetite que raiava o esganamento. Comia-se muito e depressa. As tres bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir pri-meiro; e se não serviam presto, era uma saraivada de epíthetos:

— O' saranga, a caçarola da frita-dá!

— Que pamonha! ha ques tempo 'tou te pedindo o revirado!

Era incrivel o que aquellas boccas, enormes como furnas, se embastiam de mantimento. Os homens não proseavam, com o tento nos terrinões e a se vigiarem de esguelha, promptos para a offensiva, no caso de saque de algum boccado precioso. Se ia alguem espostejar um frango, as queixadas paravam de mastigar e os olhos convergiam terríveis para a travessa, a fiscalizar o operador; rateada a ave em quinhões equitativos, recomeçava em torno da mesa a mandibulação interrompida.

Cruzados os talheres após as repetições do estylo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angú; ao cabo chupei os bigodes, como os demais, para acclimar-me aos novos costumes. Seguiu-se café com bolinhos. E eu já estava tão bem assimilado áquella companhia que em seguida obliquei como todos um olhar inquisidor para os lados da cozinha, a ver se apontava ainda alguma cousa. Após razoavel es-

pera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhados dos bolinhos remanescentes e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria, para os seus aposentos.

Por desencargo de consciencia fui espiar meu animal. Vendo-o desarreado e a comer milho, invadiu-me um grande desanimo de continuar a viagem.

— Não tem nada que olhar para o cavallo, disse-me D. Viroca, que me observava; papae já disse que hoje o senhor fica aqui.

— Impossivel, minha senhora!

Demonstrei-lhe por mil razões, qual mais convincente, que instava seguir minha viagem; primeira — era juiz e não estava em férias; segunda — viera em animal alheio, que devia restituir á tarde; terceira... quarta... millesima...

Ella calou-se, convencida, depois de oppor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera apenas á mania dos considerandos, pois estava inclinado a bater pouso naquelle mansão que

me quadrava tão bem; por isso, foi com espanto que ella me ouviu pedir umas chinellas, quando esperava agradecimentos e despedida. Ordenei ás tres mudas que me apromptassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem gomma do Sontonho e espapacei-me, por fim, regaladamente, na marqueza de volutas da sala de jantar. Extranhei somente que apenas me dessem para companhia tres canzarrões de colmillos brilhantes, Nemrod, Piquete e Danubio, cujas boas graças conquistei com um punhado dos bolinhos encelleirados e que eu tivera o cuidado de baldear aos bolsos do terno de brim. Extranhei — mas depois comprehendi que havia alli habitos arraigados a tolerar e respeitar.

— Porque não vae para o quarto de papae, dar uma prosa? disse-me D. Biella, passando.

Respondi-lhe que estava bem e dei-xei-me ficar. E as horas corriam nessa doce inacção. Quando o silencio me pesava, retinha ao pé de mim o primeiro que passasse pela sala e fazia-lhe per-

guntas, inquirindo do pessoal e do parentesco, pedindo pormenores, como contagiado da inextinguivel curiosidade do velho paralyticoo, eu que sempre procurei desinteressar-me do que se passa sobre este planeta tão pouco interessante. Talvez a esfrega do cavalo me tivesse ensinado uma vez por todas a não descurar das pequeninas coussas que convem saber e a supersaturar-me da sciencia das insignificancias importantes. E só então começou a fazer-se luz em meu espirito, sobre a intricada genealogia e correlatividade do pessoal da fazenda. Aprendi que sô Quim Capitão era pae do Carrinho, casado com a Sanninha. Estes geraram o Tavico, casado com a Tintina de olhos sapiroquentos. Carrinho, filho de sô Quim e pae do Tavico, tivera fazenda e terras. Quando casou o Tavico, poslhe negocio de generos na cidade. Em dois mezes o casal comeu o sortimento e o filho levou a mulher para a roça, aonde ia “ajudar” o pae. Ahi elle e a Tintina geraram uma porção de filhos e filhas. Na fazenda paterna já estavam outros filhos “ajudando” o Carrinho. O euphemismo encobria desemprego e

dava recacho para enfrentar de cabeça alta os maldizentes. Em poucos annos todos de parceria comeram a fazenda e as terras, e foram para a Paineira “fazer companhia” ao velho entrevado. Chegando ahi o systema solar do Carrinho, composto de sol, planetas e satellites, já encontraram na fazenda outros systemas solares, que todos rodavam em torno de sô Quim, que era uma especie de ponto fixo desse novo universo. Tal união tornava-se edificante e levava os fazendeiros das cercanias a exclamar, apontando-os como exemplo:

— Familia unida como a de sô Quim, eu nunca vi!

Havia, sim, congraçamento, e o mutuo desejo de prestar serviços. Se alli estava a familia da Cocota, era para esta fazer companhia a sá Tuda, perdo das dores; quando a Tuda “desoccupasse”, seguraria a Cocota, que tambem estava muito “pesada”; e, livres as duas, não podiam desamparar a Biella, que já tinha enjôos e vágados; e nesse gangorrear de panças ia passando o tempo.

Mau grado tanta companhia, mirrava-se na soledade de seu quarto o venerando tronco daquella proliferação copiosa: D'alli mesmo, esteio sólido da fazenda, administrava os pastos de aluguer, principal fonte de renda. Seu braço direito eram as tres bobas, "guerreiras" para o trabalho; trindade inseparável, iam todo o dia, symetricas, para o eito; roçavam, plantavam; e ainda cozinhavam, lavavam, com os tres pares de pernões em perpetua exibição, sob os farrapos dos saíotes. Braço esquerdo era Sontonho-do-olho-furado, que cuidava do fubá com uma dedicação sem igual; impaciente, numa freima de mania, vivia da fazenda para o moinho e do moinho para a fazenda, um pouco desperdiçadamente, porém, pois seus sentidos avariados o faziam andar um pouco mais do que o estrictamente necessário; tanto era que, empurrasse uma creação a porteira do curral, lá sahia elle com a chave do moinho na mão, muito apressado, perguntando:

— E' p'r'amórde o fubá? Trouxe sacco?

E, sem attentar mais, nem esperar resposta, enveredava diligentemente para a engenhoca.

Com excepção do Bié de barba comprida, phrases sentenciosas e musculos dignos do guatambú, que passava os dias no terreiro, capão da pintalhada, a fazer carrinhos para as creanças, os outros varões reservavam-se para a reproducção da especie, mistér de mais nobre alcance. Viviam pelos quartos, derreados da faina de procrear, a refocilar os orgãos trabalhados em interminaveis somnecas reparadoras. Apenas deixavam, estremunhados, os leitos prolíficos, á hora das refeições.

Essa inercia geral ia-me ganhando, de sorte que eu não deixava o sofá de volutas da sala de jantar, o qual, á noite, me servia de leito. Aquella atmosphera de langue despreoccupação antolhava-se-me como summo bem e unico modo de vida razoavel. Quantos dias encalhei alli, como Annibal em Capua, integrado na familia de sô Quim Capitão na qualidade de satellite avulso ? Nem sei. Em certas disposições de animo devolve-se o tempo unido, como uma sombra que perpassa lentamente

e sem fim, sem repartições de dias e de noites. Não era, todavia, totalmente feliz; acabrunhava-me a vaga consumção dum Adão solitario, que boceja no meio da perfeição do seu Paraíso, sentindo pesarem-lhe varias costellas sobresalentes.

No meu sofá, saboreava-me do silencio e da penumbra do amplo salão de jantar. O mulherio atropellava-se ao longe, na cozinha, inventando quitutes; dalli vinha um afastado chiar de panelas, cascalhadas, exclamações joviaes. Em cabides de pau embutidos nas hombreiras, canos para o alto, pendiam espingardas presas pelas correias e buzinhas retorsas, que sonorizavam o silencio com recordações de caçadas. O alto relogio secular contava os segundos, e tempos a tempos batia nasaladamente horas frouxas. E, naquelle estagnação de sombra e mudez, produzia echos sonoros a tosse do velho, aos fundos, ou a carreira de algum dos canzarrões de guarda, unicas almas vivas que a espaços a animavam e que, em demanda da cozinha, onde iam pedinchar os sobejos, levavam tempos a vencer o varan-

dão, desesperando a gente de vel-os chegar ao cabo do immenso commodo. A intervallos, uma alegre alarida: são os quitutes que vêm em bandejas e travessas:

“— Sr. doutor, corá? Pipocas, sr. doutor?” E ás vezes milho ou batatas assadas, ou talhadas de moranga. Tomo ás mãos ambas meu quinhão, já espetado pelo appetite; e em seguida o bando esparcella-se pelos quartos, onde os machos, estrouvinhados, grangeiam com os petiscos um precioso conforto para a substancia fatigada.

E os dias eram todos assim parecidos...

A c a c h o e i r a

Em quanto reino sobre meu sofá como unico e indisputavel senhor, a vida parece-me amavel; mas o velho peorou e o curandeiro que o trata veio arraigar-se a meu lado, refugindo do enfermo, cuja loquela interrogativa não se compadece com sua veia philosophante. Se meu vizinho fosse um ser inoffensivo, eu poderia toleral-o; mas o homem fala, fala, fala... Procuro dispersar-me; numa fuga de attenção analyso-lhe a cabecinha ruiva de formiga e orço-lhe trigonometricamente a proeminencia do nariz pontuda; minha attenção, porém, resvala para a perlen-ga ininterrupta e eis-me de novo a ouvil-o:

— E' como lhe digo — sou carimbamba por muito fuçador e querer saber cousas que não me competem. Sou peneireiro, fazedor de pilão, de colher de pau e de gamella, e devia ficar só nisso, porque é como lá diz: "Quem é

mão não faz pé” e “quem nasceu p’ra cachorro hade morrer latindo”. Pois eu, o senhor sabè, não tive principio nenhun; o pouquinho que aprendi foi es- cutando aqui e alli e conversando com os entendidos, que eu, Deus louvado, sei pôr-me no meu lugar. A’s vezes sou poeta e gosto de especular os medicos; foi assim que, pedindo uma explicação a um d’elles, do que me disse compre- hendi que a saluva é a graxa do esta- mo. Guspir é um vicio. Veja as creações, que não gospem. A’ proporção que a saluva vae marejando na bocca, a gen- te deve engulir, porque assim ella vae desenvolvendo p’ra dentro e não faz falta para a digestão. Creio que é pon- isso que meu estamo é bom. Aquillo que cahiu dentro d’elle, vara. Como de tudo. Só não gosto de caça de rabo, por- que é parente de cachorro. E como, sempre que meu estamo pede. Numa comparação: um moinho, se tem milho na moéga, vae moendo; se não tem, azanga. Assim tambem o estamo: é pre- ciso ter nelle sempre alguma cousinha p’ra não trabalhar em secco.

Abundei na mesma opinião e o meu interlocutor proseguiu:

— Sou peneireiro e lavro madeira, mas não tenho mais tempo p'ra dar ao officio; são muitos os doentes e vivo da casa deste p'r'a daquelle. Ainda agora... ainda agora...

Veio esta repetição porque comecei a abstrahir noutras cousas e o homem o percebeu. Com o segundo "ainda agora" elle exigia que me fixasse na sua exposição. Concentrei-me a escutar-o e elle continuou:

— Ainda agora venho de traz da serra, onde fui ver um compadre com um berne arruinado; e dei volta pelo Engenho, por causa duma esporada de mandy na mão do Zé Vicente. Ahi estão duas doencinhas que parecem de nada e ameaçam levar os doentes. Dou mais por sô Quim Capitão, que não é homem de ir assim entregando a pálha com a rapadura. Esse é dos抗igos, a vida nelle está mais agarrada. Porque hoje, sr. doutor, com a descoberta desses vapor e desses automovel, a gente anda mais depressa, mas também vive mais depressa. Tudo vem mais cedo, até a morte. No meu tempo creança começava a adentar depois de

um anno; hoje, com cinco, seis meses... Antigamente as creancinhas nasciam de olhos fechados, feito cachorrinho; só os abriam no fim de oito dias; hoje tudo nasce arregaladinho e esperto, como se já entendessem as cousas. Sô Quim é duro, não vae assim em dois arrancos. Se me attendesse, eu o punha bom, porque doença que entra com a friagem, cura-se pelo systema antigo, com tartaro em folha de laranja; se o estamo não acceita, a gente põe uma chave na mão, p'r'a não vomitar; no dia seguinte, sangria, p'ra força da doença sahir; depois, qualquer cordial cura. Emfim... emfim...

Soffreou de novo minha attenção erradia, proseguindo:

— Emfim, se faz bem ou mal, não seguindo meus conselhos, só Deus sabe, porque tudo neste mundo é o destino. Eu, na minha comprehensão, sr. doutor, acho que Deus creou o mundo com tudo o que é necessario para nós, e deu, a cada um, um destino. Veja, numa comparação, uma gata que acaba de parir. As mamiquinhas são umas coisas de nada, umas berruguinha que

a gente custa a enxergar. Se der, cada uma, meia colher de leite por dia, é o mais. No entanto, os gatinhos, quando nascem, a mãe vae ficar deitada, e elles vão fuçando no pêlo da gata, até dar com as berruguinhas. Durante dois meses só vivem d'aquelle miseria de leite. E assim mesmo ficam gordos, lustrosos. Que é isso? E' o destino. Noutra comparação... noutra comparação, sr. doutor...

— Arreiem já meu cavallo! — ordenei ás tres mudas, que passavam.

Arreado, despedi-me, montei e fui.

E foi assim que num dia de sol quebrou-se o encanto e pude despegar-me daquelle deleitosa mansão.

Toca para a cachoeira. Receei recomeçar experiencias para pôr o animal em andadura acceitavel; por seu lado, tambem receoso, offereceu-me elle o accordo de um galope macio que, jubiloso, acceitei.

Carrascaes de candeias tortas bor dejavam agora a estrada, interpoladas de asperos pés de fructa de lobo. Não temesse eu melindrar a montada, apea-

ria para colher gabirobinhas do campo, que rescendiam convidativamente da orla do caminho. O chão arenoso é declivado pouco empapara a agua cahida nos ultimos dias, que decorreram num chuveiro pertinaz. A aragem era fresca e, o sol, doce; e, contrastando a penumbra de meu prolongado encérro, sorria-me a natureza o melhor de seus sorrisos.

Aqui e alli fugiam roscas do rio, que carregava aguas barrentas. A's suas margens multiplicara a vasante espraiados tranquillos, que scintillavam ao sol. Já audivel, o rumorejar da cachoeira encorpava-se a cada passo ávante; era uma cortina de sons que se erguia numa nesga do horizonte e que, em pouco, alastrando, ganhava todo o circuito da paisagem, estrondejando compactamente.

Metto-me por um trilho que se desgarra da estrada, em direitura da cachoeira. Cruzo pedestres, já de volta, com saccos e jacás atestados de peixe. Conversam gritando como surdos, para fazerem-se ouvir. Avisto por fim, constringidos entre paredões de rocha,

os rôlos de agua, despenhando-se. São os degraus em que a torrente rabeia, fustigando o leito, como serpente assanhada a encrespar a cauda nervosa. Muita gente: homens nus, ou com tanga, ou só de calças, munidos de toda a sorte de utensilios de pesca, ou outros objectos momentaneamente adaptados a esse uso — balaios ou coadores na ponta de bambús, guarda-chuvas, balaios sustidos nas mãos, peneiras, redes ondeantes como bandeiras, na extrema de varas longas.

A torrente despeja-se aos fluxos e refluxós. Quando a ondada passa, pulam os peixes em cada poço, innumera-veis, projectando-se para o ar, a despedir chispas de prata dos corpos retorsos nervosamente enovelados e vibranteis. E aquelles apparelhos visam todos colhê-los no salto. Se recresce o rôlo líquido, aquietá-se o peixe um momento, esperando que passe, para, em cada socalco, entre o esfervecer dos borbolhões tumultuosos, recomeçar o seu projectar incessante, que o caipira compara a pipocas arrebentando. Abaixo da cachoeira, onde a caudal se rebalsa e retoma a majestade de seu curso len-

to, a agua é torva, quasi negra; e, ao olhar que lhe escruta a profundezas, essa negrura revela-se feita de cardumes de dorsos escuros, que esfervilham, evolucionando processionalmente no bojo dos remansos, esperando o seu turno de lançar o salto. Lembram correição de formigas, faixas migratorias de gafanhotos, perpassando innumera-veis. Lateralmente derivam fios escas-sos, delgadas fitas que traçam sinuosidades no lagedo, fazendo escala em cal-deirões cavados na rocha. Esses filetes que mal humedecem a pedra, são o va-radouro dos peixes infimos, dos embryões de pollegada para menos, que sobem, miniaturas de peixes, por aquellas miniaturas de rio. Nos caldei-rôes enxameiam aos milhares, negre-jando em espiraes — simulacro de ne-bulosas movediças, que são, em vez de formigamento de astros, um rebolir de germens. Sobem como vermes, reptan-do, e aos pequeninos arrancos; e, na intercadencias dos éstos, que estancam os exiguos manadeiros, adherem ao li-mo, expectantes, em fórmas glutinosas de sanguesugas.

Por toda a parte é a obsessão do

peixe. O ambiente tresanda a peixe podre. Ao andar, patinham os pés numa lama mucilaginosa de peixes esmagados. Nas mãos, nas vasilhas, aos montes na margem, ha o contorsionar epileptico de fórmas prateadas. Só se vê peixe e só se pensa em peixe. E' a luta sem trégoas declarada aos pobres viajeiros. Onde os esquece o homem, caçam-n'os siriemas, socós, marrecas, espécimens sem conto de parasitas do rio.

— Pode ser bello, mastiguei; mas monotono e repisado como uma descrição de Zola. Havendo satisfeito uma velha curiosidade, eis-me enfarado, com a saciedade da posse. Isto me confirma a commoda philosophia...

Está visto. Agora, rumo da cidade. Já míngua ao longe o trapejar da choeira. Desobstruidos daquelle som e daquelle vista, meus sentidos se deixam impregnar da suavidade da hora. E' um dia precioso, tocado discretamente a ouro e repassado do perfume do assapeixe branco, cujos capuços rescedem ás margens da estrada. Meu animal chouta intelligentemente. Já diviso, espapaçada e immensa, a fazenda da Paineira, que dormita no silencio

dos vastos campos, alheada da vida, num infindavel coma de gestação.

Quando fronteio o curral, ouço berros e a porteira rechina, dando passagem a alguem, que nesse dia viu demais. E' Sontonho-do-olho-furado, com dois saccos na mão.

— Sô doutor Felix! grita estentoricamente.

Tive um arrepio de terror. Se a tentação vencia, e me ia esquecer de novo alli, outra temporada! Enrijei minha vontade com a evocação do curandeiro terrifíco.

— Pois o fubá, dr. Felix! Não é que já ia sem elle?

— Ora, Sontonho! não é preciso... Até outro dia!

Piquei de esporas, ou, mais propriamente, de calcanhares, tentando fugir; mas, implacável, meu amigo travou solidamente do freio.

— Neste sacco — disse e apontou — está sua encommenda: meio alqueire; neste outro, mais meio, que lhe dou como lembrança de amizade; porque — não é por estar em sua presença — fiquei gostando muito do senhor.

— Obrigado, Sontonho... Mas, co'os diabos! não hei de levar isto comigo.

— Puz em dois saccos para fazer um picoá — explicou a creatura.

E, mau grado minha reluctancia, depois de atar, uma na outra, as boccas dos saccos, atravessou-os na cabeçada dos arreios.

— Então, como não quer portar, boa viagem — disse elle.

— Adeus, Sontonho.

E, dando aos calcanhares, afastei-me precipitadamente.

Agora já não me corria a viagem tão bem. Sentindo o accrescimo de peso, o animal resingava, soccando-me com um trote duro e ameaçando-me com varias acrobacias. Eu deixava-o ir, encolhendo-me na sella, para evitar movimentos que irritassem o bucephalo. O que não parava, eram os saccos. Sacudidos d'aqui pr'alli, batiam-me em compasso os joelhos, polvilhando-me de branco as calças. Tive a idéa de largal-os á beira da estrada; mas receei consequencias imprevistas, dado o gênio incerto e esfogueteadoo da monta-

ria. Achei melhor deitar fatalismo. A viagem, com aquelles saccos, já estava, por sem duvida, prevista na minha pagina do Livro do Destino. Todavia, se assim me vissem a recovar fubá, eu, o juiz municipal do termo! — receei.

Se viram! Comecei a cruzar gente da cidade. O medico, acudindo a um chamado. Os irmãos Faria. A familia Gonçalves. A familia Guimarães. Diabo! Todo o povoado se baldeava nesse dia para outra parte. Cruzou-me o meirinho, um advogado. Santo Deus! Mais duas familias... Agora o interminavel cortejo de um casamento: um cavaleiro, dois, tres, vinte, trinta... Santa Barbara!

Uns cumprimentavam-me, todos observavam-me obliquamente, a maior parte ria-se sob capa, cochichando entre si o que quer que fosse. A face, esbraseando, ardia-me. Suava. E com o suôr o corpo penicava-me, dando-me uma coceira infernal, principalmente no fio da espinha, no ponto exacto onde as mãos não alcançam.

Um estirão deserto — graças a Deus! — e a fazenda do Corrego Fundo.

Apeio, tiro os saccos e entro pisando duro, para desemperrar as pernas.

— O de casa!

— O dr. Felix! O homem sumido! exclamam os vélhos.

— Sim, meus amigos! Mas que reapparece com um presentinho para siá Marcianá!

Entrego-lhe a saccaria. E assim liberto-me, radiante, do picoá de má morte.

D u p l a s u r p r e s a

— E' como lhe digo, sô doutor: a linha da divisa passa por esta cova, a vinte braças de um oleo pardo; por aqui vae descendo...

E o dedo do meu jurisdiccionado ia descendo por um papel sujo, esboço de mappa, de dobras rustidas de velhice.

— Sim, sim! Já me disse isso; mas não posso, absolutamente, dar opinião; procure um advogado de sua confiança, exponha-lhe o caso...

— ... vae descendo, até esbarrar no córgo do Zé Elias. Aqui faz um bico...

Levantei-me, impaciente e puz-me a passear, agitado, pelo escriptorio. Forte maçada! Precisando ir ao Corrego Fundo e aquelle estupor a moer-me a pacienza, com a historia infindavel de seus litigios! Se o não despejei vinte vezes pela janella, é que me commovia a humildade paciente com que acolhia meus phrenesis. Desta vez ainda

emmudeceu, com o papel sujo estendido sobre a perna, á espera.

— Pois vá, vá perguntar a um advogado o que quizer. E olhe, tenho serviço, não posso attender ao sr. toda a vida.

Mau grado estas palavras asperas, meu consulente continuou encrustado na cadeira.

Recomecei meu passear agitado, buscando divertir o pensamento. Sobre a mesa vi, dobrado, o papel azul recebido de manhan. Um doce calor de jubilo filtrou-se-me no espirito. Senti-me feliz. Mas uns gordos autos de embargos, que avultavam logo adeante, esfriaram-me consideravelmente a alegria. Diabo! Tanto atrazo no serviço... Os prazos findos rabujavam em minha consciencia lenga-lengas interminaveis, atassalhando-me de remorsos.

Afastei essa vista importuna e voltei-me para o grammophone. Era uma velha machina, preciosa, que, de emprestimo em emprestimo, se desgovernara desoladoramente. Mas o ultimo emprestimo dera-lhe virtudes raras, muito de meu agrado. Mesmo sem dis-

co tocava musicas de Wagner, ricas de estrepito. Desloquei a mola e elle começou. Primeiro foi um roncar surdo de tempestade que cresce; subito desencadearam-se trovões rolantes de mistura com guinchos inexprimiveis. Em seguida amainou e poz-se apiar e a ringir com um accento tão animal, que bulia nas fibras do coração. Foi nesse ponto que bateram palmas á porta.

— Sr. doutor, licença para tres! — exclamou uma voz de velha.

— Oh! que boa surpresa! — retruquei, correndo ao encontro dos meus amigos do Corrego Fundo.

Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão comsigo e ilhados na sua pobreza, amavam tanto seus habitos tranquillos, que a novidade quasi me alarmou.

— Pois aqui estamos! disse o velho Prospero, entrando. E especialmente para ver o doutor.

Recebi-os jubiloso.

— Um homem solteiro morando sozinho num casarão destes! — admirou-se siá Marciana,

Mostrei-lhes o interior da casa, a cozinha, onde o meu moleque queimava systematicamente o feijão, a horta afundada em hervas altas; depois levei-os ao escriptorio, onde accendi o fogareiro de alcool.

— O sr. tambem é meio cozinheiro, gracejou siá Marciana.

— E faço questão de que me conheçam a força.

Offereci-lhes cadeiras, nas quaes silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos. Raras phrases proferiam, como se os ganhasse uma grande preocupação e, a miúdo, trocavam olhares de intelligenzia, que me intrigavam.

Notei ainda que o sr. Prospero vestia a sobrecasca de grande gala. Muito deveriam ter-se alarmado as borboletas de minha porteira! Pronunciei algumas palavras para puxar palestra; ellas, porém, congelaram-se no silencio dos tres. Trocaram, a esse ponto, novos olhares significativos.

Então o sr. Prospero levantou-se solenne.

— Americo, disse, dê-me os oculos,

Os oculos! Era grave. O velho só os punha em circumstancias excepcionaes.

Ageitou-os atraz das orelhas e, voltando-se de novo para o filho:

— Americo, dê-me a caixinha.

Recebeu das mãos do filho um pequeno volume embrulhado em papel de seda e amarrado com uma fita; e, voltando-se para mim, começou em voz pausada:

— Sr. doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns annos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hospede e sim como filho. No entanto, o senhor — e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente — de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrassemos nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebel-as, para pôl-o mais á vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto ha mezes, ha annos, esperando que não a levasse a mal.

— Mas... ia-me eu defendendo.

— O senhor é muito orgulhoso — e o dedo brandiu de novo — muito

mesmo, por isso, como não queria nosso feijão, tambem, orgulhozinho de pobres! não queriamos as suas pratas. Se tivessemos recursos, nossa vingança seria fazer-lhe um bello presente; não sendo isso possivel, eu, notando que em seus dedos faltava alguma cousa, disse á prima: "Vamos juntando as pratas da "hospedagem" (senti nas faces o grypho da palavra) e lh'as devolveremos sob a forma de um annel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos". E aqui está, sr. doutor Felix, a vingança dos seus piraquaras...

A estas palavras abriu o estojo e estendeu-m'o. Era uma joia bellissima, deitada sobre velludo, tendo no aro as insignias da justiça. No engaste, uma grinalda de brilhantes chammejava á roda de sanguineo rubi.

— Que belleza! exclamei, examinando o mimo; a lição foi boa — castigaram-me o orgulho. Mas os senhores estão tambem mareados deste pecado...

— Nós? — e os velhos admiraram-se.

— Decerto. Castigaram-me por não acceitar seu feijão. Precisam de castigo por engeitarem minhas pratas...

— O caso não é o mesmo, protestou Prospero.

— E', sim, atalhei. A minha desforra, porêm, será immediata.

Depuz o estojo na mesa e, tomando o papelucho azul, entreguei-o solennemente a Americo, dizendo:

— Sr. professor, acceite meus cordiaes parabens!

Americo leu — tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o beiço, ficou pallido e sem fala; e subito atirou-se sobre mim, estreitando-me convulsivamente:

— O' sr. doutor... sr. doutor...

Estava um tanto theatrical, mas era sincero; mais do que eu que, em vez de rejubilar com o seu jubilo, divertia-me com a situação, que me obrigava a attitudes de quinto acto. Essa cousa tão importante para Americo, para mim pouco significava, pois, crear uma escola rural no Corrego Fundo e nomeal-o professor, não fôra exito em que despendesse grande esforço, graças a cer-

tas facilidades de occasião e ao influxo de prestantes intermediarios.

Em quanto Prospero arrancava o alviçareiro telegramma das mãos de Americo, tartamudeava este que nunca ousara esperar que se realizasse um dia o seu sonho secreto. E, lançado em contrastes de sentimentos, ora irradiava, felicissimo, ora turbava-se, duvidoso dos seus proprios meritos, achando a tarefa muito grande para seus hombros frageis.

— Duvída, Americo, duvida bastante, meu amigo — philosophei — que as realidades mais doces são as que saem das duvidas mais amargas.

Inteirados por sua vez da nova, os velhos ficaram uns instantes sem voz, como o Americo; depois, identicamente, tremeram de mãos e labios, e abraçaram-me, e exultaram, e duvidaram — o que me ensinou que os lances da vida são muito parecidos, duas alegrias, pelos modos, assemelhando-se entre si como duas gottas d'agua.

Mas a machina, roncando, annunciou-nos prompto o café. Servi. Bem salgada pareceria a bebida a Prospero, tantas lagrimas nella misturava!

Passamos largo tempo juntos. Prometti ir á fazenda no dia seguinte, para oriental-os sobre as formalidades da nomeação. A' saída foi um não acabar de mutuos agradecimentos.

Retiraram-se, por fim.

Tornado ao escriptorio, retomei o estojo e contemplei melancolicamente a joia coruscante de rebrilhos, calculando commigo o quanto de privações e amarguras se condensariam naquella cercadura chispante e naquella gotta de sangue vivo mineralizado. Em vez da festiva alegria com que os pobrezzinhos contavam, com que aperto de coração eu recebia a sua dádiva!

E considerei a joia, longo tempo, absorto, até que uma voz cava, saída de algum ponto mysterioso da quadra, veio subitamente despertar-me:

— Como lhe dizia, sô doutor, aqui a divisa faz um bico. Ao despois a gente garra córgo abaixo tuda vida, até o angico do pasto do João Juca...

FIM

Últimas edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

VOLUMES PUBLICADOS E PROGRAMMADOS:

Collecção OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS:

Collecção OBRAS PRIMAS UNIVERSAES:

Vol. I — Jack London — O LOBO DO MAR (Traducção de Monteiro Lobato) . .	7\$000
Vol. II — Rudyard Kipling — KIM (Traducção de Baptista Pereira) . .	8\$000
Vol. II — Rudyard Kipling — O LIVRO DA JANGAL (Traducção de Monteiro Lobato) . .	(No prelo)

Collecção VIDAS CELEBRES:

Vol. I — Demitri Merejkovski — NAPOLEÃO
 (Edição ilustrada) — Traducção de Agrippino Grieco (No prelo)
 Vol. II — André Maurois — LYAUTHEY
 (Traducção de Gustavo Barroso) . . (No prelo)

Collecção VIAGENS:

Vol. I — Monteiro Lobato — AMERICA (2.ª edição)	6\$000
Vol. II — Nelson Tabajara de Oliveira — SHANGHAI	5\$000
Vol. III — Caio Prado Junior — U. R. S. S., UM NOVO MUNDO	6\$000
Vol. IV — Nelson Tabajara de Oliveira — JAPÃO. (No prelo)	

c

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06293 0618

BOU

OCT 5 1945

UNIV. OF MICH.
LIBRARY

